

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS  
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL (DINTER)

PROVÉRBIOS CABINDA EM TAMPAS DE PANEAS:  
Uma análise a partir da Psicolinguística da leitura e  
da Teoria dos Espaços Mentais

CÉSAR COSTA VITORINO

PORTO ALEGRE (RS)  
2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE  
LINGUAGENS DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL (DINTER)

CÉSAR COSTA VITORINO

PROVÉRBIOS CABINDA EM TAMPAS DE PANEAS:  
Uma análise a partir da Psicolinguística da leitura e da Teoria dos Espaços Mentais

PORTO ALEGRE (RS)

2014

CÉSAR COSTA VITORINO

PROVÉRBIOS CABINDA EM TAMPAS DE PANEAS:  
Uma análise a partir da Psicolinguística da leitura e da Teoria dos Espaços Mentais

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em Convênio com a Universidade do Estado da Bahia – Doutorado Interinstitucional (DINTER).

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lilian Cristine Hübner

PORTO ALEGRE  
2014

V845 Vitorino, César Costa

Provérbios cabinda em tampas de panelas: uma análise a partir da psicolinguística da leitura e da teoria dos espaços mentais/César Costa Vitorino - Porto Alegre, 2014  
120 f. : il.

Tese (Doutorado) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Programa de Pós-Graduação em Letras Universidade do Estado da Bahia Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. Doutorado Interinstitucional (Dinter)  
Orientadora: Profª Drª Lilian Cristine Hübner

1 Psicolinguística. 2 Provérbios Cabindas. 3. Linguística Cognitiva. 4. Teoria dos Espaços Mentais. I. Título

**CDD 401.9**  
**CDD 371**

CÉSAR COSTA VITORINO

PROVÉRBIOS CABINDA EM TAMPAS DE PANEAS:  
Uma análise a partir da Psicolinguística da leitura e da Teoria dos Espaços Mentais

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em Convênio com a Universidade do Estado da Bahia – Doutorado Interinstitucional (DINTER).

BANCA EXAMINADORA

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lilian Cristine Hübner - PUCRS

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Emília Helena Portella Monteiro de Souza - UFBA

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Gabriel - UNISC

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Cristina Zimmer - UNIRITTER

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristina Lopes Perna - PUCRS

À minha avó materna, Maria de Lourdes Costa (*in memoriam*), e à minha mãe Lindinalva Costa Vitorino (*in memoriam*) com quem aprendi que o segredo do filho bem sucedido é a integridade do caráter.

A meu pai, Arnaldo Longuinho Vitorino, que, com o bom humor que lhe é peculiar, recita constantemente o provérbio “*Se quer que seu amor lhe deixe, coma primeiro a carne e depois o peixe.*”

Às minhas tias, Eulina Vitorino de Souza e Raimunda Longuinho Vitorino, pela forma carinhosa ao me perguntarem “Como está você, Cesinha?”.

Aos meus familiares (tio materno: Jorge Costa; irmãos: Josias, Levi, Joel, Sérgio, Marcos e Márcio; cunhadas: Cristina, Ana Márcia, Mari, Kátia, Neide, Verônica e Natália; sobrinhos: Joab, Raíssa, Hosana, Mainara, Maurício, Leonardo, Gabriel, Lucas, Lívia, Lídia, Vitória Lavínia, Cíntia, Tarique, Max, Lisna e Kevin Luis; sobrinhos netos: Ana Kelly, Rayllan, Ana Luiza e Kauã) que tanto vibram com minhas conquistas.

A Lilian Cristine Hübner, pela atenção e firmeza nos ensinamentos.

A Constância Maria Borges de Souza, pelo apoio e incentivo constantes.

A Dona Isaura Gomes Campos (*in memoriam*), religiosa de muita fé, por me lembrar da passagem do Salmo 91:11 “Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos.”

Aos meus alunos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e da Fundação Visconde de Cairu (FVC), pelo respeito e admiração que demonstram constantemente.

## AGRADECIMENTOS

A Profª Drª Lilian Cristine Hübner, pela orientação competente, ética profissional e por me permitir entender um pouco mais sobre processamento de leitura e Teoria dos Espaços Mentais.

Às Profª Drª Maity Simone Guerreiro Siqueira e Profª Drª Márcia Cristina Zimmer, pelas contribuições valiosas quando do exame de qualificação.

Ao Ex-Reitor da UNEB, Professor Lourivaldo Valentim da Silva, pelo empenho em capacitar em serviço os docentes da Universidade.

Em especial, à Profª Vitória Lúcia Costa Almeida, uma verdadeira mãe, por ter cuidado da minha saúde para que o meu desejo de concluir o Doutorado pudesse ser um sonho possível, dizendo sempre: “o bom peregrino caminha com lentidão, porém com precisão.”

À Profª Elisete França, amiga de todas as horas, e ao seu esposo Gilson França, pelas gentilezas da carona diariamente e das brincadeiras “Vamos deixar o mestre em casa para que ele possa escrever a tese”.

À Profª Drª Constância Maria Borges de Souza, pela amizade de tantos anos, pelos conselhos constantes e por me lembrar diariamente que a cabeça de uma pessoa faz dela um rei.

À Profª Drª Márcia Rios da Silva, Coordenadora Operacional do DINTER/Doutorado Interinstitucional /CAPES/UNEB/PPGL/PUCRS Dinter Novas Fronteiras, autora do livro *O rumo(r) das cartas: um estudo da recepção de Jorge Amado* e com Jorge Amado deve ter aprendido que sem democracia não há socialismo.

À Profª Rosa Maria Ferreira, amiga-irmã, com quem aprendi que a melhor forma de ser crítico é assumir a ingenuidade do outro.

À Profª Drª Yeda Antonita Pessoa de Castro, sábia pesquisadora etnolinguista, por me incentivar constantemente a estudar mais e mais sobre cultura africana.

À Profª Hildete Santos Costa, pela verdadeira amizade, com quem aprendi que o provérbio “*Os cães ladram e a caravana passa*”, quer dizer: as maledicências não possuem força suficiente para impedir uma caminhada firme.

Aos amigos Antonio Peleteiro Tourinho, Oddone Braghiroli Neto, Jacielma de Oliveira Freire de Miranda, Isabella Pereira Nóbrega, Janaína Saraceno, Gustavo Rossini Augusti e Leonardo Pimenta, por me lembrar que palavras agradáveis são como favo de mel: doces para a alma e medicina para o corpo.

Ao amigo do peito, Angelo Márcio Correia da Conceição, por ter me acompanhado e ajudado muitíssimo no período em que residi em Porto Alegre.

À Profª Yara Franco Rodrigues, gaúcha de nascimento, verdadeira irmã, por ter me levado a diversos pontos culturais e de entretenimento no Rio Grande do Sul com o mesmo espírito de solidariedade que os baianos têm.

À Profª Amanaiara Conceição Miranda, pesquisadora do grupo de pesquisa NGEALC-UNEB, pelos muitos artigos doados sobre Provérbios africanos.

À Profª Maria Celeste Freitas Moreira, grande amiga, por me lembrar que o amor, a perseverança, a humildade, o respeito e a união devem estar presentes no coração de cada um de nós, e ter assumido algumas turmas de minha responsabilidade na PARFOR para que eu me dedicasse ao Doutorado.

À Profª Drª Hilda Ferreira, Coordenadora Geral da PARFOR, pela flexibilidade nos meus horários na PARFOR, desejando a conclusão do Doutorado.

À Profª Maria Elisa Silva, que demonstra como paraibana determinada que “amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito”.

À Profª Drª Maria Conceição Reis, Coordenadora do Colegiado do curso de Letras da UNEB, por me poupar de muitas turmas para que tivesse tempo para escrever a tese.

À Profª Geisa Arlete Santos do Carmo, Coordenadora do Curso de Pedagogia da FVC, por ter autorizado a minha dispensa das aulas no período em que morei em Porto Alegre.

À Profª Drª Lúcia Maria de Jesus Parcerro, por me desejar sempre o bem através de mensagens de encorajamento para concluir o Doutorado.

À Profª Drª Norma da Silva Lopes, por me perguntar sempre como vai a tese.

À Profa. Drª Rosa Helena Blanco Machado, estudiosa da Análise do Discurso, por me dizer sempre: “Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima.”

À Profª. Drª Lígia Pellon Bulhões, estudiosa da Sociolinguística Interacional, por me lembrar que a existência de um indivíduo é afirmação permanente da vida.

À Profª. Drª Iraneide Santos Costa, amiga-irmã, pelos muitos livros presenteados sobre a temática da minha tese.

À Profª. Drª Vera Wannmacher Pereira, que me permitiu desvendar segredos referentes aos neurônios da leitura, de forma competente e prazerosa.

Ao Prof. Dr. Alberto Oliveira Pinto, pesquisador da cultura cabinda, pelos livros enviados de Lisboa.

Aos professores da PUCRS, em especial Leda Bisol, Vera Teixeira Aguiar, Jorge Campos Costa, Leci Borges Barbisan, Cristina Perna, Maria da Glória di Fanti, Cláudia Brescancini, que me despertaram cada vez mais o desejo de me aprofundar nos estudos linguísticos.

Às Secretárias Isabel e Tatiana de Fátima da Pós-Graduação Letras PUCRS, pelas gentilezas.

À Profa Drª Sabrina Pereira Abreu, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com quem aprendi segredos de fundamentação filosófica e metateórica de textos básicos para a compreensão do modelo Sentido-Texto.

Aos meus colegas do DINTER PUCRS/UNEB, pelo convívio e encorajamento nesta trajetória acadêmica.

À UNEB – Universidade do Estado da Bahia – pela licença remunerada, para realizar este estudo.

À Profª Maria de Fátima Vieira Nolêto, professora-amiga-irmã, pela constante preocupação com a minha qualificação profissional.

À Profª Drª Stela Rodrigues, pelos nossos calorosos debates sobre a Teoria dos Espaços Mentais.

À Profª Norma Neide Queiroz, pela eterna dedicação à UNEB e incentivo para realização do meu Doutorado na PUCRS.

À Profª Maria de Lourdes Pinto dos Santos, espécie de fada madrinha, pelos excelentes conselhos no início da minha vida enquanto professor no ensino superior.

À CAPES, pela bolsa concedida durante os nove meses que passei em Porto Alegre.

Aos colegas do Colegiado de Letras da UNEB / Campus I, que apoiaram a minha liberação, assumindo as aulas.

Aos meus amigos do DCH do Campus I, sobretudo ao Prof. Dr. Antônio José Batista de Azevedo, Diretor do Departamento, pelo apoio nesta etapa de trabalho.

Às minhas amigas Cláudia Madalena Feisteur e Rita Angélica Luz, companheiras da mesma jornada, com quem dividi estudos e discussões durante o curso.

Aos amigos e amigas de toda vida Adailton Ferreira dos Santos, Adelaide Rocha Badaró, Ademário Mendes Alencar, Conceição Guerreiro, Edileusa Alves, Expedito Fraga, Ivonete Amorim, Jorge Luís Gomes Campos, José Vieira Moreira, Lise Arruda, Maria Neide Bonfim Almeida, Renê Piloto, Márcia Santos Cerqueira, Nabucodonosor Pereira da Silva, Rita Oliveira, Vera Brito e Vitória Paulina, pela amizade e solidariedade.

Aos amigos mais recentes Rogério Rocha e Luiz Pedro Fraga, pedagogos de formação, por terem dado assistência diuturnamente no período em que morei em Porto Alegre.

À minha afilhada Mirelle Santos Motta, por orar sempre para que Deus me proteja. A Deus que me deu serenidade para concluir este trabalho.

*Os provérbios são pedaços de sabedoria que, bem digeridos,  
proporcionam excelente nutrição ao espírito.  
(Benjamin Franklin)*

## RESUMO

A pesquisa relacionada ao estudo de provérbios Cabinda em tampas de panelas, buscando articulação entre a Teoria dos Espaços Mentais (TEM) e teorias psicolinguísticas, é inovadora na área de Linguística. Este estudo tem como objetivo geral discutir o modo como se constrói a interpretação dos provérbios africanos, articulando a análise do material lexical que os sustentam a partir da concepção de leitura na Perspectiva da Psicolinguística (PP) e da Linguística Cognitiva (LC), especificamente da Teoria dos Espaços Mentais (TEM). Para tanto, este estudo analisou conselhos, em forma de provérbios, que os cabindenses, povo africano, tinham a dar aos filhos antes e depois do casamento, apresentados em tampas de panelas de barro, onde cada figura apresentava uma locução proverbial, contendo, muitas vezes, uma admoestação ou sentença moral. A partir do objetivo geral delimitado acima, procurou-se discutir os conceitos de provérbios como objetos etnográficos que expressam valores culturais de uma determinada comunidade. Buscou-se, também, explicar à luz da Psicolinguística a relação entre contexto-leitor-texto e, particularmente, como se dá esta tripla articulação na compreensão de provérbios africanos. Da mesma forma, examinou-se a relação entre inferências e produção de sentidos a partir da concepção da TEM, analisando os processos cognitivos relacionados à linguagem como aspectos que, ao mesmo tempo, constituem e são constituídos pelas e nas práticas sociais e culturais. A análise reportou-se a seis provérbios oferecidos ao filho antes e depois do casamento, coligidos por Vaz (1969). As análises dos provérbios à luz da TEM permitem postular que a capacidade de agrupar diversos espaços mentais, assim como a de criar novos espaços (espaço mesclado), caracterizam a cognição na espécie humana. Como a psicolinguística pode explorar as relações entre provérbios e processos de compreensão, buscamos uma ponte com a TEM para nos ajudar a perceber as operações envolvidas na construção de sentidos. Os espaços mentais trazem representações parciais de elementos e relações entre eles em um cenário que pode ser percebido, compreendido, imaginado, lembrado e sonhado. Para a TEM, a compreensão dá-se por meio da criação, da articulação e da integração dos espaços mentais. Nesta tese, as mensagens impressas nas tampas de panelas nos permitem compreender que a linguagem está sempre presente, materializada em objetos, formas e representações gráficas.

**Palavras-chave:** Provérbios Cabinda. Psicolinguística. Inferências. Linguística Cognitiva. Teoria dos Espaços Mentais.

## ABSTRACT

The research related to the study of Cabinda proverbs in pot lids, seeking an articulation between the Theory of Mental Spaces (TMS) and psycholinguistic theories, is an innovative area in Linguistics. This study aims at discussing how the interpretation of African proverbs used by the *Cabinda*, African inhabitants, is built, linking the analysis of lexical material that they support to the conception of reading in Psycholinguistics and Cognitive Linguistics perspectives, specifically in the TMS. Therefore, this study allows us to analyze some advice that *cabindenses* gave to their children before and after marriage, with such advice engraved on clay pot lids, where each figure shows a proverbial phrase, often containing a warning or a moral judgment. From the general objective cited above, we tried to discuss the concepts of proverbs as ethnographic objects that express cultural values of a particular community. We also sought to explain in the light of Psycholinguistics the relationship between context – reader – text and particularly their triple relationship in processing African proverbs. Moreover, we intended to examine the relationship between inferences and meaning production from the standpoint of the TMS, considering the need to understand cognitive processes related to language as aspects that, at the same time, constitute and are constituted by and in the social and cultural practices. The analysis will refer to six proverbs offered to the child before and after marriage, collected by Vaz (1969). Since psycholinguistics can explore relationships between proverbs and comprehension processes, we searched a link with TMS aiming at improving our understanding about the operations involved in meaning construction. The analyses of the proverbs in the light of the TMS allow us to postulate that the ability to group different mental spaces as well as the ability to create new spaces (blending) characterize cognition in human beings. Mental spaces bring partial representations of elements and relationships between them in a setting that can be perceived, understood, imagined, remembered and dreamed. According to the TMS, comprehension takes place through the creation, articulation and integration of mental spaces. In this thesis, the messages printed on the lids of pots allow us to understand that the language is always present by materializing in objects, shapes and graphic representations.

**Keywords:** Cabinda proverbs. Psycholinguistics. Cognitive Linguistics. Theory of Mental Spaces.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |     |
|---|-----|
| Quadro 1 - Mensagem que abre o capítulo I do livro <i>Filosofia Tradicional dos Cabinda</i> .....   | 20  |
| Quadro 2 - Classificação de Inferências.....  | 45  |
| Quadro 3 - Questões relativas à inferenciação .....   | 48  |
| <br>  |     |
| Figura 1 - Mapa da África .....   | 29  |
| Figura 2 - Esquema de etapas do processo de leitura .....   | 38  |
| Figura 3 - Descrição sintática e semântico-pragmática do provérbio <i>Quem corre, cansa</i><br>pelo processo cognitivo de mesclagem ..... | 56  |
| Figura 4 - Modelo dos quatro espaços .....  | 67  |
| Figura 5 - Mesclagem metafórica como rede de integração .....   | 77  |
| Figura 6 - Representação do Provérbio 1 – Cada um é como Deus o fez.....  | 82  |
| Figura 7 - Representação do Provérbio 2 – Quem te avisa, teu amigo é .....  | 83  |
| Figura 8 - Representação do Provérbio 3 – Não se pode fazer a par, comer e assoprar .....   | 84  |
| Figura 9 - Representação do Provérbio 4 – Quem cala consente .....  | 86  |
| Figura 10 - Representação do Provérbio 5 – Guarda o que não presta, terás o que<br>precisas. ....   | 87  |
| Figura 11 - Representação do Provérbio 6 – Mais vale pouco que nada. ....   | 88  |
| Figura 12 - Provérbio 1 – Cada um é como Deus o fez .....   | 91  |
| Figura 13 - Provérbio 2 – Quem te avisa, teu amigo é .....  | 93  |
| Figura 14 - Provérbio 3 – Não se pode fazer a par, comer e assoprar .....   | 96  |
| Figura 15 - Provérbio 4 – Quem cala consente .....  | 98  |
| Figura 16 - Provérbio 5 – Guarda o que não presta, terás o que precisas .....   | 101 |
| Figura 17 - Provérbio 6 – Mais vale pouco que nada. ....  | 103 |

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

|       |   |
|-------|---|
| AC    | Antropologia Cognitiva                                |
| CCSUP | Construção Condicional Subjetiva Universal Proverbial |
| FTC   | Filosofia Tradicional dos Cabinda                     |
| GC    | Gramática das Construções                             |
| HSC   | Hipótese Sociocognitiva da Linguagem                  |
| LC    | Linguística Cognitiva                                 |
| MCI   | Modelos Cognitivos Idealizados                        |
| PE    | Produção e Expansão                                   |
| PP    | Perspectiva Psicolinguística                          |
| RIE   | Relação de Implicação Estabelecida                    |
| SN    | Sintagma Nominal                                      |
| SV    | Sintagma Verbal                                       |
| TC    | Teoria Cognitivista                                   |
| TCM   | Teoria Conceptual da Metáfora                         |
| TEM   | Teoria dos Espaços Mentais                            |
| TGR   | Traços Genéricos da Rede                              |
| V     | Verbo   |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>14</b>  |
| <b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>   | <b>17</b>  |
| 2.1 PROVÉRBIOS: ASPECTOS HISTÓRICOS, CARACTERIZAÇÃO E OS<br>PROVÉRBIOS CABINDA .....                         | 17         |
| 2.1.1 Provérbios: caracterização e contexto histórico .....  | 17         |
| 2.1.2 Os provérbios Cabinda: origem e constituição.....  | 27         |
| 2.2 A PSICOLINGUÍSTICA E A TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS (TEM) E SUA<br>RELAÇÃO COM PROVÉRBIOS.....             | 31         |
| 2.2.1 Bases teóricas da visão Psicolinguística sobre o processamento da leitura .....                        | 31         |
| 2.2.2 As muitas facetas das inferências: conceptualização.....   | 41         |
| 2.2.3 O processo de produção de inferências e a leitura de provérbios.....                                   | 48         |
| 2.2.4 Bases teóricas da Teoria dos Espaços Mentais .....   | 53         |
| 2.2.5 A TEM e a inferenciação.....   | 60         |
| 2.2.6 Aplicação da TEM à compreensão de provérbios.....  | 62         |
| 2.2.7 Linguagem, cultura e cognição: relações entre Linguística Cognitiva e cultura ..                       | 64         |
| <b>3 METODOLOGIA .....</b>   | <b>79</b>  |
| 3.1 QUALIFICAÇÃO DA PESQUISA .....   | 79         |
| 3.2 QUESTÕES NORTEADORAS .....   | 79         |
| 3.3 OBJETIVOS .....  | 79         |
| 3.3.1 Objetivo geral .....   | 79         |
| 3.3.2 Objetivos específicos.....   | 80         |
| 3.4 PROCEDIMENTOS PARA SELEÇÃO DOS PROVÉRBIOS E ANÁLISE DOS<br>DADOS .....                                   | 80         |
| 3.5 CARACTERIZANDO OS PROVÉRBIOS: A APRESENTAÇÃO FÍSICA E A<br>CONSTITUIÇÃO DOS PROVÉRBIOS CABINDENSES ..... | 81         |
| 3.6 ANÁLISE DOS PROVÉRBIOS À LUZ DA PSICOLINGUÍSTICA E DA TEM.....   | 81         |
| 3.6.1 Análise dos Provérbios na visão da Psicolinguística da leitura.....                                    | 82         |
| 3.6.2 Análise dos Provérbios à luz da TEM.....   | 90         |
| <b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>106</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>111</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo de provérbios africanos nos permite observar a cultura e, sobretudo, a identidade do povo cabinda, em Angola, África. Cada provérbio se mostra, no seu dia a dia, nas manifestações de seu povo, como uma sentença moral que expressa uma verdade adquirida através da experiência de vida de uma comunidade. O provérbio é, quase sempre, construído através de uma frase curta, capaz de fazer referência a diversas questões da existência do ser humano.

Na maioria das culturas orais da África Negra, os provérbios constituíam-se em momento de grande privilégio para a transmissão de uma sabedoria tradicional. Por estarem centrados, prioritariamente, em valores comunitários, os provérbios, de certa forma, apelavam para uma agilidade de espírito capaz de atualizar o conhecimento da experiência ancestral.

O povo cabinda tinha os seus conselhos a dar, um autêntico compêndio doutrinal de real apreço, apresentado em tampas de panelas de barro. É nos possíveis diálogos entre os animais e as coisas a dialogar, tal como os antigos fabulistas, que os vícios humanos são apresentados em forma de provérbios.

Os provérbios ajudam na construção de valores éticos e morais de uma sociedade. Eles são estudados por uma disciplina chamada paremiologia. No entanto o termo designa também o conjunto dos provérbios de um país, como na expressão “paremiologia cabindense”, que se refere ao conjunto de provérbios em tampas de panelas recolhidos por Vaz (1969) para explicar em quais situações familiares determinados provérbios eram oferecidos. Para muitos pesquisadores, a sabedoria proverbial não é muito diferente de um país para outro, por este motivo alguns antropólogos analisam os provérbios por seu *ethos* e visão de mundo, usam como corpus os provérbios de uma nação, região ou até mesmo de um único vilarejo. Os provérbios, possivelmente, nos dizem muita coisa, mas eles não revelam tudo.

O interesse de nossa pesquisa é selecionar 6 (seis) provérbios Cabinda para serem analisados à luz da Teoria dos Espaços Mentais (doravante TEM) aliada a bases teóricas advindas da Psicolinguística.

A leitura não é uma atividade abstrata, sem finalidade. Pensar na relação entre leitura e compreensão de provérbios africanos é ousar buscar explicações no que está dito nas entrelinhas. Os significados dos provérbios mudam com o passar do tempo. Por isso, esta pesquisa tem como principal interesse relacionar os provérbios africanos oferecidos aos filhos antes e depois do casamento ao seu contexto sócio-histórico.

Nesta tese, partimos do pressuposto de que as inferências são construídas no decorrer

da leitura, por isso tanto a formação de inferências é influenciada pela representação mental já construída, quanto à representação mental é particularmente o resultado das inferências feitas. Reforça-se, então, a ideia de que inferências são recursos cognitivos de compreensão do texto que devem ser ativadas. Coscarelli (2002b, p.14) concorda que as inferências referem-se às operações cognitivas que são realizadas pelo leitor a partir do momento em que este é capaz de construir proposições novas no momento da leitura, ou seja, “as inferências são informações que o leitor [...] adiciona ao estímulo linguístico por ele recebido, com o aval desse estímulo”.

Este estudo tem como objetivo geral discutir o modo como se constrói a interpretação dos provérbios africanos, articulando a análise do material lexical que os sustentam a partir da concepção da Psicolinguística da leitura e na visão na TEM.

Defende-se, neste trabalho, que os provérbios Cabinda, ofertados aos filhos antes e depois do casamento, enquanto objetos etnográficos expressam valores culturais de uma comunidade em que os noivos ou maridos revelavam o sentir do coração sempre que um acontecimento-chave tocava a sua relação conjugal.

São também objetivos deste trabalho: a) discutir os conceitos de provérbios como objetos etnográficos que expressam valores culturais de uma determinada comunidade; b) explicar à luz da psicolinguística a relação entre leitura-leitor-texto e particularmente a tripla relação na compreensão de provérbios africanos; c) examinar a relação entre inferências e produção de sentidos; d) discutir a partir da concepção da Linguística Cognitiva (LC), mais especificamente, da Teoria dos Espaços Mentais (TEM), a necessidade de se compreenderem os processos cognitivos relacionados à linguagem como processos que, ao mesmo tempo, constituem e são constituídos pelas e nas práticas sociais e culturais.

O trabalho constitui-se de três capítulos, além da introdução. No segundo capítulo, são apresentadas as definições de provérbios a partir de diferentes olhares; apresentamos, ainda, reflexões a respeito de estudos de provérbios, caracterizando o contexto histórico, a origem e sua constituição, discutimos a relação contexto-leitor-texto na compreensão de provérbios; apresentamos teorias psicolinguísticas sobre leitura e inferenciação, as bases teóricas relacionadas ao processamento de leitura, a leitura sob o enfoque de estratégias cognitivas numa perspectiva discursiva, bem como reflexões relacionadas à análise psicolinguística do ato de ler e discutimos o processo de produção de inferências com a compreensão e aplicação da TEM relacionadas ao estudo dos provérbios com enfoque no cognitivismo. Estabelecemos relação entre a TEM e a inferenciação, argumentando a respeito da relação entre linguagem, cultura e cognição.

O terceiro capítulo apresenta o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa de cunho bibliográfico, mostra a aplicação do método utilizado e os critérios de seleção dos seis provérbios analisados, discute a respeito da apresentação física e da constituição dos provérbios Cabinda; analisa os seis provérbios à luz da Psicolinguística e da TEM.

Por fim, o quarto capítulo apresenta as considerações finais, bem como o campo de atuação deste trabalho e os desdobramentos futuros descortinados pela presente pesquisa, seguidos das referências que serviram de suporte ao texto. As referências, enquanto elementos pós-textuais, informam ao leitor os teóricos que deram suporte à construção da tese.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 PROVÉRBIOS: ASPECTOS HISTÓRICOS, CARACTERIZAÇÃO E OS PROVÉRBIOS CABINDA**

O objetivo deste capítulo é apresentar e discutir definições de provérbios, caracterizando-os e introduzindo seu contexto histórico. Em seguida, serão discutidas questões relativas especificamente aos provérbios Cabinda, tema de estudo da tese.

#### **2.1.1 Provérbios: caracterização e contexto histórico**

Os provérbios expressam valores culturais de uma determinada comunidade. Eles ajudam na construção dos valores éticos e morais de uma sociedade. Em seu conjunto, são frases que retratam as realidades humanas. Nem sempre os provérbios são entendidos. Podem perder seu sentido com o tempo, ou mudá-lo, uma vez que se encontram sempre inseridos num contexto histórico. Inicialmente apresentaremos estudos mais recentes relacionados a provérbios.

Naciscione (2013) explora os provérbios a partir de um ponto de vista estilístico. Para ela, os provérbios são unidades figurativas estáveis da linguagem; eles são parte da memória de longo prazo coletiva de uma nação. Argumenta que, na perspectiva cognitiva, os provérbios surgem do pensamento figurativo, quer na utilização do núcleo ou na utilização estilística instancial. Enfatiza que o funcionamento dos provérbios apresenta uma grande variedade de uso estilístico, ligada a processos cognitivos, os quais determinam as mudanças estilísticas dos provérbios no discurso.

Boke (2012) considera que as línguas funcionam como um veículo através do qual as ideologias são transmitidas na sociedade. Os provérbios, que fazem parte integrante da mesma sociedade, refletem e moldam a vida social em sua forma concisa e estilo autoritário, nos fornecendo inúmeros dados linguísticos para o estudo das crenças culturais e valores sociais de uma determinada sociedade. A pesquisa envolve a comunidade Igikuria, na Tanzânia, e informa o meio pelo qual as relações de poder, baseadas no gênero, são renegociadas na vida cotidiana, mostrando as relações de poder de gênero e o controle social integrado a eles, evidenciando, dessa forma, a cultura e as crenças Igikuria e contribuindo para a discussão sobre a desigualdade de gênero em uma sociedade que se estrutura em um sistema de

parentesco patriarcal e patrilinear em que o nome da família e da propriedade são transmitidos ao longo da linha masculina que tem total controle sobre as mulheres, que ocupam na sociedade um status marginal. Em suas casas, as mulheres são muitas vezes consideradas como membros temporários e peregrinos. Elas são vistas como um prejuízo futuro para a família, enquanto a criança do sexo masculino é vista como um investimento. O baixo status social das mulheres e as atitudes em relação a elas são incorporados claramente nos provérbios locais. Mama (1996), inclusive já afirmava que o advento dos estudos de gênero, na África, nas últimas três décadas e meia, já desencadeou discussões sobre relações desiguais de poder entre homens e mulheres, a dominação dos homens sobre as mulheres e as ideologias que refletem os pontos de vista masculino, neste caso, os provérbios Igikuria recapturam paradigmas de relações culturais de gênero e parecem reafirmar a hierarquia social e cultural das relações de gênero na sociedade patriarcal e patrilinear.

Boaduo (2012) considera que a língua é o principal meio de comunicação entre todos os povos. O grupo étnico de Gana, Asante, um dos principais grupos linguísticos, geralmente denominado Akan, é constituído por uma multiplicidade de etnias cujas línguas faladas são semelhantes e as diferenças estão nos acentos e pronúncia das palavras. No entanto existe uniformidade entre as línguas, no sentido de que os grupos compreendem os dialetos uns dos outros. A educação entre o grupo étnico Asante envolve comunicação oral através de provérbios e idiomas e é uma maneira de reforçar os preceitos morais e sociais através de expressões idiomáticas. Portanto, evidencia-se a forte relação existente entre cultura, e sua transmissão de geração a geração, e os provérbios.

O surgimento dos provérbios parece estar atrelado à evolução dos povos. Na Grécia, o filósofo Aristóteles, na parte da Retórica consagrada à *inventio* (a arte de descobrir materiais verdadeiros ou verossímeis susceptíveis de tornarem plausível o objeto do discurso), possivelmente, incluía os provérbios no conjunto das "provas não artificiais", correspondente ao conjunto dos fatos considerados reais.

Alvarez (2008) informa que, na Índia, temos o livro *Pancha-tantra*, compilado entre 250-300 d.C., como o grande referencial. Nesta obra, procura-se transmitir a sabedoria dos antepassados através dos provérbios, que funcionam como uma espécie de modelo de comportamento.

Na África, os provérbios por nós escolhidos para análise apresentam uma verdadeira riqueza etnográfica. Para seu entendimento, é necessário fazer a leitura da mensagem verbal conectando-a aos vários animais e/ou objetos visualizados nas tampas de painéis. Os provérbios impressos são cartas enviadas uns aos outros: a família ao filho e à filha, antes ou

depois do casamento, para lhes recordar certos princípios fundamentais na nova vida de casados. Eles eram esculpido por um “advogado autóctone” que, mediante pagamento, ouvia a queixa e esculpia na tampa todo o pensamento a transmitir. Encontramos nestes provérbios um código perfeito das leis civis, tribais, morais e sociais das gentes do distrito de Cabinda<sup>1</sup> (Angola/África), como será discutido nesta tese. Nas considerações feitas a seguir pode ser comprovada a importância dos provérbios enquanto expressão da sabedoria popular.

Desse modo, Ribas (1979), sob a designação geral de provérbios, engloba os provérbios propriamente ditos, os adágios, os rifões e demais manifestações culturais afins. Estas expressam a sabedoria popular e, por isso, segundo o próprio escritor, sua recolha levou cerca de oito anos. Para alcançarmos uma compreensão mais profunda dessas frases e dizeres, é preciso ler a respeito da história e da cultura do povo kimbundu, desvendando metáforas e alegorias de que se revestem seus ditos e provérbios. Segundo Ribas (1979, p. 132), “a despeito da obscuridade apontada, o que não exprime senão um cunho de profunda agudeza, impregna-se o provérbio de misteriosa beleza”. Alguns dos provérbios listados por Ribas (1979, p. 132) são: “A quem viste de noite, de dia não esqueces”. Ou seja, devemos ser agradecidos aos nossos benfeitores, “Galinha que gosta de esgravatar, com a raposa vai” (RIBAS, 1979, p. 152). Ou seja: Quem muito se expõe, muito se arrisca, “Quem parte a canoa, com as suas tábuas vai” (RIBAS, 1979, p. 165). Ou seja: Cada qual responde pelo que faz, “A pessoa é como o dedo” (RIBAS, 1979, p. 171). Isto é: O tempo não faz esquecer as pessoas do nosso conhecimento. A compilação de provérbios feita por Ribas tinha como intenção preservar uma grande parcela dos saberes ancestrais passados de geração em geração, principalmente pelas mulheres idosas das aldeias. A preocupação do etnógrafo angolano era resguardar a cultura local que ele via ir desaparecendo com as mudanças de costumes e os novos hábitos trazidos pela imposição do “progresso”. Adverte ele, na introdução da coletânea de provérbios:

Com a civilização, cuja fogueira se alimenta com a destruição do exótico, os provérbios estão perdendo a vitalidade: as actuais gerações, numa deplorável vergonha pelas coisas de sua terra, só querem o que é europeu. E ai daquele que ousar perguntar a alguém, já meio liberto do ambiente ancestral, qualquer prática de seu tradicionalismo! (RIBAS, 1979, p. 132)

Os provérbios são utilizados desde a antiguidade nas interlocuções dos indivíduos. Eles são considerados por estudiosos da etnolinguística, antropologia cultural e antropologia

---

<sup>1</sup> O nome Cabinda surgiu da aglutinação do termo “Mafuca”, que no idioma *woyo* significava o cargo do responsável do comércio do Rei, e o seu nome próprio *Binda*. Daí *Manfuca Binda*, passando depois a localidade a chamar-se Kabinda, e mais tarde Cabinda (MARTINS, 1972, p. 38).

linguística como uma produção cultural e fonte de informação, além de serem amplamente utilizados popularmente e incorporarem atitudes populares. Para muitos pesquisadores, o modo mais rápido de entender uma pessoa ou uma determinada cultura é aprender os provérbios a elas relacionados.

Sabemos que:

Os provérbios têm origem num exercício de síntese a partir de um processo complexo de integração. Imagine que alguém está tentando conseguir um emprego público, vem estudando com afinco, mas até aquele momento não conseguiu aprovação em nenhum concurso. Perguntando-nos o que fazer, lhe respondemos: ‘Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura’. Dizendo isso, nosso objetivo é que ele integre a lição da água à sua vida pessoal e que não desista de seu intento. Mas esse provérbio, por sua vez, é resultado da integração de uma pequena história a um fenômeno amplamente conhecido: o de que gotas d’água, caindo continuamente sobre uma pedra, ao longo do tempo, conseguem provocar um buraco no local de impacto (ABREU, 2010, p. 78).

Por meio dos provérbios a sabedoria popular é transmitida e perpetuada, apresentando experiências de vida e vivências no campo das relações morais entre as pessoas. Ocorre, por assim dizer, uma espécie de educação invisível na transmissão e uso dos provérbios pelas pessoas, independente de cor, sexo, faixa etária e religião. O uso de provérbios na forma oral ou escrita varia entre as culturas. Devido à importância da discussão sobre o respeito à mulher na África, particularmente às mulheres Cabinda, apresentamos o quadro a seguir:

**Quadro 1 - Mensagem que abre o capítulo I do livro *Filosofia Tradicional dos Cabinda***

***RESPEITO À MULHER***

*A mulher em África é ainda, em muitas regiões, uma mercadoria. Valiosa mercadoria.*

*O noivo e a sua família têm de pagar avultada soma à família da noiva, em dinheiro, gêneros e vestuário. Ao conjunto de todas essas ofertas dá-se o nome de alambamento.*

*Uma vez casado, o homem pensa em descansar e para isso obriga a mulher a trabalhar, chegando mesmo a ser cruel e exigente. Acha, porém, que tem direito a todos esses sacrifícios da esposa, e a descansar, pois a comprou por bom dinheiro.*

*A família aconselha o filho a que seja condescendente e respeitador para com a futura esposa. Mas não deve ser bom demais, sob pena de nunca mais poder fazer vida dela...*

Fonte: Vaz (1969, p. 35)

Na informação do quadro acima, embora se enfatize “Respeito à mulher”, podemos comprovar que o noivo e sua família compra o dote da futura esposa. Há uma “surpresa” quando o homem obriga a mulher a trabalhar e apresenta como justificativa que pagou muito caro por ela e por este motivo ela deve trabalhar enquanto ele descansa. A família do noivo dá conselho para que ele seja respeitador com a esposa, mas enfatiza que o mesmo não deve ser

bom demais. Pelas leituras mais recentes a respeito do continente africano e o tratamento dado à mulher, podemos comprovar que inúmeros estudos de antropólogos e sociólogos apontam que nos dias atuais há uma “exploração” do sexo masculino para com o sexo feminino, principalmente quando são casados. A mulher, em determinadas comunidades mais pobres, faz trabalhos braçais, a exemplo de carregar feixes de lenha sobre a cabeça.

Para apresentar uma visão sucinta, porém sistematizada sobre a história dos provérbios, faremos o percurso de três momentos importantes: Antiguidade, Idade Média e Modernidade, a partir das ponderações de Venclovska (2010).

Na antiguidade, datam do terceiro milênio as primeiras fontes literárias dos provérbios. Podemos considerar os Provérbios de Salomão (? - 932 a. C.) como grande marco. A literatura universal aponta que muitos filósofos utilizavam os provérbios nos seus discursos. Esopo, grande fabulista, partindo da cultura popular, apresentava nos seus escritos animais que falam, cometem erros, são sábios ou tolos, maus ou bons; ou seja, as características dos animais são idênticas às dos homens. As fábulas de Esopo serviram como base para outros escritores ao longo dos séculos.

Na Idade Média, a Igreja, com a vitória do cristianismo, era considerada um instrumento por meio do qual se promovia a cultura e a educação. Como nesse momento usava-se muito o texto escrito para fixar saberes, os “letrados” usavam as máximas, apotegmas, apólogos, fórmulas literárias muito utilizadas pela classe aristocrática da Idade Média e depois pela nova classe senhoril pós-renascentista, para mostrar um certo distanciamento dos “iletrados”, que utilizavam provérbios ligados à vida do campo, vistos como rudes, grosseiros, pelos “letrados”.

Na Modernidade, até o século XVIII, o provérbio era usado com certa frequência, mas caiu em desuso com o início da revolução industrial. A justificativa foi o deslocamento das pessoas do campo para o trabalho nos grandes centros urbanos, o que levou as pessoas a perderem o contato com a natureza, os animais e a vida no campo. Vários estudos, principalmente relacionados à cultura africana, apontam que a utilização de provérbios mantém-se nas culturas onde a agricultura e a vida na aldeia prevalecem.

A importância histórica dos provérbios, assim como de sua preservação, está representada em um grandioso valor para o estudo e a compreensão de procedimentos de determinadas sociedades, pois desenvolver um pequeno esboço histórico e conceitual dos provérbios nos faz refletir a respeito da sabedoria humana. Os provérbios são duplamente estratégicos: primeiramente por seus conteúdos, pois fornecem informações ou teorizam sobre as pessoas, fatos e/ou temas importantes; posteriormente por fazer tudo sem censura, quer

dizer, por abordarem temas e ideias de interesse e/ou acatamento generalizado sem o crivo da censura. A seguir apresentamos argumentos de um pesquisador mais contemporâneo.

Obelkevich (1997) argumenta que todo provérbio serve como veículo não só de conhecimento moral, mas também do prático, daí acrescentar que a definição depende da sua função externa, porque algumas pessoas, principalmente em determinados contextos de fala, fazem uso dessa unidade léxico-fraseológica para dizer a outras pessoas o que fazer ou a atitude que devem tomar em relação a uma determinada situação. Ele salienta que: “Embora sejam fáceis de serem reconhecidos, os provérbios, curiosamente, apresentam dificuldades para sua própria definição [...]”. (OBELKEVICH, 1997, p. 44). Na verdade, Obelkevich (1997) investiga os provérbios adotando um ponto de vista histórico-social. Para ele, os provérbios são definidos pela sua função externa, ou seja, pelo seu papel didático de fornecer um aconselhamento. Por tal motivo, considera ele que não existe homogeneidade discursiva entre os provérbios, a exemplo de: “*Deus ajuda a quem cedo madruga*” x “*Quem espera sempre alcança.*”<sup>2</sup>

Para Obelkevich (1997, p. 53),

[...] Testar os provérbios em busca de coerência lógica, como se fossem proposições em um texto filosófico, está fora de questão [...]. A verdadeira importância dos provérbios contraditórios é que eles chamam a atenção para situações que provocam dificuldades ou ansiedade, ou, ocasionalmente, para forças sociais em conflito [...].

De modo geral, o provérbio é definido como um dito popular, de origem geralmente remota ou desconhecida, que exprime em breves palavras uma ideia útil ou uma verdade corrente. É apresentado numa linguagem simples e familiar, muitas vezes alegórica ou simbólica. Geralmente, o ditado, dito, frase proverbial, máxima, parêmia, expressão idiomática e refrão têm sido considerados sinônimos de provérbio, até pelos lexicógrafos.

No Brasil, estudo realizado por Luyten (1988) mostra que existia uma tendência elitista de se evitar o uso de provérbios por indicarem expressão de cultura popular, principalmente rural. Arnaud e Moon (1993, p. 324) sinalizam que “o provérbio é discursivamente autônomo, a sua irrupção no discurso independe da mudança de tópico conversacional e fora do discurso possui um valor de verdade consensual geral”. Madumulla (2001), estudando os provérbios de uma aldeia remota do oeste africano, destacou o papel

---

2 Na concepção de Obelkevich (1997), os pares de provérbios apresentam informações aparentemente contraditórias, mas não chegam a ser opostas. Trata-se de informações verdadeiras com uso específico para determinada situação. É como se tivéssemos de fazer a melhor escolha para explicar a informação pretendida, podendo ser até uma questão de estilo.

desses provérbios na sociedade, em que são tidos como mentiras para aqueles que não concordam com os provérbios.

Santos (2004), no prefácio do Dicionário de provérbios inglês-português, português-inglês, de autoria de Lacerda e Lacerda (2004), afirma que a delimitação do conceito de provérbio é desafio para quem elabora um glossário desta natureza. Muitos dicionaristas comparam o provérbio aos ditados, enquanto outros fazem relações com máximas, aforismos, gnomas e apotegmas, que, no entanto, por serem de elaboração mais refletida, sentenciosa ou culta, não deveriam equivaler aos provérbios. Há adágios (sentenças morais de origem popular), no Brasil, adotados como título da coletânea indispensável de Leonardo Mota. Há anexins (sentenças populares que expressam um conselho sábio), no Brasil, consagrados na Feira de Anexins do clássico seiscentista D. Francisco Manuel de Melo. João Ribeiro não fazia distinção entre temas e questões diferentes. Ao exibir sua erudição, por ocasião de 1908, englobou tudo sob o título *Frases Feitas* – com o que certamente a Linguística e os estudos voltados à Lexicologia moderna provavelmente não concordariam. Roberto Lacerda, “definindo o provérbio ‘tal como se entende hoje’, reconheceu que, ‘na prática, a distinção entre esses termos nem sempre é fácil’.” (SANTOS, 2004, p. viii). O Livro dos Provérbios do Antigo Testamento possivelmente contribuiu para a generalização do sentido do termo, pois a maior parte dele não é constituída de provérbios propriamente, mas de instruções, conselhos de pais aos filhos, instruções religiosas e poesia didática, contendo sentenças de sábios anônimos inspiradas em máximas egípcias: “faz parte dos Livros sapienciais, e foi ‘Livro da Sabedoria’ o título que lhe deram os primeiros cristãos” (SANTOS, 2004, p. viii).

Os provérbios possuem inúmeras características, mas para o presente estudo, vamos considerar as mais relevantes, a partir do nosso olhar: a) lidam com relações lógicas; b) podem ser metafóricos; c) são anônimos, frutos da experiência de uma determinada comunidade (povo); d) possuem formas fixas, cristalizadas e recursos linguísticos que favorecem a sua memorização; e) refletem maneiras de pensar universais, verdades palpáveis de conteúdo moral ou prático e de veiculação popular que se reveste com uma aparente simplicidade, de componentes bastante diversos.

Saville-Troike (1982), valendo-se da ideia de que os provérbios são atos de fala indiretos, diz que o uso de metáforas e provérbios constitui-se numa estratégia comunicativa comum para despersonalizar o que é dito e, de certa maneira, possibilitar uma maior indiretividade. Assim, no momento em que o falante cita o provérbio, poderá disfarçar os seus verdadeiros sentimentos e utilizá-lo em um provérbio para evitar comprometimentos. Evidenciamos, então, que o falante tem a consciência de que quer chamar a atenção para o

fato de que não é ele que fala, mas que está apenas procedendo a uma citação.

Nieto (1999, p. 18) particularmente no tocante aos ditados do coração afirma: “Entre os provérbios que aludem ao coração encontramos, via de regra, um matiz interessante: o coração é considerado símbolo de toda a interioridade da pessoa, o reduto mais íntimo da verdade total sobre si próprio, o centro das decisões, das ações e das reações [...]”. No caso exposto no parágrafo anterior, há um pouco de conformismo por parte da mulher quando afirma ser necessário “ter paciência”, “é mal de raiz”. Com certeza o coração concentra, une e sintetiza as capacidades humanas, mas quando o coração não se entrega com a sua melhor capacidade, aparece aquilo que Adolfo di Argentine, jurista italiano, denominou síndrome da subjetividade, representada talvez por reflexões como: “um casamento não pode ter problemas: ou é maravilhoso ou se desfaz”.

Menandro, Rölke e Bertollo (2005), à luz dos estudos da psicologia, procederam à seleção de 569 provérbios, cujo quadro resultante viabilizou a discussão de relações entre dizeres consolidados e aspectos contemporâneos das relações afetivas e conjugais. Os provérbios foram distribuídos em 4 grupos: 1) amor, contendo 152 provérbios; 2) casamento e relações conjugais, com 230 provérbios; 3) homem, com reunião de 36 provérbios; 4) mulher, item contendo 149 provérbios. Trazemos estes autores, uma vez que a classificação proposta por eles servirá de base para a análise dos provérbios selecionados para esta tese, cujo tema é o casamento, em duas fases: antes e durante o matrimônio.

Para os pesquisadores, as coletâneas de provérbios podem ter três agrupamentos, ou seja, abranger três tipos de enunciados: 1) maneiras de falar figuradas e metafóricas: *Nunca diga: desta água não beberei*; 2) enunciação de um fato que explicita uma maneira de agir e pensar comum a muitas pessoas: *Pau que nasce torto, morre torto*; 3) transmissão de ensinamentos morais ou conselhos tidos como práticos: *Quem casa, quer casa*. Devido ao fato de os provérbios se constituírem por várias características gramaticais e utilizarem recursos tanto da escrita quanto recursos orais, várias interações e argumentações podem ser apresentadas e podem ser divididas entre as de cunho confirmatório e contestatório.

A pesquisa de Menandro, Rölke e Bertollo (2005) consistiu nas considerações a respeito de casamento e relações conjugais. Esse grupo foi dividido em sete categorias: A) Casamento [ou noivado/namoro] – como Instituição (18 subcategorias); B) Casamento – relações cotidianas (13 subcategorias); C) Casamento – superstições e credices (4 subcategorias); D) Ciúme (4 subcategorias); E) Traição (4 subcategorias); F) Violência (4 subcategorias); G) Diferença de idade e amor / casamento (5 subcategorias).

Pelas análises feitas pelos pesquisadores, como cada categoria comporta várias

subcategorias, apresentaremos apenas alguns exemplos ilustrativos:

- Casamento / noivado / namoro – como instituição, apresenta assimetria homem / mulher quando está em jogo o casamento, representados pelos seguintes provérbios: *Casa teu filho quando quiseres e tua filha quando puderes / Mulher sem marido, barco sem leme*. Mostra-se evidente a hipocrisia sexista que admite que as condições relacionadas ao casamento impõem exigências distintas para homens e mulheres; igualmente, notamos a desvalorização da mulher sem marido.
- Casamento deve ocorrer entre pessoas semelhantes, ou seja, que se complementem, que possuam características, gostos parecidos, o que se encontra representado pelo provérbio: *Se queres bem casar, teu igual vai procurar/Coelho casa com coelha e não com ovelha*. A relação deve constituir-se entre pessoas semelhantes sociocultural e economicamente, pois a similaridade apresentada determinará sucesso na relação.

As outras subcategorias apresentadas foram: a) casamento deve ser indissolúvel; b) casamento por imposição; c) casamento por interesse visto negativamente; d) duração do noivado não pode ser longa; e) preconceito ligado à ideia de casamento (ou de amor); f) casamento não exige oficialização; g) aspectos da cerimônia de casamento; h) grande investimento financeiro requerido pela cerimônia de casamento; i) ficar esperando casamento pode ser perda de tempo; j) há uma idade adequada para casar; l) casar é sempre a melhor opção, mesmo quando não há felicidade; m) não casar é melhor do que mal casar.

Para os pesquisadores Menandro, Rölke e Bertollo (2005), os resultados revelaram um universo cultural construído a partir da perspectiva masculina, no qual estão presentes concepções sobre a natureza feminina e sobre as relações amorosas que justificam o desequilíbrio de poder nas relações conjugais. Justificamos que os pesquisadores foram importantes para pensarmos a relação homem e mulher e entendimento de alguns provérbios.

Com objetivos outros relacionados ao estudo de provérbios temos Xatara e Succi (2008) que propõem uma revisão das considerações apresentadas acerca do provérbio. Para elas, é necessário (re)analisar suas características, fazendo analogias com outros fraseologismos com o intuito de chegar a uma definição mais aceitável, ou melhor, mais adequada dessa lexia complexa.

Xatara e Succi (2008, p. 34) consideram que “o provérbio é uma unidade léxica fraseológica fixa e consagrada por determinada comunidade linguística”. A ênfase dada pelas autoras é que o provérbio, a partir de um enunciado conotativo e sucinto, tem a função de ensinamento, aconselhamento, consolação, advertência, repreensão, persuasão e até mesmo de

praguejamento. Elas apontam como aspectos caracterizadores dos provérbios a sua frequência e a lexicalização. Enquanto a frequência diz respeito à sua ocorrência e desuso, a lexicalização indica que os provérbios são uma unidade léxica complexa, cujo significado não é processado de modo isolado e, para ser entendido, é necessária uma compreensão semântica global, quer dizer, a característica figurada apresentada nos provérbios revela a maneira pela qual esses fraseologismos são percebidos pelos interlocutores e a não composicionalidade procura esclarecer a relação que existe entre os constituintes do enunciado e o produto global.

Retomando, em linhas gerais, a concepção de provérbio, a partir dos argumentos das autoras, diríamos que o provérbio é uma citação de autoridade, pois quando alguém cita um provérbio esse alguém se revela em situação de igualdade ou superioridade para com o seu interlocutor, porque tem em seu poder a sabedoria universal.

Lopes (1992), na escolha do texto proverbial como tema de sua dissertação de mestrado em Coimbra (Portugal), explica que os provérbios são fragmentos de uma sabedoria tradicional, com potencial de flexibilidade de adequação contextual. Para ela, o provérbio é um texto breve e sentencioso, mas é através por meio dele que se podem veicular normas de conduta socialmente consideradas como exemplares.

No estudo realizado, a autora diz que “um provérbio nasce, não no acto de sua invenção, mas no processo de sua absorção pela comunidade” (LOPES, 1992, p. 33). É, por assim dizer, o provérbio um texto anônimo quando analisado sob a perspectiva sincrônica; já do ponto de vista diacrônico, talvez seja mais coerente falar de “anonimização”, porque há, quase sempre, uma fonte remota individual que pode ser considerada como responsável pela produção do enunciado.

Outra argumentação apresentada nos estudo de Lopes é que o provérbio é, ao mesmo tempo, fechado na medida em que transporta uma interpretação – padrão estável no seio da comunidade – e aberto, por facultar uma multiplicidade de leituras, condicionadas pelas situações em que é invocado. O nosso entendimento é que o estatuto híbrido do provérbio só poderá ser explicado a partir do momento em que se faça a descrição de suas propriedades semânticas e do seu funcionamento pragmático.

Em relação à investigação relacionada aos aspectos de natureza semântica, o trabalho de Lopes considera: a) observar tipos de referência nominal, valores temporo-aspectuais típicos, modalidades dominantes e correlações semânticas-interproposicionais; b) estudar o modo como se constrói a interpretação padrão dos provérbios, articulando a análise do material lexical que os sustenta com os mecanismos inferenciais ativados no processo interpretativo; c) recensear os usos discursivos mais salientes do texto proverbial

contextualizado. A autora acredita, ainda, que a sistematização das propriedades semânticas do texto proverbial possibilite uma “nova perspectivação” do seu funcionamento pragmático.

As considerações de Lopes nos levam a acreditar que os provérbios revelam certa rigidez de estrutura e um funcionamento semântico que escapa, grande parte das vezes, aos princípios de uma semântica composicional, isto é, de uma semântica que calcula o significado de um enunciado em função do significado dos seus elementos constitutivos e da forma como estão sintaticamente conectados.

O provérbio oral reflete a vida sociocultural da comunidade que o produz. É usado, quase sempre, por adultos em discussões de reuniões de julgamentos, de análise da vida comunitária. Finnegan (1970) esclarece que não há regras gerais para a formação de provérbios (particularmente os provérbios de origem banta). Na verdade, cada grupo linguístico tem a sua forma favorita. O que pode ocorrer é que uma mesma estrutura proverbial pode ser adotada por diferentes comunidades linguísticas em contextos diferentes e com implicações diversas. As estruturas do provérbio podem ser usadas na literatura escrita, às vezes, com a mesma função que possuem na literatura oral, outras vezes não. Há coincidência entre as funções do provérbio na oralidade e as desempenhadas na literatura escrita: Mia Couto, principalmente no romance *Terra Sonâmbula*, não só se aproveita destas estruturas para embelezar o seu discurso, mas também para exprimir algumas das suas ideias de um modo abstrato, explicando o comportamento que reflete o *background* e vivência sócio-cultural das personagens. Desse modo, a riqueza do provérbio oral é tão vasta que pode permitir estudos multifacetários quando usado em literatura escrita.

### **2.1.2 Os provérbios Cabinda: origem e constituição**

O interessante no estudo sobre provérbios é que a sua condição de anonimato nos impossibilita conhecer quem os criou e em geral são verbalizados por uma pessoa fazendo eco de uma experiência coletiva. Reconhecemos, inclusive, que os provérbios têm vida própria, são uma unidade frástica completa, têm elementos rítmicos particulares não permitindo variações de sujeito, tempo (restringindo-se, quase sempre, à terceira pessoa do singular do presente do indicativo). No que diz respeito à estrutura, apresentam semelhanças à da linguagem poética com a presença de rima, assonância, equilíbrio, concisão e paranomásia, contendo estrutura binária de sintagmas correlatos, como, por exemplo, em *Caiu na rede é peixe*.

Simão (2008), para ilustrarmos com um olhar mais específico para o objeto da nossa

pesquisa, diz que o Dicionário de Provérbios Africanos em Kikongo, traduzido e explicado em três línguas (português, francês e inglês), é oportuno porque os conhecedores da riqueza da cultura africana têm a obrigação de compartilhar os seus saberes com o mundo que os rodeia para ajudar os povos do planeta Terra, onde vivemos a cultivar a compreensão, tolerância mútua e a fraternidade, enquanto fatores essenciais para o desenvolvimento baseado numa cultura de paz que todos almejamos.

Para explicar a questão da identidade cultural dos provérbios africanos nos testos<sup>3</sup> de painéis dos Cabinda (Angola/África), é necessário reportarmo-nos aos missionários do Espírito Santo que, por volta de 1946 (séc. XX), aportaram no distrito de Cabinda (Angola/África) e, através do diálogo com os velhos moradores da localidade, puderam interpretar as “cartas-provérbios” e entender alguns dos seus significados. Observaram que cada figura apresenta uma locução proverbial, contendo muitas vezes uma admoestação ou sentença moral.

Os provérbios dos Cabinda são apresentados em 274 peças, com “interpretações” das situações familiares (VAZ, 1969). Dessa forma, temos 5 grupos, a saber: 1) testos oferecidos pela família ao filho antes e depois do casamento (1 a 8); 2) testos oferecidos pela família à filha antes e depois do casamento (9 a 48); 3) testos oferecidos pelo homem à mulher (49 a 87); 4) testos oferecidos pela mulher ao marido (88 a 262); 5) testos oferecidos por um dos cônjuges (263 a 274). Neste contexto, para mostrar a relação amorosa expressa nos provérbios, a nossa análise reportar-se-á a seis Testos oferecidos pela família ao filho, sendo três antes do casamento e três depois, coligidos por Vaz (1969), apresentados no livro *Filosofia Tradicional dos Cabinda* (doravante FTC) (vol.1), publicação da Agência-Geral do Ultramar, Lisboa-Portugal.

Os testos, esculpidos em tampas de painéis, além do seu valor artístico, funcionam como uma espécie de cartas dirigidas a alguém. Eles são feitos por homens. São de madeira, em geral da madeira da *árvore nsanha*, feitos de uma só peça com figuras em alto ou baixo relevo.

Nos testos, encontram-se um ou vários provérbios. Para proceder à leitura ou explicação deve-se começar a leitura pela figura central, passando à que se encontra ao alto e, depois, pela direita. Os provérbios, geralmente, eram oferecidos durante a refeição, conforme sinalizaram os velhos moradores que ajudaram os missionários na “decifração” de cada tampa de painel.

---

<sup>3</sup> Vem do latim *testu* que significa tampa de barro para vasilha da mesma substância.

No contexto angolano, Cabinda é uma das 18 províncias de Angola, pertence à vasta família dos povos bantos e ao grupo linguístico quicongo. O seu território pode ser visto na figura abaixo (Figura 1). É um enclave, por não possuir ligação com o resto do território nacional. Tem como superfície 7.283 km<sup>2</sup> (GPC, 2007, p. 2) e uma população estimada em cerca de 700.000 habitantes (BUZA *et al.*, 2011).

Figura 1 - Mapa da África



Fonte: Macêdo (2008, p. 1).

Os provérbios dos Cabinda constituem uma verdadeira riqueza etnográfica. Macêdo (2008) diz que na quarta categoria estão os *ji-sabu*, provérbios em que avulta a concisão. São largamente usados na fala cotidiana: “para prova das afirmações que se fazem ao correr de um discurso, para decisão final, numa troca de impressões, a fim de destacar a ideia-mestra do diálogo; para conclusão de julgamentos [...]” (VALENTE, 1973, p. XI).

Segundo os antropólogos, o significado de um provérbio depende não só do que é dito em si, mas também da situação em que ele é usado. Na verdade, o significado de um provérbio pode mudar de acordo com o tempo e o espaço geográfico. O provérbio, por exemplo, *A rolling stone gatners no moss*, que, traduzido para a língua portuguesa, significa *Pedra que rola não cria limo*, é usado na Escócia para incentivar a mobilidade e, na Inglaterra, para desencorajá-la. Na figura (1) referente ao mapa da África podemos visualizar e localizar Cabinda (Angola), local específico da nossa pesquisa.

Para procedermos a uma breve análise dos provérbios a partir do ponto de vista formal, diríamos que eles têm uma sintaxe simples, apresentando uma sequência de palavras concatenadas que não permitem nem variação, nem reestruturação e refletem, quase sempre, maneiras de pensar universais.

Vergani (1988) lembra que os provérbios, na África, apelavam para uma agilidade de espírito capaz de “atualizar” o conhecimento da experiência ancestral. Por isso, antigamente, quando um esposo queria comunicar à mulher uma mensagem carregada de sentido, revelando o “sentir do coração”, principalmente quando um acontecimento-chave tocava a sua relação conjugal, dirigia-se a um artesão e a ele encomendava um *libaia linzungu*<sup>4</sup> que descrevesse, após escolha pertinente das figuras a esculpir, o estado dos seus sentimentos, como esperança, decepção, fidelidade, satisfação, censura, orgulho, dor, ameaça, desejo de reconciliação, pedido de ajuda.

O marido geralmente oferecia à esposa um *libaia linzungu* no fim da refeição, antes que ela viesse a retirar o prato. O que ocorria era o seguinte: substituía a tampa que a mulher trouxera na hora em que serviu a refeição por aquela que mandara fazer; assim a tampa que mandara fazer tornava transparente as suas mágoas ou alegrias.

Infelizmente a “oferta” das tampas de panelas com provérbios perdeu-se entre os Cabinda desde o início do século XX e só pode ser lembrada essa riquíssima atividade etnográfica dessa comunidade devido à determinação e ao interesse particular de Joaquim Martins Vaz, missionário do Espírito Santo, e devido à ajuda de alguns amigos dele que, por volta de 1948, chegaram ao distrito de Cabinda e, em contato com moradores mais velhos, recuperaram um pouco do legado cultural, resultando em livros (dois volumes).

A presença de animais em provérbios africanos advém do fato de que cada animal parece apresentar uma ou mais semelhanças com os seres humanos. Os animais aparecem como portadores de certas características, por exemplo, do bem e do mal. Bragança Júnior (2006, p. 33) ratifica isso e diz que “várias foram as funções dos animais presentes nos textos medievais”. Essencialmente, as principais referiam-se a símbolos do trabalho, de comida e de paródia ao comportamento humano.” Recorremos ao texto nº 219 (R), do livro que utilizamos para análise, onde as figuras: 1) pássaro Beija-flor e 2) dois filhos seus, onde se tem a seguinte explicação: “O filho do beija-flor tem o bico comprido. Tem o bico comprido, mas não é sem razão” (pois o seu pai já o tinha assim). O sentido pode ser expresso no seguinte provérbio em português: “Quem sai aos seus, não degenera”. A explicação pode ser: “Vivo desde há muito

---

<sup>4</sup> No singular: *libaia linzungu*; os “*bawoyo*” chamar-lhe-iam “*taampha*” (plural: *mataampha* (CORNET, 1980, p. 31) que teria influenciado a palavra portuguesa “tampa” (VERGANI, 1988, p. 94).

consumida e triste, pois sei que tens outra mulher. Mas que hei de fazer? Ter paciência [...] O teu pai era assim [...] Isto já é mal de raiz” (VAZ, 1969, p. 620-621), referindo-se a um dos textos oferecidos pela mulher ao marido). Observamos, com o exemplo transcrito, o uso do animal como imagem refletida, metáfora do próprio homem, com os seus sentimentos nobres e vis.

Na próxima seção apresentaremos reflexões sobre leitura e inferenciação na compreensão de provérbios. Então, trilharemos com um olhar mais voltado para a questão da leitura e das várias leituras que se fazem dela.

## 2.2 A PSICOLINGUÍSTICA E A TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS (TEM) E SUA RELAÇÃO COM PROVÉRBIOS

### 2.2.1 Bases teóricas da visão Psicolinguística sobre o processamento da leitura

Balieiro Jr (2009) afirma que o termo Psicolinguística surgiu provavelmente em um artigo de N. H. Proncko (1946) Os estudos, fruto da parceria existente entre Psicologia e Linguística, eram denominados, a princípio, Psicologia da Linguagem. Seu foco de interesse era a relação entre pensamento e linguagem. Depois da divulgação da teoria da informação<sup>5</sup>, das pesquisas sobre os meios de transmissão mecânica através da mensagem e, em geral, sobre comunicação, a necessidade de comungar, mais estreitamente, estudos do âmbito da Linguística com os do âmbito da Psicologia de uma forma mais sistematizada mostrou-se mais proeminente. O termo Psicolinguística não foi, pois, apenas um nome que ensejou uma nova disciplina, mas sim refletiu uma necessidade real na evolução desta ciência.

A Psicolinguística constitui hoje uma área do conhecimento que estuda as influências recíprocas estabelecidas entre parceiros da comunicação através da mensagem. Essas influências são percebidas através de alterações estruturais da mensagem e de mudanças nos estados psicológicos e cognitivos dos interlocutores. Por tal motivo, consideramos coerente aliar conhecimentos da Psicolinguística com os da TEM para realizar a análise de provérbios africanos em tampas de panelas.

A Psicolinguística é “a ciência ou parte da ciência que estuda a relação entre a língua e as características cognitivas ou comportamentais daqueles que a usam” (MARTINS, 2013, p. 70). Para Scliar-Cabral (2008), a Psicolinguística é uma ciência híbrida que resultou da

---

<sup>5</sup> Shannon e Weaver (1949) definiam uma unidade de comunicação como formada por: Fonte → Transmissor/ codificador → Canal → Receptor/ decodificador → Destinação.

intersecção entre a linguística e a psicologia, mas convém lembrar que a “interdisciplinaridade passou a prevalecer cada vez mais no cenário científico atual, onde as neurociências dominam” (SCLIAR-CABRAL, 2008, p. 4).

O ser humano tem o ímpeto de atribuir sentidos às coisas do mundo; a mente humana precisa organizar as vivências e experiências com significação e articulação; a psiquê humana lida com o que pode ser; a capacidade do psiquismo humano permite ao indivíduo fazer sentido do que ouve ou lê, indo além do que está explícito ou prontamente acessível; o texto é polissêmico e, como tal, oferece a possibilidade de ser construído a partir do universo de sentidos do receptor, que lhe atribui coerência através de uma negociação de significados (DONALDSON, 1987).

Com relação às principais hipóteses psicolinguísticas, ou seja, as teorias léxicas do processamento fraseológico, temos: (a) hipótese de uma “memória idiomática” (*“Idiom-list hypothesis”*), defendida por Bobrow e Bell (1973), que considera as expressões idiomáticas como itens lexicais que são listados e recuperados como pedaços do léxico; (b) hipótese de uma representação lexical (*“Lexical Representation Hypothesis”*), segundo o modelo de Swinney e Cutler (1979), que defende o processamento lexical simultâneo, isto é, a compreensão literal e a compreensão idiomática ocorreriam ao mesmo tempo na mente dos falantes; (c) hipótese de acesso direto (*“Direct Access Hypothesis”*), sob a ótica de Gibbs *et al* (1997), que propõe que as expressões idiomáticas devam ser consideradas itens lexicais cujo sentido idiomático é recuperado diretamente do léxico mental, imediatamente após o sintagma fraseológico ser ouvido pelo falante. Vale a pena enfatizar que Bobrow e Bell (1973) e Swinney e Cutler (1979) formaram duas grandes correntes teóricas sobre o processamento fraseológico: “as teorias léxicas e as teorias composicionais que buscam explicações sobre a passagem do literal ao não literal durante o processo cognitivo das expressões idiomáticas” (MARTINS, 2013, p. 71).

Martins (2013) investigou táticas e estratégias de compreensão de expressões idiomáticas utilizadas por 20 universitários africanos, oriundos de Cabo-Verde e Guiné-Bissau, falantes não nativos do Português Brasileiro (PB). Para a construção das hipóteses, o autor recorreu a teorias Psicolinguísticas do processamento fraseológico e a partir de modelos de experimentos desenvolvidos por psicolinguistas foi elaborado e aplicado aos sujeitos da pesquisa um Protocolo Verbal *think aloud* através do qual foram utilizados três experimentos que contemplaram 18 expressões idiomáticas de uso frequente no Brasil, divididas em três categorias fraseológicas, a saber: (1) zoomorfismos; (2) somatismos; (3) especiais (botanismos; indumentismos; gastronomismos). Os resultados apontam que o processamento

fraseológico não segue uma única direção ascendente (*bottom-up*) ou descendente (*top-down*), mas que existe uma interrelação constante entre táticas e estratégias na compreensão de expressões idiomáticas.

Ao buscarmos respaldo na psicolinguística para mostrar a relação entre leitura e provérbios africanos, encontraremos várias definições para o termo “leitura”. Lemos para coletar informações, desempenhar tarefas do cotidiano, estudar, obter conhecimento sobre diferentes temas, esclarecer dúvidas, seguir instruções e também para nos divertir.

Em pesquisa sobre o que é leitura, Martins (1982) pontua que, quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que nos apresentam, estamos procedendo leituras. A autora afirma ainda que a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido; a leitura é a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo. A autora postula que ampliar a noção de leitura pressupõe transformações na visão de mundo em geral e na de cultura em particular, e que é preciso considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem.

Outra contribuição para leitura vem de Kato (1985 [2007]) que considera o texto como objeto único, com existência própria, dependente diretamente da forma. O texto, por si só, apresenta as informações necessárias para o estabelecimento de sentido e o leitor, por sua vez, tem a responsabilidade de tentar captar as informações. Igualmente, os provérbios, geralmente com pouca extensão, também devem ser analisados a partir das considerações apontadas por Kato.

As considerações feitas por Kato evidenciam que, nas estratégias cognitivas responsáveis por munir o leitor de procedimentos altamente eficazes e econômicos, há o chamado princípio da coerência, que tem três níveis: 1<sup>o</sup>) tem a ver com o objetivo do autor de efetuar com o texto alguma mudança no mundo; 2<sup>o</sup>) tem a ver com o que o autor objetiva fazer em algum lugar do texto; 3<sup>o</sup>) tem a ver com o uso recorrente de uma mesma fatia de informações no texto.

Kato (1985 [2007]) admite que a linguística manteve-se, durante muito tempo, alheia a problemas ligados à leitura. Enfatiza que, na área dos estudos psicolinguísticos, autores como Goodman (1991) e Smith (1991) abrem espaços para estudos referentes aos processos interativos envolvidos na leitura.

Kato (1985 [2007], p. 50) esclarece que:

O processamento descendente (*top-down*) é uma abordagem não-linear, que faz uso intensivo e dedutivo de informações não- visuais e cuja direção é da macro para a

microestrutura e da função para a forma. O processamento ascendente (*bottom-up*) faz uso linear e indutivo das informações visuais, linguísticas, e sua abordagem é composicional, isto é, constrói o significado através da análise e síntese do significado das partes. A linguística estruturalista tem privilegiado esse segundo tipo, fato que se justifica pela sua própria história, na qual se partiu das unidades menores para as maiores.

As argumentações de Kato nos permitem entender que a leitura do tipo descendente apreende facilmente as ideias gerais e principais do texto, sendo fluente, veloz, porém fazendo excessos de adivinhações, sem ter a preocupação de confirmá-las com os dados do texto, fazendo mais uso do conhecimento prévio que tem do que da informação fornecida pelo texto. Por outro lado, o leitor do tipo ascendente constrói o significado com base nos dados do texto, sem tirar conclusões precipitadas; é considerado vagaroso, por encontrar dificuldade de sintetizar as ideias do texto, por não saber distinguir o que é mais importante do que é redundante.

O leitor maduro, por sua vez, é o que tem um controle consciente ativo de seu comportamento, por isso usa complementarmente os dois processos (ascendente e descendente) no momento adequado. Esse tipo de leitor é do tipo interativo, uma vez que alia ambos os processos de leitura.

A leitura estimula o pensamento e a criatividade, por isso todo texto exige uma ativa participação do leitor. Quer dizer que ao ler, criam-se imagens internas, consideradas como estimuladoras do pensamento e da criatividade. A leitura possibilita a assimilação de maior quantidade de informação verbal quando, por exemplo, um leitor habilidoso pode assimilar até trezentas palavras por minuto, bem como permite armazenar e recuperar grande quantidade de informação sobre temas variados, concretos e abstratos. A leitura possibilita a máxima organização da informação quando permite à pessoa captar os temas de forma articulada. A leitura, especialmente de um livro, oferece uma sequência articulada do princípio ao fim, apresentando características e vantagens próprias e distintas, que a colocam em posição de destaque em relação aos outros meios de comunicação visual.

Poersch (1991) diz que a leitura constitui-se em um processo ativo de comunicação que leva o leitor a construir, intencionalmente, a partir da percepção de signos gráficos e da ajuda de dados não visuais, uma substância de conteúdo equivalente àquela que o autor quis expressar por meio uma mensagem verbal escrita. Reconhecendo que ao lado dos níveis explícito e implícito pode ocorrer o nível metaplícito, argumenta o pesquisador que é exatamente no nível metaplícito que o leitor leva em consideração os dados externos ao texto; no entanto, Poersch não despreza o conhecimento linguístico, representado como código e

como produto cultural de uma determinada comunidade linguística. Para ele, a compreensão, sob a perspectiva de um ato de integração, ocorre a partir da análise que o leitor faz da estrutura semântica do texto. Nesse momento, a compreensão assume um ato de construção e um ato de integração, consistindo numa atividade de processamento da informação, realizada pela mente humana.

As bases textuais abstratas que caracterizam a estrutura semântica constituem-se em unidades estruturadas coerentemente. Assim sendo, os textos podem encontrar-se conectados mesmo se as proposições expressas por eles não se encontrarem diretamente conectadas. Isso acontece porque os usuários da língua são capazes de fornecer, no processo de construção do sentido, as ligações “faltantes” de uma sequência, com base no seu conhecimento geral ou contextual dos fatos.

Para proceder à análise dos níveis de construção do sentido, é necessário aceitar que “Se interpretar não faz parte da compreensão, por certo fará parte da construção do sentido”. (POERSCH, 1991, p. 130). Segundo o autor, a compreensão ocorre em diversos níveis: compreensão local, global, lexical, gramatical, frasal e textual.

O esquema taxionômico referente aos níveis de construção de sentido, apresentado a seguir, foi sugerido por Poersch (1991), a saber: critério de abrangência textual-compreensão lexical, compreensão frasal e compreensão textual (global); critério de profundidade de compreensão: construção do conteúdo explícito, construção do conteúdo implícito e construção de conteúdo metaplícito.

Convém ressaltar que, em estudos anteriores, Poersch (1981) já sinalizava que o critério da abrangência textual está atrelado à tríplice articulação linguística: lexical, frasal e textual. Sem pretensões de fornecer mínimos detalhes, diríamos que a lexical está relacionada com o significado das palavras, significado que, por sua vez, deriva do signo linguístico (no caso significado referencial), da gramática e do co-texto. O significado pode ser verificado através de exercícios de separação vocabular (quando num texto sem espaços intervocabulares), de fornecimento de sinônimos, antônimos e parônimos e também através de exercícios de completar. O significado frasal, por sua vez, deriva da disposição e da função de um elemento em relação a outros; necessário se faz “compreender” que o significado de uma frase não corresponde ao somatório dos significados das palavras. O significado textual, por assim dizer, corresponde ao sentido global, processado para possível armazenamento posterior na memória permanente a partir de um texto.

O segundo critério de classificação de construção de sentido proposto por Poersch (1981) corresponde aos níveis de profundidade. O conteúdo explícito é o que corresponde

àquilo que o autor diz de forma clara. Está expresso nas linhas do texto; por assim dizer, uma atividade praticamente automática.

O conteúdo implícito diz respeito àquele sentido que deve ser lido, embora não esteja escrito. Ele toma como ponto de referência o texto e o (co-texto) e a língua, considerando-a como produto cultural. Como enfatiza Poersch (1981, p. 131), “[...] É tudo aquilo que pode ser recuperado via linguística, via pressuposicional ou via inferencial, a partir dos dados expressos [...]”. A recuperação, nesse caso, é feita a partir dos dados expressos e do conhecimento que o leitor possui da língua como código e como produto cultural.

O conteúdo metaplícito é aquele construído mediante a situação de comunicação. Ele só pode ou “deve” ser construído pelo leitor que tem conhecimento do contexto. Há de se pensar, ainda, que varia de leitor para leitor, dependendo da quantidade e da qualidade de dados que ele tem acerca da situação em que o ato de comunicação se insere. Certamente o leitor faz uso de dados externos ao texto, dados relativos ao escritor, dados relativos aos destinatários, ao relacionamento entre escritor e leitor. Em síntese, diríamos que o sentido metaplícito corresponde à maneira como o texto deve efetivamente ser lido, ao modo como o significado deve ser interpretado.

Se pensarmos a questão de produção de sentidos constituídos no contexto da interação entre autor e leitor via texto, concordaremos que o texto é construído a partir de cada leitura, não trazendo em si um sentido preestabelecido pelo seu autor, mas uma demarcação para os sentidos possíveis. Para considerar a produção de sentidos é preciso aceitar que o leitor desempenha um papel ativo e que as inferências são, de fato, um processo cognitivo relevante para esse tipo de atividade.

Numa visão mais generalizada, admite Gabriel (2002) que:

- o leitor busca a leitura por diferentes motivações;
- o conhecimento prévio do leitor não precisa (necessariamente) coincidir com o conhecimento veiculado pelo texto;
- a compreensão de um texto não é um valor absoluto: ou se entende tudo ou não se entende nada;
- o domínio do código linguístico é um dos fatores determinantes da compreensão;
- o desempenho em leitura pode variar por questões fisiológicas;
- a leitura pode ser silenciosa ou em voz alta;
- a atividade leitora é predominantemente solitária;
- a atividade leitora também pode ser uma prática social.

O mais importante, segundo Gabriel e Fromming (2002), é considerar que o produto

que se espera da leitura é a compreensão. Sendo a leitura um processo mental, dizer o que se passa na mente/cérebro do leitor é impossível. Há de se considerar que os processos mentais são particulares a cada indivíduo.

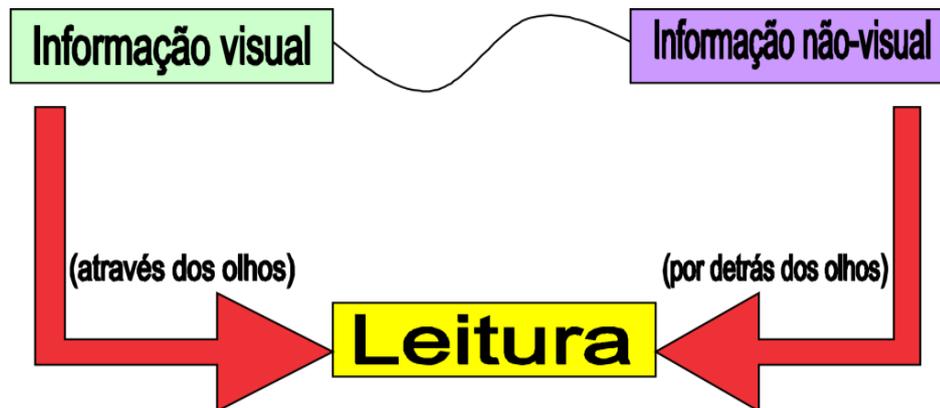
Smith (1989 [1991]) considera que a compreensão da leitura não pode ser atingida sem levar em conta a natureza da linguagem e as várias operações realizadas no cérebro humano. Ele argumenta que os olhos são dispositivos para a coleta de informações para o cérebro. Segundo ele, para compreendermos o funcionamento do olho-cérebro, devemos considerar que: a) o cérebro não vê tudo que está na frente dos olhos; b) o cérebro não vê qualquer coisa que esteja na frente dos olhos imediatamente; c) o cérebro não recebe informações dos olhos continuamente. A tais considerações devemos somar três implicações para a leitura e o seu aprendizado: 1) a leitura deve ser rápida (automatizada); 2) a leitura deve ser seletiva; 3) a leitura depende daquilo que o leitor já sabe.

Vale a pena frisar que, por volta do século XIX, o oftalmologista francês Emile Javal comprovou, através de estudos, que à medida que realizamos uma leitura nossos olhos saltam três ou quatro vezes por segundo (as sacadas), com velocidade de aproximadamente 200 graus por segundo. Essa rapidez atrapalha a percepção e a verdadeira “leitura”, por assim dizer, ocorre durante breves pausas entre os movimentos.

A leitura pode ser considerada como uma atividade construtiva e criativa, apresentando quatro características distintivas e fundamentais – é objetiva, seletiva, antecipatória e baseada na compreensão. A natureza objetiva da leitura é considerada como central porque a compreensão que um leitor deve trazer para a leitura somente pode ser manifestada a partir das intenções do próprio leitor. A leitura é seletiva porque, quase sempre, somente prestamos atenção àquilo que é relevante para os nossos objetivos. A leitura é antecipatória porque raramente somos surpreendidos por aquilo que lemos. Finalmente, a leitura baseada na compreensão, por sua vez, deve considerar que a compreensão é a base e não a consequência da leitura. Nesse tipo de leitura, está presente a possibilidade de ambiguidade.

A leitura depende de informação passando pelos olhos para o cérebro. Para entendimento de que a leitura envolve uma combinação de informação visual e não-visual, vejamos a figura 2.

**Figura 2 - Esquema de etapas do processo de leitura**



Fonte: adaptada de Smith (1989 [1991], p. 86)

A ponderação feita por Smith (1989 [1991], p. 86-87) é que:

[...] Quanto mais informações não-visuais um leitor possui, menos informação visual necessita. Quanto menos informação não-visual estiver disponível por detrás dos olhos, mais informação visual será necessária. Esta relação recíproca é representada pela linha curva entre os dois tipos de informação [...]. Em cada caso, a diferença nada tem a ver com a qualidade da informação visual disponível na impressão, mas com a quantidade de informação não visual que o leitor traz para o ato de ler. Quanto menos informação não-visual o leitor pode empregar, mais difícil se torna a leitura.

Diante das considerações feitas pelo pesquisador, concordamos que a leitura não é tão somente uma atividade visual. É necessário considerar que tanto a informação visual quanto a informação não visual (advinda do conhecimento prévio) devem ser consideradas como essenciais para a leitura, devendo haver uma espécie de intercâmbio entre as duas. No caso particular dos provérbios africanos, ora objeto de nossa análise, percebemos que a leitura exige do leitor uma capacidade especial de saber ler nas entrelinhas, isto é, ter vasto conhecimento sobre a cultura dos povos Cabinda, assim como seus costumes e tradição.

Considerando-se o caso da leitura das tampas de painéis, fica evidente que ler é muito mais do que decifrar símbolos escritos. Pode-se mesmo estabelecer uma relação afetiva entre o objeto e a mensagem que se pretendeu passar, considerando também as circunstâncias de sua criação, nas intenções ou nas múltiplas leituras que podem ser feitas dos animais e/ou objetos escolhidos para veicularem a mensagem. Para esta análise, pode-se citar Flôres e Pereira (2012, p. 83), ao referirem-se às faces e interfaces psicolinguísticas:

[...] o texto é percebido na situação comunicativa em que é gerado, no suporte que o veicula, no gênero que o constitui e nas sequências que o organizam; o leitor é visto como um ser cognitivo-cultural construtor de sentidos por ele impulsionados; e a

leitura é considerada como o processamento pelo leitor dos dados de conteúdo e linguagem presentes no texto; marcado pelo objetivo que o move, por seus conhecimentos prévios e pelos traços marcadores do texto.

A leitura é uma habilidade que envolve atividade cognitiva e metacognitiva. Pereira (2009b) enfatiza que para a compreensão do texto são necessários: a) objetivo de leitura; b) conhecimento prévio do conteúdo e das condições de produção do texto; c) observância ao tipo de texto e d) estilo cognitivo do leitor. Dessa forma, para leitura de provérbios africanos, apresentados em tampas de painéis, é preciso saber ler nas entrelinhas, porque exige muito do leitor.

Leffa (1996a) traça como objetivos para a leitura debater com o leitor alguns conceitos básicos sobre o processo de leitura e incentivar a pesquisa em leitura. Para ele, a leitura não depende somente do enfoque linguístico, psicológico, social ou fenomenológico, depende também do grau de generalização com que se pretenda defini-la. Uma definição geral, apresentada por ele, ou uma “advertência”, considerada por nós, seria dizer que “[...] Ler é [...] reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo” (LEFFA, 1996a, p. 10).

Em relação ao processo metacognitivo, pode-se observar que:

A metacognição na leitura trata do problema do monitoramento da compreensão feito pelo próprio leitor durante o ato da leitura. O leitor, em determinados momentos de sua leitura, volta-se para si mesmo e se concentra não no conteúdo do que está lendo, mas nos processos que conscientemente utiliza para chegar ao conteúdo. A metacognição envolve, portanto (a) a habilidade para monitorar a própria compreensão [...] e (b) a habilidade para tomar as medidas adequadas quando a compreensão falha [...] (LEFFA, 1996a, p. 46).

Notamos que a ênfase é dada para o processo de leitura, quer dizer, apresenta o processo de leitura do ponto de vista do próprio leitor. É papel do leitor, como já foi mencionado, voltar-se para si mesmo e depois realizar concentração nos processos que de forma consciente utiliza para chegar até o conteúdo.

Apoiando-se nas considerações feitas por Brown (1980) diz Leffa (1996a, p. 48): “as atividades cognitivas estariam abaixo do nível da consciência; as metacognitivas envolveriam uma introspecção consciente.” Para Leffa, atividades como: responder perguntas de compreensão de um determinado texto, procurar o significado de uma palavra no dicionário, fazer esquema de um texto, identificar as palavras chave de um parágrafo, dentre inúmeros outros exemplos, embora possam ser classificadas como atividades cognitivas, não devem ser consideradas como tais, porque não estão abaixo do nível da consciência, ou seja, são atos

refletidos e monitorados.

É salutar procurar classificar as atividades cognitivas e metacognitivas “não pelo critério do envolvimento da consciência, mas pelo critério do tipo de conhecimento utilizado para executar a atividade” (LEFFA, 1996a, p. 48). Para Leffa, as atividades podem ser renomeadas por seu caráter de exigirem conhecimento declarativo ou conhecimento processual.

Na tentativa de simplificar as definições, diríamos, então, que o conhecimento declarativo é aquele que envolve apenas consciência da tarefa que será executada e pertence ao domínio das atividades cognitivas; um exemplo seria solicitar a alguém a escrita do resumo de um texto. Sendo assim, o indivíduo sabe o que tem de fazer e é capaz de realizar a solicitação. O conhecimento processual, por sua vez, envolve não apenas a consciência da tarefa que deverá ser executada, mas, de certa maneira, consciência da própria consciência. Parece que o percurso mais coerente é o seguinte: “O indivíduo não apenas sabe, mas sabe que sabe, ou mesmo até que ponto não sabe. É uma espécie de avaliação e controle do próprio conhecimento” (LEFFA, 1996a, p. 49). Como exemplo da consciência do processo, poderíamos lembrar a leitura de um romance quando o leitor, absorvido pelos acontecimentos narrados, mesmo não tendo nenhuma consciência do processo da leitura, concentra toda sua atenção no efeito que obtém da leitura. Sendo mais detalhista frisaríamos: pode ter consciência do que faz a personagem principal, mas pode não ter consciência de sua própria leitura, ou seja, se está lendo rápido ou devagar, por exemplo.

Ainda sintetizando as concepções de Leffa (1996b), no domínio cognitivo, merecem destaque aspectos como o conhecimento prévio do assunto, conhecimento da língua e capacidade de raciocínio. Ele considera a leitura como processo complexo que leva em consideração diferentes fatores. Lembra, ainda, que para ler e compreender um texto, o leitor faz uso de muitos subprocessos, variando desde o nível inconsciente do processo gráfico até o nível altamente consciente da atenção exigida em tarefas como a monitoração da própria compreensão.

Se pensarmos a questão de produção de sentidos constituídos no contexto da interação entre autor e leitor via texto, concordaremos que o texto é construído a partir de cada leitura, não trazendo em si um sentido preestabelecido pelo seu autor, mas uma demarcação para os sentidos possíveis. A leitura, por sua vez, envolve decodificação, compreensão, inferenciação, percepção afetiva e avaliação, principalmente a partir do discurso escrito. É fato que a leitura é elaborada em circunstâncias diversas, é produzida diferentemente, variando de pessoa para pessoa, e acontece exatamente quando o leitor interage com o texto. Não é redundante dizer

pela experiência vivida nesta tese que devemos considerar a leitura como um processo interativo entre indivíduos socialmente determinados e que ela (a leitura) está vinculada a estruturas socioculturais. Para ler provérbios africanos em tampas de panelas é preciso, antes de tudo, estudar a cultura, o mundo dos Cabinda. O desafio é, portanto, aprender a ler nas entrelinhas, dada a complexidade de entender o que quer transmitir esse repositório rico e ímpar da etnografia africana apresentado em textos de panelas.

Para considerar a produção de sentidos é preciso aceitar que o leitor desempenha um papel ativo e que as inferências são, de fato, um processo cognitivo relevante para esse tipo de atividade.

### **2.2.2 As muitas facetas das inferências: conceptualização**

Continuando a discussão sobre inferências e mostrando proximidade com a temática relacionada ao continente africano, temos o estudo de Dell’Isola (1985-1986[2001]), que detalha procedimentos de pesquisa objeto de sua dissertação de mestrado. A partir da experiência vivida nos anos de 1985 e 1986, na República Popular do Congo (África), em contato com alunos de primeiro grau, moradores da República Popular do Congo, mas oriundos de várias capitais brasileiras e de diversas cidades interioranas do Brasil, morando lá na “vila” (denominação dada devido à classificação do tipo de moradia), a pesquisadora adotou vários procedimentos para descrever como ocorre o processo de inferência na leitura de textos.

Na condição de docente da disciplina Língua Portuguesa naquele país, em seu primeiro contato com os discentes declamou o poema *Ismália*, de Alphonsus de Guimarães, verificando que alguns alunos tiveram dificuldade em compreender o fato de Ismália querer a “lua do céu” e querer a “lua do mar” (*Quando Ismália enlouqueceu, / Pôs-se na torre a sonhar.../Viu uma lua no céu, / Viu outra lua no mar*).

Os pressupostos teóricos da investigação da pesquisadora alicerçaram-se no pensamento de que a leitura está vinculada às estruturas socioculturais do leitor, ou seja, a compreensão leitora é produzida e variável entre um e outro indivíduo.

O nosso entendimento é que à medida que se compreende um texto, inferências fundamentadas em um contexto sociocultural são geradas, ao que poderíamos chamar de inferência sociocultural, que representaria a informação nova, inserida num novo contexto, possivelmente extraída de uma informação de base anterior.

Dell’Isola (1985-1986 [2001], p.15) ressalta: “Quando falamos ou escutamos, fazemos

uso de conceitos que já conhecemos, a fim de inferir proposições. Os conceitos utilizados podem ser universais ou parte da cultura de uma comunidade específica, ou de um indivíduo isolado”. O fato de ela ter tido a oportunidade de conviver com brasileiros de diversas localidades fez com que os regionalismos transparecessem tanto no modo de agir, no comportamento individual, quanto nas crenças e valores do contexto cultural de cada aluno.

Para ilustrar, visualizamos no livro *Leitura: inferências e contexto sociocultural* o momento em que “[...] um paraense perguntava a um carioca se ele estava ‘adubado’” (DELL’ISOLA, 2001, p. 14). A polissemia do termo “adubado”, no entanto, nos possibilita imaginar uma série de possíveis significados, como fertilizado, cheio de estrume, cheirando mal. O que podemos inferir a respeito do que o paraense perguntou é que se o carioca estava “gripado”, com o “peito cheio”. As diferenças regionais trazem nessa circunstância um caráter peculiar de intercâmbio de experiências e informações de uma dada localidade.

A pesquisadora, por ocasião do pré-teste, aplicado aos alunos da 5ª série, cujo objetivo consistiu em verificar a eficácia da técnica escolhida para a observação de inferências, utilizou o texto *Ousadia*<sup>6</sup>, de Fernando Sabino. Notamos que ela procurou um texto de um autor que utiliza linguagem simples, acessível ao aluno do ensino fundamental. Percebemos que o autor da crônica focaliza a realidade tal como é, sem, contudo, expressar sua opinião pessoal ou conduzir a opinião do leitor a uma conclusão comum, a uma única produção de leitura.

Em relação às inferências socioculturais, o texto foi dividido em perguntas do tipo: I - tinham como objetivo a compreensão do que foi informado pelo autor; II – visavam à geração de inferências individuais; III – apresentavam caráter avaliativo em que o leitor foi induzido a reagir às ideias apresentadas pelo autor.

O texto utilizado para a aplicação do teste foi “Piscina”<sup>7</sup>, aplicado em adolescentes de 13 a 16 anos em escolas da rede particular e da rede pública. A técnica escolhida para coletar os dados foi a “pausa protocolada”<sup>8</sup>. Pretendia a pesquisadora verificar o que pessoas de níveis socioculturais diferentes infeririam e avaliariam a partir de um único texto dado. Para

6 SABINO, Fernando. *Ousadia*. In: **Para gostar de ler: crônicas** 2. 19. ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 61-62.

7 SABINO, Fernando. *Piscina*. In: SOARES, Magda. **Novo português através de textos**. 7. ed. São Paulo: Abril Educação, 1982. p. 221.

8 Uma atividade muito usada por professores e que envolve a produção de inferências é a leitura protocolada ou pausa protocolada. O professor lê uma parte da estória e faz várias perguntas aos alunos para que eles façam previsões sobre o que vai acontecer. Para fazer isso o aluno tem que ter entendido o que foi lido, e fazer projeções a respeito do que pode vir a acontecer. À medida que se avança no texto, mais informações devem ser lembradas e levadas em consideração, o aluno deve, então, fazer previsões e checar a compatibilidade dessas previsões com o que já é sabido do texto. Essa é uma tarefa interessante porque trabalha com relações de causa / consequência (COSCARELLI, 1996, p. 8).

tanto, entregou a cada aluno – leitor – o texto dividido em partes.

O leitor não recebeu o texto na íntegra, recebeu partes do texto. Em seguida, a pesquisadora apresentou perguntas sobre cada pausa protocolada. Segundo a autora, o procedimento foi o seguinte: o aluno lia oral ou silenciosamente cada intervalo do texto e depois respondia oralmente, por escrito, ou em ambas as formas sucessivamente.

A entrevista, gravada para maior aproveitamento de todos os detalhes interpretativos, todas as opiniões e impressões dos leitores, era parcialmente estruturada, sendo que as perguntas variavam de acordo com as respostas dos alunos. As perguntas inferenciais eram baseadas nos conhecimentos, experiências, crenças, ideologias e axiologias individuais.

A pesquisadora Dell'Isola articula duas concepções fundamentais: a concepção de origem social de classes como fator determinante do processo ensino-aprendizagem da língua materna e a concepção de leitura como processo de constituição do texto. Para a concepção de origem social de classe como fator determinante do processo ensino-aprendizagem de língua materna, consideremos que, até recentemente, os professores atribuíam às chamadas “deficiências” culturais e linguísticas dos alunos o seu fracasso na aprendizagem da língua escrita, mas atualmente já reconhecem, pelo menos em parte, que a denominação “deficiência” é resultado de um preconceito próprio de sociedades estratificadas em classes, que tendem a considerar “boa” e “correta” a cultura e a linguagem das classes socialmente privilegiadas.

O termo “deficiências” vem sendo substituído, na escola, pelo conceito de “diferenças” culturais e linguísticas. Não esqueçamos, em nenhum momento, que os professores devem lidar, em sua prática cotidiana de ensino, com a intervenção das diferenças culturais e linguísticas no processo ensino-aprendizagem da língua. A concepção de leitura como processo de constituição do texto há de levar em consideração que a leitura não é uma atividade apenas de decodificação em que o leitor aprende, compreende e interpreta a “mensagem” do autor, mas é processo constitutivo do texto. Na verdade, o texto não pré-existe à sua leitura, pois esta é construção ativa de um leitor que, de certa forma, “reescreve” o texto a partir do seu repertório de experiências individuais, sociais e culturais. Com tais considerações podemos questionar, então, que diferentes leituras são produzidas de um mesmo texto? E o que as determina? As respostas às indagações não são simples de serem respondidas, porque é difícil captar o processo de produção da leitura.

A pesquisa da autora apresenta duas questões: a força de uma denúncia e a imposição de uma mudança. Em se tratando da primeira, diríamos que é denúncia da discriminação que a escola faz, quando toma como única leitura “correta” aquela cuja produção é determinada

pelo contexto sociocultural das classes privilegiadas; em relação à segunda, aponta para a necessidade de surgir um novo professor, capaz de transformar as atividades de leitura em atividades de conscientização e de estudo das condições de produção da leitura, com o compromisso de fazer os alunos perceberem como e por que as leituras que produzem são determinadas por suas condições de classe.

Compreender um texto é um ato de afirmação social, uma interação com outros indivíduos e uma atividade situada num contexto sócio-histórico. Um processo inferencial. Temos, então, com a pesquisa de Dell’Isola, a oportunidade de refletir sobre a importância dos condicionamentos socioculturais na construção do sentido no ato de ler. Porém, nele se encontra o ponto de partida, uma base, a partir da qual se constroem significações, como aponta Marcuschi, na apresentação do livro de Dell’Isola (2001, p. 11) “Mas nem por isso o texto é uma loja de bugigangas em que cada qual encontra o que quer, ou uma caixa-preta cheia de mistérios. É um ponto de partida, e não um ponto de chegada”. Essa concepção de texto nos faz pensar que ler e compreender são processos ativos, criativos e reconstrutivos, porque envolvem uma atividade tanto decodificadora como criadora.

A autora, pelo já exposto até o momento, oportunizou que os alunos, oriundos de classe social baixa e alta, a partir da crônica *Piscina*, imaginassem o que viria posteriormente e fizessem suas revisões e avaliações, montando um novo cenário. Nesse percurso, inegavelmente, vieram à tona os condicionamentos sociais, assim como os estereótipos culturais, as idiosincrasias e os conhecimentos individuais, daí a constatação de que o universo experiencial dos indivíduos interfere de forma decisiva na compreensão do texto.

A autora defende que desde que o texto forneça motivações suficientes, a experiência será sempre um guia para a construção de sentidos com as categorias e os valores específicos de cada classe social. Os dados apresentados reforçam a ideia de que a produção de sentido é regulada pelo “processo” inferencial, quer dizer, pela atividade cognitiva de gerar informações novas a partir de informações dadas.

Dell’Isola (2001, p. 43) enfatiza que “o texto existe, o leitor infere”. Nesse sentido, podemos considerar que o ato de inferir faz parte do processo de compreender um texto. Para a autora, a inferência diz respeito a “uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas” (p. 44). Como cada indivíduo traz compreensões qualitativamente diferentes para um mesmo texto, é necessário ser receptivo à ideia de que trabalhar com o processo de inferência na leitura significa ativar os conhecimentos individuais preexistentes no momento da leitura.

Atrelado às ideias-chave apresentadas acima, veremos a seguir um quadro contendo

um esquema geral das inferências e as breves explicações para posterior reconhecimento e/ou uso de forma mais consciente.

**Quadro 2 – Classificação de Inferências**

**INFERÊNCIAS**

**GRUPO 1 - INFERÊNCIAS LÓGICAS**

- dedutivas
- indutivas
- condicionais

**GRUPO 2 - INFERÊNCIAS ANALÓGICO-SEMÂNTICAS**

- por identificação referencial
- por generalização
- por associações
- por analogia
- por composições ou decomposições

**GRUPO 3 - INFERÊNCIAS PRAGMÁTICO-CULTURAIS**

- conversacionais
- experienciais
- avaliativas
- cognitivo-culturais

Fonte: Adaptado de Dell’Isola (2001, p. 79)

Para uma possível explicação do esquema, diríamos que, segundo Dell’Isola (2001, 79-86):

**GRUPO 1 - INFERÊNCIAS LÓGICAS**

- a) as **inferências lógicas** ocorrem, geralmente, em situações do cotidiano;
- b) as **inferências dedutivas** baseiam-se na forma dos enunciados, quer dizer, se um enunciado tiver uma forma verdadeira, necessariamente a conclusão será verdadeira;
- c) as **inferências indutivas** partem do registro de fatos singulares para chegar à conclusão desdobrada ou ampliada em enunciado mais geral;
- d) as **inferências condicionais** são geradas de enunciados hipotéticos.

**GRUPO 2 - INFERÊNCIAS ANALÓGICO-SEMÂNTICAS**

- a) as **inferências por identificação referencial** especificam os antecedentes de, por exemplo, pronomes, ações ou eventos;
- b) a **inferência por generalização** parte da observação e pode ser conduzida a erro;
- c) as **inferências por associações** ocorrem quando, a partir de uma série de acontecimentos, o indivíduo relaciona um fato a outro;
- d) a **inferência por analogia** é gerada a partir de uma comparação em que o indivíduo verifica uma série de formas e transfere as propriedades de um sistema para outro

sistema;

- e) as **inferências por composição e decomposição** são geradas das partes do discurso para a sua totalidade (por composição) ou do todo para as partes (decomposição).

### GRUPO 3 - INFERÊNCIAS PRAGMÁTICO-CULTURAIS

- a) as **inferências conversacionais** ocorrem nas manifestações orais;
- b) as **inferências experienciais** ocorrem a partir da experiência do indivíduo;
- c) as **inferências avaliativas** são próprias do julgamento do leitor ou do ouvinte;
- d) as **inferências cognitivo-culturais** ocorrem marcadas pela interferência da cultura do indivíduo.

Assim como Dell'Isola, Marcuschi (1985) também foi um grande estudioso dos processos inferenciais. Sua proposta consistiu em apresentar uma classificação formada por três grandes grupos de inferências e os seus respectivos subtipos.

Marcuschi (2007) considera que:

- a) inferência é um ato de inserção num conjunto de relações com a finalidade de produzir sentidos;
- b) inferir é uma atividade discursiva de inserção contextual e não um processo de encaixes lógicos;
- c) toda significação está ligada a processos inferenciais;
- d) o resultado do processo de inferenciação se dá como um ato de explicitação;
- e) dizer que algo é isso ou aquilo é dizer com base num raciocínio desenvolvido numa atividade inferencial;
- f) inferenciação deve ser entendida muito mais como um cálculo e uma projeção de natureza sócio-contextual do que uma operação lógica em sentido estrito.

Marcuschi (2008) enfatiza que a inferência é a terceira noção central numa teoria da compreensão. Para ele, todas as teorias da compreensão devem se situar em dois paradigmas, a saber: 1) compreender é decodificar; 2) compreender é inferir. As teorias de compreensão como decodificação estão baseadas na noção de língua como código e sustentam que a língua é um sistema de representação de ideias e o texto é um repositório de informações. A compreensão como atividade inferencial baseia-se na noção de língua como atividade, considera o trabalho de compreensão como construtivo, criativo e sociointerativo. Percebemos, então, que o sentido está numa complexa relação interativa, isto é, texto → leitor → autor.

Para Marcuschi (2008), no tipo de operação inferencial “dedução” e “indução”, a natureza da inferência é lógica e nas condições de realização percebemos a reunião de duas ou

mais informações textuais que funcionam como premissas para chegar a outra informação logicamente.

Nos tipos de operações inferenciais “particularização”, “sintetização”, “associação” e “avaliação ilocutária”, a natureza da inferência é lexical, semântica e pragmática, mas há de se considerar o seguinte em relação às condições de realização: a) “particularização” é tomada de um elemento geral de base lexical ou a partir de experiências e conhecimentos pessoais, o que acaba individualizando ou contextualizando num conteúdo particular com um lexema específico; b) “sintetização”, há condensação de várias informações tomando por base saliências lexicais; c) “associação”, há afirmação de uma informação que pode ser obtida através de saliências lexicais ou cognitivas por associação de ideias; d) “avaliação ilocutória”, funciona como uma espécie de montagem de um quadro para explicitação de intenções e avaliações mais globais.

No tipo de operação inferencial “generalização”, a natureza da inferência é lexical e pragmática, onde a condição de realização depende da saída de uma informação específica. No tipo de operação inferencial “parafraseamento”, a natureza da inferência é lexical e semântica e na condição de realização percebemos alteração lexical para dizer a mesma informação sem que haja alteração fundamental de conteúdo proposicional. No tipo de operação inferencial “reconstrução”, a natureza da inferência é cognitiva pragmática experiencial, ocorrendo na condição de realização reordenação ou reformulação de elementos textuais com quadros total ou parcialmente novos; no caso das narrativas, opera como uma estratégia de mudar o discurso direto em indireto e vice-versa. No tipo de operação inferencial “eliminação”, a natureza da inferência é cognitiva e observamos que na condição de realização há exclusão de informações ou de dados relevantes e indispensáveis, impedindo a compreensão dos dados que permanecem. No tipo de operação inferencial “acréscimo”, a natureza da inferência é pragmática e experiencial, onde observamos que na condição de realização há introdução de elementos “não implícitos”, levando muitas vezes a contradições e falseamentos. No tipo de operação inferencial “falseamento”, a natureza da inferência é cognitiva e experiencial e constatamos, no que diz respeito à condição de realização, a introdução de um elemento e a afirmação de uma proposição falsa que não é condizente com as informações textuais.

De fato o tipo de operação inferencial, a natureza da inferência e as condições de realização possibilitam que “se avalie o que é feito em termos inferenciais quando compreendemos um texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 254).

### 2.2.3 O processo de produção de inferências e a leitura de provérbios

As lacunas que devem ser preenchidas pelo leitor por meio da inferenciação são informações que o autor pressupõe que o leitor já adquiriu anteriormente e, então, não necessitam ser mencionadas no texto.

Coscarelli (2002a) apresenta várias ponderações em relação ao processo de leitura: durante a leitura um conjunto de informações ativadas na mente do leitor pode ajudar na compreensão do texto; se o texto não indica com clareza o seu tópico, serão ativadas muitas informações desnecessárias e o leitor pode ser levado a fazer inferências erradas e não compreender bem as sentenças, o que, conseqüentemente, refletirá na compreensão do restante do texto.

Afirma a autora que as inferências são informações que o leitor adiciona ao texto e podem ser de muitos tipos e realizadas em diferentes momentos da leitura. Inicialmente, ela propõe cinco perguntas relacionadas às inferências, a saber: **o que são, quais, quando, como e por que são feitas.**

As respostas a essas perguntas podem ser resumidas no quadro a seguir, a partir dos pressupostos de Coscarelli (2002b) em relação às inferências (Quadro 3).

**Quadro 3 – Questões relativas à inferenciação**

| <b>INFERÊNCIAS</b>        |  |
|---------------------------|--|
| <b>O QUE SÃO</b>          | Dizem respeito às operações cognitivas que o leitor realiza no momento em que constrói proposições novas a partir da leitura, ou melhor dizendo, de informações que ele encontrou no texto.  |
| <b>QUAIS</b>              | a) <b>Inferências conectivas</b> – feitas com o objetivo de estabelecer a coerência entre diferentes partes do texto, estabelecendo relações temporais, espaciais, lógicas, causais e intencionais.<br>b) <b>Inferências elaborativas</b> – consideradas como não necessárias para a coerência e feitas para enriquecer a informação textual, reforçando a ideia de que uma inferência pode ser considerada como elaborativa se ela não desempenha nenhum papel no estabelecimento da coerência local do texto.                  |
| <b>QUANDO</b>             | Em linhas gerais, admite-se que devem ser feitas no decorrer da leitura do texto. Admite-se, inclusive, que a dificuldade em saber quando as inferências são feitas deve-se ao fato de que o tempo gasto para o processamento das sentenças pode não refletir diretamente a produção de inferências. As inferências, às vezes, são feitas antes mesmo de serem requeridas. Mckoon e Ratcliff (1992), citados por Coscarelli (2002b), ratificam que tipos diferentes de inferências são feitos em momentos diferentes da leitura. |
| <b>COMO</b>               | Há muita polêmica relacionada a como as inferências são feitas. Na verdade, exige que se saiba como se dá o processo de compreensão, mas uma coisa deve ficar bem compreendida: as inferências são informações que estão e/ou devem ser incorporadas à representação mental do texto que, por sua vez, são geradas a partir de informações ativadas durante a leitura.   |
| <b>POR QUE SÃO FEITAS</b> | Pode-se dizer que as inferências são feitas com a finalidade de preencher as lacunas do texto, considerando que o texto, por si só, não traz todas as informações de que o leitor necessita.   |

Fonte: Adaptado de Coscarelli (2002b, p. 1- 15)

Para Coscarelli (2002b, p. 14): “[...] É preciso chamar a atenção para o fato de que as inferências são informações que o leitor ou ouvinte adiciona ao estímulo linguístico por ele recebido, com o aval desse estímulo”. E mais recentemente Coscarelli e Novais (2010) dizem que a leitura precisa ser vista como um processo no qual o leitor realiza um trabalho de construção do significado do texto, a partir do conhecimento de mundo, conhecimentos linguísticos, intencionalidade do autor, entre outros aspectos.

Coscarelli e Novais (2010) propõem uma revisão do conceito de leitura, ou seja, propõem entendê-lo como um sistema dinâmico, aberto, auto-organizado. Para tanto, deve existir integração das linguagens verbais e não verbais. Para as autoras, há diversos domínios de processamento que entram em ação na construção de sentido, mas os mais indispensáveis são: processamento lexical, processamento sintático, processamento semântico local, processamento semântico global e processamento integrativo. É conveniente, então, apresentá-los de maneira resumida.

O processamento lexical leva em consideração a estrutura da palavra em vários níveis: gráfico (seja estático ou em movimento), silábico, morfológico e fonológico. Respeita-se, inclusive, a situação de interlocução ou enunciação, o dia, a hora, os sujeitos envolvidos.

O processamento sintático refere-se à construção das relações sintáticas entre as palavras, da análise morfológica, construção de sintagmas, frases e períodos, assim como recuperação de elementos elípticos e identificação de elementos intercalados. Convém ressaltar, entretanto, que a canonicidade e a complexidade sintática da sentença, a familiaridade do leitor com a estrutura sintática da frase, a presença de frases-labirinto (*garden path*) e a ambiguidade sintática são fatores que podem interferir nesse tipo de processamento, conforme aponta a autora.

O processamento semântico pode ser local ou global e exige a construção de sentido pelo leitor para o texto, o que requer a construção de significado para as partes, que vão se reforçando e reelaborando ao longo da leitura do todo. Nesse tipo de processamento, o leitor pode perceber ambiguidades, o uso figurado de linguagem como em metáforas e ironias, além da possibilidade de recuperar o que foi dito nas entrelinhas. A familiaridade do leitor com o assunto do texto e com o gênero textual, a organização do texto, a canonicidade semântica, os mecanismos de coesão, dentre outros aspectos, são fatores que podem influenciar o processamento semântico. Recomendam Coscarelli e Novais (2010, p. 37): “Para que o processamento semântico aconteça a contento, é preciso que o leitor tenha muitas habilidades, a fim de fazer um processamento satisfatório dos elementos lexicais e sintáticos”.

Para o processamento integrativo, o leitor empregará as informações tidas como

conscientes e potencialmente conscientes de que dispõe, a fim de fazer a sua interpretação das informações do texto, assim como para avaliar a pertinência dessas informações para os seus propósitos de leitura. As informações recuperadas pelo leitor (através do texto) vão modificar ou não as informações que ele tem na memória.

Revedo as considerações sobre inferências podemos dizer que elas ocorrem quando o leitor deve inferir relações implícitas no texto. Para compreender um texto é, pois, necessário ser capaz de fazer a inferência da informação implícita.

Giasson (2000, p. 94) propõe uma regra para classificar as inferências lógicas e pragmáticas: “Se, a partir de uma frase, se pressupõe outra por inferência pragmática, quando se nega a segunda e se juntam as duas por meio da conjunção “mas”, deveria produzir-se uma frase aceitável. Em caso de inferência lógica, a frase produzida será inaceitável.”

Cunningham (1987) considera que uma resposta é literal se for semanticamente equivalente ou sinônima de uma parte do texto, o que pode ser apresentado com o apoio da gramática, da sintaxe e do conhecimento dos sinônimos. Isso equivale a dizer que, para se falar em inferência, é preciso que o leitor passe para além da compreensão literal e vá mais longe do que aquilo que revela a superfície do texto.

Para Cunningham (1987), há duas categorias de inferências: lógicas, baseadas no texto, e as inferências pragmáticas, baseadas nos conhecimentos ou esquemas do leitor. Na verdade, a inferência baseada no texto está necessariamente incluída na frase, enquanto que a inferência baseada nos esquemas não está e pode aparecer subentendida.

Inferências criativas, tal como as inferências pragmáticas, são consideradas como respostas inferenciais constituídas quase inteiramente por elementos que provêm dos conhecimentos ou esquemas do leitor.

Para fazer distinção entre a inferência criativa e a inferência pragmática propõe Cunningham (1987) a seguinte regra: uma inferência será pragmática se o leitor médio (comparado com o grupo a que pertence) tem tendência a fazê-la, depois de “incitado” a isso; por outro lado, se a inferência só for comum a certos leitores, então, tratar-se-á de uma inferência criativa. Com a explicação, notamos que não se trata de fazer apelo à imaginação ou ao juízo do leitor, mas aos seus conhecimentos anteriores. Portanto, quanto mais conhecimentos sobre um assunto possuir um leitor, mais possibilidades ele terá de fazer inferências criativas. Em suma,

Há inferências lógicas, que decorrem do texto e que são necessariamente verdadeiras, assim como as inferências pragmáticas, que são possivelmente verdadeiras e comuns ao conjunto de leitores; existem igualmente inferências criativas, que são possivelmente verdadeiras, não-indispensáveis à compreensão e

próprias de alguns leitores (GIASSON, 2000, p. 95).

Há discordância entre muitos autores que se ocupam da pesquisa sobre inferências. Mckoon e Ratcliff (1992), por exemplo, apresentam-se a favor da hipótese minimalista<sup>9</sup> de produção de inferências, opondo-se à visão construcionista. Na hipótese minimalista, somente dois tipos de inferências são construídos e codificados durante a leitura: “aquelas necessárias para o estabelecimento da coerência local do texto que está sendo processado e aquelas baseadas em informações que estão rápida e facilmente disponíveis” (MCKOON; RATCLIFF, 1992, p. 13). Em outras palavras, para a corrente minimalista, as inferências feitas pelo leitor seriam em número reduzido, porque ele (leitor) faria somente aquelas necessárias à compreensão do texto ou aquelas baseadas em informações consideradas muito disponíveis.

Rumelhart (1977) e van Dijk e Kintsch (1983) postulam que a representação mental do texto automaticamente codificada é um modelo de situação descrita pelo texto. Para eles, esse tipo de representação deveria conter inferências, principalmente elaborações de informações explícitas no texto e conexões globais entre proposições. Há, nesse momento, evidências que essa corrente defende que muitas inferências seriam feitas durante a leitura, uma vez que o leitor deveria construir uma representação mental mais completa para a situação tratada no texto.

Pereira (2009b), ao reportar-se à questão da predição leitora e inferência, busca interação com estudos da Psicolinguística, quando se refere à estratégia de predição. No caso de a leitura ser vista sob a ótica do processo cognitivo, realizam-se dois movimentos: *bottom-up* e *top-down*, conceitos defendidos por Kato (1985 [2007]).

Como já mencionado, o movimento *bottom-up* é ascendente, realizando movimento das partes para o todo. Este tipo de movimento caracteriza-se, por assim dizer, como uma leitura linear, minuciosa, vagarosa, onde todas as pistas visuais são utilizadas. Já o movimento *top-down* é um movimento não linear que vai da macroestrutura para a microestrutura, quer dizer, da função para forma, utilizando informações grafo-fônicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas.

Pereira (2010), detalhando o entendimento sobre processamento ascendente e descendente, afirma que o ascendente se realiza das unidades menores para as maiores,

---

<sup>9</sup> Por uma questão de economia dos recursos mentais envolvidos na leitura, é necessário ser ‘minimalista’, ou seja, é preciso haver limites para a produção de inferências, porque aquelas que não são automáticas costumam consumir mais recursos cognitivos e, por conseguinte, a demanda excessiva de recursos mentais causados pelo grande número de inferências geradas pode prejudicar outras operações envolvidas no processamento do texto [...] (COSCARELLI, 2003, p. 28).

quando a atenção do leitor está focada para as pistas visuais do texto. Esse tipo de processamento é utilizado em situações em que o leitor apresenta poucos conhecimentos prévios sobre o conteúdo ou sobre a linguagem do texto. O processamento descendente acontece de forma “inversa”, isto é, se realiza das unidades maiores para as menores, quando o leitor se apoia nas informações extratextuais, a exemplo de quando o leitor tem muitos conhecimentos prévios sobre o assunto e sobre a linguagem empregada no texto.

Reconhecendo que os movimentos ou processamentos, via de regra, sofrem influências de variáveis como o objetivo da leitura, os conhecimentos prévios do leitor, o tipo de texto, podemos deduzir que, quanto maior quantidade de informações o leitor possuir sobre o assunto do texto que tem à sua frente, mais condições ele terá para realizar um processamento *top-down*.

A predição e a inferência constituem o alicerce do raciocínio de compreensão da leitura. A predição, por sua vez, permite prever letras, morfemas, palavras, frases, o tema do texto e, muitas vezes, a situação de produção do texto. Pereira (2009b, p. 13) enfatiza: “[...] a predição consiste numa estratégia leitora que propõe um confronto entre o leitor, através de seus conhecimentos prévios, e o texto, através das pistas linguísticas deixadas pelo escritor em todos os planos do texto [...]”.

Alguns estudos iniciais sobre inferência foram desenvolvidos por Hayakawa (1939), que diz ser a inferência uma asserção sobre o desconhecido, feita na base do conhecimento; McLeod (1977), que descreve inferência como uma informação cognitivamente gerada com base em informações explícitas, linguísticas ou não linguísticas, desde que em um contexto de discurso escrito contínuo, e que não tenha sido previamente estabelecido; Bridge (1977), que define inferência como uma informação semântica não explicitamente estabelecida no texto, mas gerada pelo leitor durante o processo inferencial de especificação de proposições; Flood (1981), que sucintamente diz que se o texto existe, o leitor infere; e finalmente Smith (1991) pontua que, no ato de leitura, realizam-se inferências com a finalidade de compreender. (DELL’ISOLA, 2001, p. 42).

Kleiman (2011, p. 25) considera que a “ativação do conhecimento prévio é [...] essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto que lhe permite fazer as inferências necessárias para relacionar diferentes partes discretas do texto num todo coerente. [...]”. Da mesma forma, Silva (1991) defende que, na relação com o texto, em busca das intenções do autor, o leitor torna-se participante da interação comunicativa. E essa interação comunicativa ocorre porque

a leitura não se configura como um processo passivo [...]. Por exigir descoberta e recriação, a leitura coloca-se como produção e sempre supõe trabalho do sujeito-leitor [...], então, o leitor, além de partilhar e re-criar referenciais de mundo, transforma-se num produto de acontecimentos, em função do aguçamento da compreensão e de sua consciência crítica (SILVA, 1991, p. 25).

Compreender um texto é um ato de afirmação social, uma interação com outros indivíduos. É uma atividade situada num contexto sócio-histórico. Um processo inferencial. O leitor deve refletir sobre a importância dos condicionamentos socioculturais na construção do sentido no ato de ler.

Nas seções seguintes, faremos explanação a respeito da TEM e sobre como a teoria pode ser aplicada à compreensão de provérbios.

#### **2.2.4 Bases teóricas da Teoria dos Espaços Mentais**

Fauconnier (1994) postula que os espaços mentais podem ser compreendidos como domínios cognitivos que são de natureza semântico-pragmática. Por isso, esses domínios cognitivos que se configuram no processamento discursivo são ativados por meio de certas expressões linguísticas e por alguns mecanismos de reconhecimento de elementos em diferentes campos, como o psicológico, o cultural e o histórico. Ocorre que, na prática comunicativa, o indivíduo ativa vários espaços mentais e inter-relaciona elementos de vários desses espaços, estabelecendo uma rede de projeções. Os construtores de espaços mentais têm formas variadas no nível gramatical e podem ser conectivos, sintagmas adverbiais, sintagmas preposicionais, marcas de tempo e modo verbal e sentenças, criando, dentre outros possíveis, os diferentes tipos de espaços.

Ao tentarmos definir um espaço mental abstratamente, sem apresentar exemplos e sem um contexto mais completo, podemos sentir dificuldade. Mas podemos dizer que os espaços mentais são ativações que são estabelecidas no cérebro. Como ninguém pode ver os espaços mentais no cérebro, supomos que nós organizamos e conectamos os espaços mentais através de excitações sincrônicas de conjuntos de neurônios. É por isso que os espaços mentais são considerados como um tipo de descrição de alto nível, baseado em generalizações, e que nos possibilita explicar ou formular hipóteses sobre a linguagem, sobre a gramática e sobre o pensamento (COSCARELLI, 2005). Temos o reforço desse posicionamento quando Fauconnier (1994, p. xxiii) enfatiza: “A conversa diária e a argumentação do senso comum são sustentadas por criações mentais invisíveis e altamente abstratas que a gramática ajuda a guiar, embora não as defina por si mesmas”.

Abreu (2010, p. 81), reportando-se à TEM, afirma que esta “foi proposta por Gilles Fauconnier, em 1994, num livro chamado *Mental Spaces*, a partir da constatação de Turner de que a linguagem não veicula sentidos, ela apenas os induz [...]”. Espaços mentais, segundo Abreu, são “pequenas parcelas de tempo de curta duração que abrimos em nossas mentes, para atribuir sentido ao que ouvimos ou lemos [...]” (ABREU, 2010, p. 82). Por esse motivo é interessante prestar atenção ao que diz Turner (apud FAUCONNIER, 1994, p. xxii), para evitar possíveis “achismos”:

Expressões linguísticas não significam; elas são propostas de significação para que nós construamos os significados trabalhando com processos que já conhecemos. De maneira alguma o significado de [uma]... enunciação está ‘diretamente nas palavras’. Quando nós entendemos uma enunciação, nós, de maneira alguma, estamos entendendo ‘exatamente o que as palavras dizem’; as palavras por si mesmas não dizem nada independentemente do conhecimento magnificamente detalhado e dos eficientes processos cognitivos que trazemos como suporte.<sup>10</sup>

Na busca de pesquisas já realizadas sobre provérbios com enfoque no cognitivismo, encontramos os estudos de Arora (1995) e Jesus e Miranda (2003). No primeiro trabalho, constatamos o estudo das mesclas, tanto na linguagem literária como na popular. No segundo, verificamos as construções condicionais proverbiais a partir de uma abordagem sociocognitiva.

Arora (1995) enfatiza que, se o receptor considera o que lhe foi dito como provérbio, tem-se uma primeira evidência de que se trata de um provérbio, porque a proliferação de determinadas famílias de provérbios deriva de processos cognitivos que facilitam a aceitação pelo(a) ouvinte de provérbios que não lhes são familiares e encorajam a invenção de novos adágios ou variantes dos existentes. Este trabalho foi divulgado na Internet pela Universidade da Tasmânia, Austrália, intitulado “*A Womam and a Guitar: Variations on a folk metaphor*”, cuja abordagem não se vale essencialmente da metodologia cognitivista, mas nos permite inferir que todas as suas observações nos conduzem à configuração de um típico *blending* (do inglês “mistura”), espaço de mescla.

Jesus e Miranda (2003) descrevem a rede de construções condicionais universais do tipo [Quem P, Q], explicando-a a partir do princípio cognitivo da mesclagem. Mostrando preocupação com uma discussão de caráter regular e produtivo dessas expressões idiomáticas, as autoras analisam à luz da Hipótese Sociocognitiva da Linguagem (HSC), defendida por

---

10 Do original *Expressions do not mean; they are prompts for us to construct Meanings by working with processes we already know. In no sense is the meaning of [an] ...utterance ‘right there in the words’. When we understand an utterance, we in no sense are understanding ‘just what the words say’; the words themselves say nothing independent of the richly detailed knowledge and powerful cognitive processes we bring to bear* (TURNER apud FAUCONNIER, 1994, p. xxii).

Salomão (1999), as construções condicionais universais proverbiais.

Para proceder a uma análise sociocognitiva, consideram Jesus e Miranda (2003) que, à luz da Gramática das Construções (GC), as construções são unidades básicas de uma língua, portanto, centrais à sua descrição. Por isso, no “exame de um conjunto de provérbios tornou-se evidente [...] a escolha de uma configuração sintático-semântica predominante: a construção condicional [x P, Q], motivadora desta ampla e complexa rede de construções proverbiais” (JESUS, MIRANDA, 2003, p. 269).

Apresentam as autoras:

- [Se P, Q] (1) ‘Se o camelo não ajoelhasse, ninguém lhe punha carga em cima’.
- [Quem P, Q] (2) ‘Quem com porcos se mistura, favelo come’.
- [O que P, Q] (3) ‘O que vem de baixo não me atinge’.
- [Tudo que P, Q] (4) ‘Tudo que cai na rede é peixe’.
- [Quando P, Q] (5) ‘Quando a esmola é demais, o santo desconfia’.
- [Aquele que P, Q] (6) ‘Aquele que dá passadas muito largas não pode andar’.

O objeto de investigação das autoras, dentro do conjunto de construções condicionais proverbiais, é a condicional universal [Quem P, Q].

Na análise a seguir, Jesus (2005), no provérbio “*Quem corre, cansa*”, faz descrição sintática e semântico-pragmática pelo processo cognitivo de mesclagem. A análise dos seis provérbios da presente tese será subsidiada pelos estudos da pesquisadora (Figura 3).

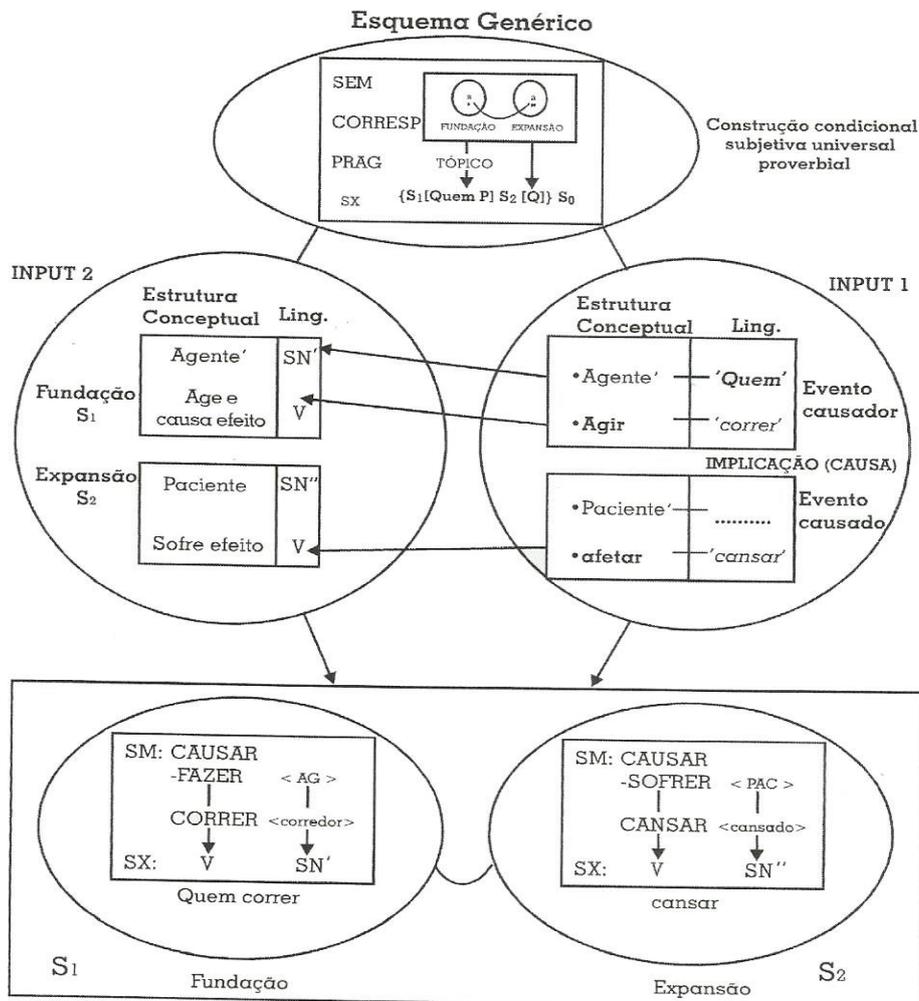
Em relação à TEM, a nossa pretensão é tentar responder a perguntas que nos fizemos ao longo da construção desse trabalho, a saber: a) Até que ponto os espaços são construídos no discurso que está sendo dito nas tampas de painéis?; b) O que devemos considerar exatamente como construção de espaços?

Lembramos, primeiramente, que a TEM “diz respeito ao papel dos fatores cognitivos como princípios de organização do conhecimento e estratégias de processamento, para a interpretação semântica das expressões linguísticas em linguagem natural” (FELTES, 2007, p. 116). Precisamos pensar que os espaços mentais, enquanto domínios conceituais, podem estruturar vários tipos de informações, como: imagens, representações pictoriais, fotografias, jogos, esportes, campos científicos, obras literárias, sistemas hipotéticos, entre outros. Pensando a teoria sob essa perspectiva, percebe-se que a ligação entre diferentes domínios, quer seja de mesma natureza ou de natureza diversa, é realizada através de conectores pragmáticos, quer dizer, pela influência de contextos específicos.

A TEM diz respeito ao que acontece nos bastidores da cognição, o que acontece em nossas mentes, quer dizer, considerando-se as reflexões de Fauconnier, podemos dizer que são pequenos conjuntos de memória que construímos enquanto pensamos e falamos. Ressalta-se,

inclusive, que os conhecimentos linguísticos e gramaticais fornecem muitas evidências para as atividades mentais implícitas e para as conexões dos espaços mentais.

**Figura 3 - Descrição sintática e semântico-pragmática do provérbio *Quem corre, cansa* pelo processo cognitivo de mesclagem**



Fonte: Jesus (2005, p. 155)

Martelotta e Palomanes (2008) postulam que os espaços mentais são ativados através de conectores, ou seja, construtores de espaços mentais. Para melhor entendimento, apresentamos exemplos de construtores de espaços mentais, mesmo não sendo especificamente relacionados a provérbios:

**Modelo cultural:** *Na novela*, o ator brasileiro é americano.

**Imagem:** *Na fotografia*, Brad Pitt está feio.

**Lugar:** *No Brasil*, as pessoas não falam inglês.

**Tempo:** *Quando eu era pequeno*, eu gostava de assistir desenho animado.

**Hipótese:** *Se ele estivesse aqui*, certamente saberia como agir (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008, p. 187).

Nos exemplos apresentados, os elementos que aparecem em itálico expressam o espaço em que a informação passada no restante da frase deve ser tomada como verdadeira. Fauconnier e Turner (2002, p. 92) lembram que “a capacidade de abrir, conectar e mesclar espaços mentais nos fornece um *insight* global, uma compreensão em escala humana”, entendendo que a escala humana refere-se a situações que são familiares e fáceis de aprender para os seres humanos, como pessoas conversando, saindo ou dançando ou até mesmo um objeto caindo, entre muitos outros exemplos. Podemos considerar como um dos mais importantes aspectos dessa eficiência, em termos de *insight* e criatividade, a compressão alcançada por meio da mesclagem de relações conceptuais, denominadas relações vitais.

Fauconnier (1994) considera as piadas como um dos seus exemplos favoritos de espaços mentais. A construção do sentido no gênero piada se realiza, muitas vezes, através de três categorias principais: a mesclagem, a metáfora e a polissemia. No exemplo, a seguir, ele envolve elementos contrafactuais e metáforas: “Se Clinton fosse o Titanic, o *iceberg* é que teria afundado.” Percebe-se, na piada transcrita que o presidente Clinton, apesar de ter sido atacado pelos mais variados tipos de inimigos, pode notar a sua popularidade aumentada. A estrutura que se torna evidente é a de que navios podem afundar *iceberg*, o que é impossível de acordo com as leis da física. No entanto, nos espaços mesclados a estrutura emergente permite que o *iceberg* afunde. A piada, para ser compreendida, precisa que se abra um espaço mental do *iceberg* e do Titanic, o que permite a compreensão de que o Titanic é um navio enorme que afundou, e na construção de um outro espaço mental, com o conhecimento que temos sobre Clinton, no caso presidente dos Estados Unidos, e também sobre todos os ataques que ele sofreu. A partir desses dois espaços mentais, devemos construir um terceiro, quer dizer, “uma espécie de Clinton-Titanic tão forte que é capaz de afundar um *iceberg*”. Lembremos, pois, que as construções linguísticas são apenas a ponta do *iceberg* (cf. FAUCCONNIER; TURNER, 2002, p. 17), quer dizer, pistas através das quais os compreendedores acionam padrões (esquemas/frames) que são construídos via experiência de mundo.

Fauconnier e Turner (2002) explicam os três “Is” da mente. Segundo os autores, a letra I (lida em inglês) realiza-se fonologicamente da mesma maneira que a palavra que significa olho: EYE/aI/, olho, como também pode ser a representação da letra inicial das palavras Identificação, Integração e Imaginação. Postulam que atividades mentais humanas muito complexas são realizadas nestes 3 Is.

Os pesquisadores Fauconnier e Turner (2002) chamam a atenção para uma operação cognitiva fundamental para os seres humanos: a capacidade de agrupar diversos espaços

mentais e, a partir desse agrupamento, criar novos espaços mentais que possuem uma estrutura emergente. Convém observar que os seres humanos parecem capazes do que podemos chamar de “integrações de duplo escopo”, onde os espaços mentais conflitantes são introduzidos. Assim sendo, com a integração de espaços podem surgir estruturas cognitivas. Se pensarmos bem, é essa capacidade de fazer mesclas duplas que caracteriza as capacidades cognitivas de nossa espécie.

Os estudos de Fauconnier e Turner (2002) postulam que o cérebro funciona por meio de ativações cerebrais muito intensas das quais resultam construções mentais complexas que vão ocorrendo à medida que pensamos, falamos, agimos ou lemos. É, por isso, uma aptidão humana peculiar que nos permite construir conjuntos de memórias prontas para serem ativadas, sempre que necessário. A mesclagem é a incorporação de estruturas parciais dos espaços mentais anteriores (memórias prévias) para a apresentação de um espaço emergente próprio, que é o espaço mescla. No livro, evidencia-se que uma das funções das mesclagens e da criação dessas elaboradas redes conceituais é possibilitar a compreensão de relações vitais. Entendemos a partir daí que podemos unificar o que denominamos espaço externo ou interno, ou podemos tomar emprestadas compressões já existentes, cuja finalidade é criarmos novas mesclas. Portanto, é o resultado dessas compressões que torna as coisas mais acessíveis, mais inteligíveis e também mais fáceis de serem manipuladas pelos seres humanos.

Se retornarmos ao caso de Clinton e do Titanic, confirmaremos que é um excelente exemplo de compressão porque sobre o que estamos falando é algo complexo e difuso. No caso Clinton há muitos atores, muitos políticos e muitas intrigas envolvidas. Clinton, para todos que acompanham questões de política fora do espaço nacional, é inegavelmente um indivíduo que teve muitas aventuras de diversos tipos, o que torna sua história complexa, difusa e difícil de entender. Em termos da chamada possibilidade contrafactual de o Titanic afundar o *iceberg*, concordemos que os eventos são comprimidos em uma história bem mais simples, havendo redução de muitos atores e de muitos objetos. A relação causa/efeito, possivelmente, foi reduzida em um único evento numa escala humana na qual são apresentados o Titanic e o *iceberg*, e um colide com o outro, causando o afundamento de um deles (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Fauconnier (2004) diz que nas situações enunciativas nos adaptamos à medida que o discurso dinamicamente se desdobra. Podemos dizer que os espaços mentais incorporam as situações enunciativas do falante, do ouvinte, do narrador e assim por diante. No trabalho sobre espaços mentais, a perspectiva e os pontos de vista são de extrema importância para entender a linguagem. Em outras áreas da semântica cognitiva, por exemplo, o trabalho de

Langacker (1987) sobre gramática cognitiva ou o trabalho de Talmy (1998) sobre semântica cognitiva, há fortes componentes de perspectiva e ponto de vista. Na TEM isso é incorporado, tornando possível a mudança de um espaço mental para outro. Acontece, então, que um deles é tomado como foco e o outro, como ponto de vista, e o outro, por exemplo, como base ou ponto de partida. Por isso, enquanto uma pessoa pensa ou fala está metaforicamente se movendo de um espaço mental para outro e mudando de pontos de vista e também de perspectivas. Atenemos para o fato de que a linguagem em si mesma não nos diz muito a respeito do significado. As pistas que nos são fornecidas auxiliam a construir significados dependendo de contextos e situações. Assim, além de usarmos nossas imensas capacidades cognitivas, também usamos muitas informações sobre o contexto e a situação.

Langacker (1999) considera a Linguística Cognitiva como pertencente à tradição funcionalista dos estudos sobre a linguagem, opondo-se, sob vários ângulos, à tradição gerativista. Apesar das várias linhas metodológicas e visões teóricas, as abordagens cognitivas e funcionalistas são complementares, “facetadas sinergeticamente relacionadas de um empreendimento global comum” (LANGACKER, 1999, p. 14).

Para Langacker (1999, p. 14), “a linguagem serve à *função semiológica* de permitir conceptualizações a serem simbolizadas por meio de sons e gestos, assim como uma *função interativa* multifacetada envolvendo comunicação, manipulação, expressividade e comunhão social”. Para ele, é justamente a simbolização que permite à linguagem exercer sua função interativa, ao mesmo tempo em que a interação é fundamentalmente dependente das mentes corporificadas que a ela se engajam. Além disso, a interação, afirma, “não pode ser propriamente entendida ou descrita sem uma caracterização detalhada das concepções que essas mentes possuem, o que inclui as concepções sobre a própria interação e as concepções dos interlocutores”. Grosso modo, pode-se dizer que fatores ambientais, biológicos, psicológicos, desenvolvimentais, históricos e socioculturais expressam a atitude amplamente compartilhada entre linguistas cognitivistas e funcionalistas.

De certa forma, fica mais fácil entendermos a proposta de corpo e mente atuando juntos na construção de sentido, e as metáforas, nessa perspectiva, fazendo parte de uma complexa rede de conceitos, associados aos nossos conhecimentos prévios de mundo, através do nosso sistema conceptual. Nesse sistema, estariam compreendidas as versões públicas de mundo por nós vivenciadas, nosso conhecimento enciclopédico, nossas crenças etc. Essa completude de informações seria o nosso guia na negociação intersubjetiva de sentidos que temos com os demais. E a metáfora teria papel importante nesse processo. A associação da sociocognição com a pragmática se faz presente nessa perspectiva.

Sabemos que a metáfora é determinada por uma relação de semelhança entre as coisas. Esta relação, por sua vez, faz com que uma determinada coisa seja designada por outro nome usado para designar uma outra coisa. Para Jesus (2005, p. 141), “A metáfora é a projeção de um domínio fonte sobre um domínio alvo. É uma das principais estruturas cognitivas que nos habilitam para construirmos sentidos. [...]”.

A metáfora em provérbios pode ser apresentada nos exemplos ilustrativos, retirados do livro *Terra Sonâmbula*, Mia Couto (2007).

- ( a ) “*O sonho é o olho da vida*”. Exp.5  
 ( b ) “*Melhor sentinela é não ter portas*”.Exp.7  
 - *A melhor defesa é ser pobre.*

A frase (b) representa a imagem do objeto cujos elementos principais são defesa e ser pobre. Neste caso particular de análise, é conveniente recorrer ao contexto com o intuito de identificar a sua implicação, mesmo em se tratando de literatura escrita.

### 2.2.5 A TEM e a inferenciação

Coscarelli (2009) faz uma leitura da TEM criada por Fauconnier e, apoiando-se nas ideias do teórico, procura, assim como ele, mostrar e explicar o que acontece nos “bastidores” da nossa cognição. Nas análises reporta-se em explicar termos como: ativadores de espaços mentais, espaço genérico, estruturas emergentes, integração, espaço contrafactual, mescla, metáforas, princípios constitutivos, princípios governadores, relações vitais, ativação seletiva, escala humana, identidade e integração conceitual. Nosso recorte para o momento diz respeito a apresentar alguns exemplos e explicações para compreensão e aplicação da TEM especificamente no campo da inferenciação.

Coscarelli (2009) lembra que as ciências cognitivas defendem que o raciocínio humano inclui *frames*, metáforas conceituais e *blending*. Para a TEM, a compreensão se dá por meio da criação, articulação e integração dos espaços mentais. Coscarelli diz que *frame* é uma noção cara à TEM, porque engloba um conjunto de outros conceitos que incluem esquemas, roteiros, cenários, modelos cognitivos idealizados e teoria do senso comum. Fillmore (1985) define *frames* como um sistema de categorias cuja estrutura tem raízes em algum contexto, enquanto Minsky (1975) apresenta *frame* como uma estrutura usada para representar situações corriqueiras; por isso, a ativação de um *frame* cria expectativas sobre importantes aspectos do contexto. Na verdade, *frames* usam valores mais típicos ou

frequentes para cada elemento da estrutura, conhecidos como *default*. Se uma informação não estiver disponível ela poderá ser preenchida por um valor *default*.

Espaços mentais trazem representações parciais de elementos e relações entre eles em um cenário que pode ser percebido, compreendido, imaginado, lembrado, sonhado, etc. Ou seja:

[...] um componente importante da teoria dos espaços mentais envolve o estabelecimento de projeções entre elementos e relações em diferentes espaços. Essas projeções podem ser baseadas em vários tipos de relações, incluindo identidade, similaridade, analogia, funções pragmáticas baseadas em metonímia, sinédoque e representação (COULSON; OAKLEY, 2000, p. 177).

Esses espaços envolvem a integração de elementos ativados na memória de trabalho com outros conhecimentos da memória de longo termo e são geralmente ativados por elementos do texto, sejam eles verbais ou não verbais.

Para Lakoff e Turner (1989, p. 93), as “palavras são elementos que nos incitam a fazer projeções no nível conceitual entre imagens”. Essa definição e os versos da música nos permitem ativar e mesclar as imagens de rua e de espada, criando uma nova imagem e possibilitando a elaboração de novos sentidos. A observação é que nem toda informação relacionada à rua poderá ser ativada, porque a referida rua deve ser de asfalto e não de terra, em analogia à cor da espada. Com a aceitação dessa analogia, diríamos que “nessa rua não está prevista uma curva, ela é reta como a espada” (COSCARELLI, 2009, p. 194). Assim, podemos encontrar elementos nos dois espaços que serão projetados no espaço mescla.

Fauconnier (1994) afirma que inferência é um termo da lógica que remete a Aristóteles e ao fato de haver padrões do pensamento. Recorramos, portanto, à clássica premissa: “Todos os homens são mortais” e, se “Sócrates é homem”, pode-se inferir que “ele é mortal”. A ilustração, apresentada por Fauconnier, exemplifica o que é uma inferência em termos lógicos. Nós fazemos muitas inferências sem que expliquemos, por meio da lógica, cada passo delas. Na verdade, nós fazemos muitas inferências porque temos padrões cognitivos muito complexos. Nós podemos utilizar sistemas de inferências bem sólidos a fim de projetarmos inferências de volta para o que esperamos que seja respondido. Não seria tudo metáfora? Não seria tudo inferência? Não seria tudo mesclagem? Longe de dizer que tudo se reduz a mesclagens ou metáforas, devemos dizer: “veja a variedade de metáforas que podemos ter.” (COSCARELLI, 2005, p. 299).

## 2.2.6 Aplicação da TEM à compreensão de provérbios

Para compreender os provérbios, estudiosos da Linguística Cognitiva (LC) <sup>11</sup> têm utilizado as metáforas para explicar os provérbios. Abreu (2010, p. 41) diz que “Nunca se produziram, em todo o mundo ocidental, tantos trabalhos sobre a metáfora como nos últimos anos [...]”. Metáfora é uma palavra de origem grega e significa mudança, transporte. Este termo foi definido inicialmente por Aristóteles nas obras sobre poética e retórica. Na metáfora, o sentido próprio, real e objetivo é transformado para um sentido figurativo e representativo. A metáfora, enquanto importante mecanismo cognitivo de estruturação de conceitos, está presente na linguagem, em nossos pensamentos e nas nossas ações. Ela nos possibilita conhecer, construir, produzir, dar sentido ao conhecimento de maneira a possibilitar integração com a cultura de um povo, é um recurso conceptual largamente utilizado pelos seres humanos diariamente, principalmente quando entram em ação as nossas emoções. A essência do processo metafórico é entender e explicar algo em termos de outro (LAKOFF; JOHNSON, 1980; ABREU, 2010).

Partindo para outro olhar em relação à metáfora encontramos o posicionamento de Kövecses (2002), quando sintetiza que a visão tradicional da metáfora pode ser apresentada em cinco condições básicas: 1) a metáfora é uma ocorrência linguística; 2) é empregada para enfeitar confecções da arte e da retórica; 3) é fundamentada na semelhança entre dois elementos que são conferidos e identificados; 4) acontece por meio de um uso consciente das palavras e é preciso ter uma habilidade especial para ser apto a usá-la de modo eficaz e inventivo; 5) é uma figura de linguagem usada para causar resultados específicos no discurso, como um recurso que não está fundamentalmente pautado na comunicação diária e coloquial das pessoas.

No entanto, Lakoff e Johnson (1980) defendem que a metáfora não é apenas uma figura de linguagem, uma ferramenta literária restrita a ornamentar narrativas e poesias. Segundo os autores, as ideias que governam o pensamento não são apenas questões de intelecto, mas conduzem as nossas ações das mais simples até as mais complexas. Sua função

---

<sup>11</sup> A Linguística Cognitiva surgiu nos finais da década de 70 e princípios de 80, impulsionada, por um lado, pelo interesse pelo fenômeno da significação (já evidenciado, aliás, pelo movimento da Semântica Gerativa, mas, ao contrário deste, fora da tradição gerativa) e, por outro, pela investigação psicolinguística de Eleanor Rosch sobre o papel fundamental dos protótipos no processo de categorização. Só em 1990 é que se institucionaliza, com a criação da ‘*International Cognitive Linguistics Association*’, da revista ‘*Cognitive Linguistics*’ (dirigida por Dirk Geeraerts) e da coleção ‘*Cognitive Linguistics Research*’ (editada por René Dirven e Ronald Langacker e publicada por Mouton de Gruyter). Os representantes principais da Linguística Cognitiva são os norte-americanos (da Califórnia) George Lakoff e Leonard Talmy (SILVA, 2004, p. 1).

meramente retórica e impressionista, subsidiada em uma orientação objetivista clássica (JOHNSON, 1987) é questionada pela LC. Ela adquire, portanto, estatuto cognitivo e epistemológico, sendo reconhecida como um princípio de compreensão humana que subjaz à vasta rede de significados literais que se inter-relacionam (JOHNSON, 1987).

Barcellos (2012) amplia a visão sobre metáforas e seu emprego, afirmando:

As metáforas funcionam, portanto, não somente como figuras de retórica, nem como instrumentos cognitivos prévios que satisfazem às necessidades da comunicação. A importância das metáforas abrange permanente atividade de construção cultural e cognitiva da linguagem em seu sentido global. Pensar, sentir, falar e agir inter-relacionam-se de forma a elaborar significados. As projeções metafóricas foram evidenciadas por meio dos discursos analisados; contudo, os estudos nesse campo não se limitam às investigações sobre a linguagem escrita ou falada. A linguagem em sentido mais amplo também é composta por metáforas, ampliando as possibilidades desse modo de pesquisa em várias outras formas de expressão, como por exemplo, nos desenhos, nos sonhos e nos mitos (BARCELLOS, 2012, p. 74).

Analisando-se os conceitos da LC, percebe-se a complexidade desse campo de estudo, o que orienta também a concepção que ela tem do que venha a ser linguagem. Nesta tese, assumiremos o posicionamento da LC que defende uma abordagem da linguagem como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. Sendo assim, as unidades e as estruturas da linguagem são estudadas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceitual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

À LC interessam os seguintes temas: as características estruturais da categorização linguística (tais como prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos, metáfora e imagens mentais), os princípios funcionais da organização linguística (iconicidade e naturalidade), a interface conceitual entre sintaxe e semântica, a base pragmática ligada à experiência da linguagem-no-uso e a relação entre linguagem e pensamento (incluindo questões sobre o relativismo e sobre os universais conceituais) (FERRARI, 2011).

Os cientistas cognitivos concordam em três principais pressupostos: a mente é inerentemente corporificada e imaginativa; a maior parte dos pensamentos é inconsciente; abstratos conceituais são em grande parte metafóricos (LAKOFF, 1987). É isso que nos demonstra que esses cientistas compartilham da crítica ao dualismo cartesiano ocidental.

Lakoff e Johnson (1999) propõem o conceito “corporificação”, quer dizer *embodiment*. Nesse sentido, a mente não está fora do corpo como se acreditava, e a razão origina-se da experiência corporal, da capacidade neural de nossos cérebros e das peculiaridades de nossas funções cotidianas no mundo.

### 2.2.7 Linguagem, cultura e cognição: relações entre Linguística Cognitiva e cultura

Silva (2004) defende que as mentes individuais são entidades corporizadas e altamente interativas com o seu meio e é através desta interação que a cognição e a linguagem surgem, se desenvolvem e se estruturam. A linguagem reside nas mentes individuais, sem as quais a interação linguística não poderia ocorrer. A LC reconhece que a capacidade para a linguagem fundamenta-se em capacidades cognitivas gerais e todas estas capacidades são culturalmente situadas e definidas. Ela assume e desenvolve, portanto, uma concepção inteiramente contextualizada do significado, claramente exposta em Langacker (1997). Os principais programas de investigação da LC exploram a dimensão sociocultural e as relações entre os aspectos cognitivos e os aspectos culturais da linguagem: entre outros, a Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC) de Lakoff (1987), a Gramática Cognitiva (doravante GC) de Langacker (1997), o estudo de modelos culturais e teorias populares, trabalhos sobre cognição espacial, os estudos das condições cognitivas das inovações linguísticas e das condições sociais da sua propagação, numa linha de Biologia Evolutiva (doravante BE) de Croft (2000). Percebe-se, então, que a LC é um espaço plural que acolhe e estimula estudos linguísticos e também estudos psicológicos ou neurológicos, estudos antropológicos e interculturais e ainda aqueles que combinam estas e outras orientações.

Langacker (1994) sugere a seguinte chave interpretativa das relações entre linguagem, cultura e cognição: linguagem e cultura são “facetas imbricadas” da cognição. Segundo o autor, sem a linguagem um certo nível de conhecimento/desenvolvimento cultural não poderia ocorrer e, inversamente, um alto nível de desenvolvimento linguístico só se obtém através da interação sociocultural. Devemos considerar, ainda, que certos aspectos da linguagem são não culturais, porque capacidades psicológicas provavelmente inatas (como a capacidade para articular sons) e certos aspectos da cultura são basicamente não linguísticos, na medida em que são apreendidos por meios não linguísticos e são culturalmente específicos. Os aspectos linguísticos não culturais não deixam de ser culturalmente manifestados e convencionalizados e, inversamente, o conhecimento cultural originariamente não linguístico faz parte da convenção linguística ou do significado convencional, mesmo que não chegue a ser verbalizado (SILVA, 2004). Por este motivo, a compreensão correta das relações entre linguagem e cultura requer, como esclarece Langacker (1994), uma perspectiva dinâmica e um entendimento da natureza cíclica do desenvolvimento cognitivo, balanceado entre capacidades psicológicas inatas (como a organização figura/fundo, a reificação conceptual, a categorização, a esquematização, a capacidade de ponto de referência) e estruturas mentais

estabelecidas a partir da experiência prévia, umas pré-culturais e outras, marcadamente culturais.

Silva (2004, p. 6) apresenta, dentre outros, os seguintes questionamentos: a) Como articular a hipótese dos conceitos universais, empiricamente verificada por alguns autores da LC (LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999), com os recentes resultados de estudos interlinguísticos, particularmente os do Grupo de Antropologia Cognitiva (doravante AC) do Instituto Max-Planck de Psicolinguística, em Nijmegen (Holanda), que demonstram que falantes de diferentes culturas conceitualizam domínios cognitivos básicos como o espaço de uma maneira diferente? b) Como é que metáforas, imagens, protótipos e outros mecanismos cognitivos se fundamentam tanto na mente dos indivíduos como nas representações culturais? É possível a LC e outras ciências cognitivas continuarem com uma metalinguagem de base inglesa? d) Qual interpretação pode ser dada a respeito do princípio da corporificação (“*embodiment*”) e quais as relações entre linguagem, cultura e cognição? Os questionamentos, embora não tenham pretensão de serem respondidos na nossa pesquisa sobre provérbios, podem subsidiar reflexões e futuras pesquisas relacionadas à LC.

Vale a pena retomar a partir das indagações apresentadas acima as principais reflexões de Kövecses (2002, p. viii), o qual sistematiza as características da visão da metáfora da seguinte maneira:

- são os conceitos que são metafóricos, e não as palavras;
- utiliza-se da metáfora para entender melhor certos conceitos abstratos;
- metáforas não precisam ser baseadas em similaridades com o que descrevem, e frequentemente não o são;
- metáforas são utilizadas no dia a dia;
- boa parte do pensamento humano é estruturado por metáforas.

Em trabalho anterior, Kövecses (2000) aplica a TCM à linguagem utilizada para falar de sentimentos e emoções. Ele opõe-se à conclusão de Joseph Le Doux (s/d). Para Joseph Le Doux, as emoções evoluíram não como sentimentos conscientes, diferenciados linguisticamente, mas sim como estados mentais e respostas corporais. Estes seriam os fatos fundamentais de uma emoção, ao passo que os sentimentos conscientes seriam supérfluos adjuntos aos estados mentais e respostas corporais. Kövecses, assumindo posição contrária, enfatiza que os sentimentos conscientes são expressos ou moldados pela linguagem, portanto um estudo linguístico pode revelar muito sobre as emoções. Já Ferrari (2011, p. 91) assim se posiciona: “A metáfora está relacionada à noção de perspectiva, na medida em que diferentes modos de conceber fenômenos particulares estão associados a diferentes metáforas”.

Diante de vários argumentos até o momento apresentados (KÖVECSES, 2002; 2000; FERRARI, 2011) devemos entender que, na interpretação de uma metáfora, o pensamento pode ativar e mesclar conceitos que podem envolver aspectos de literalidade e de metaforicidade. Gibbs (1994), em consonância com as ideias de Lakoff e Johnson (1980, 2002), argumenta que nós, seres humanos, não pensamos literalmente, mas figurativamente, opondo-se ao posicionamento de Donald Davidson (1992, p. 35), que defende que “as metáforas significam aquilo que as palavras, em sua interpretação mais literal significam, e nada mais que isso.”. Para Gibbs (1994) há, pelo menos, cinco tipos de literalidade que estão implícitos na discussão do sentido figurado, a saber:

- (a) **Literalidade convencional** – o uso literal é contrastado com o uso poético, o exagero, o embelezamento, o discurso indireto, etc.
- (b) **Literalidade com base no assunto** – é aquela que em determinadas expressões são empregadas para falar sobre um tópico específico.
- (c) **Literalidade não-metafórica** – ocorre quando o sentido de uma palavra (ou conceito) nunca é compreendido em termos de outra palavra (ou conceito).
- (d) **Literalidade baseadas nas condições de verdade** – acontece quando a linguagem é capaz de fazer referência de maneira objetiva a objetos (ou conceitos) existentes, podendo ser analisada como verdadeira ou falsa.
- (e) **Literalidade independente de contexto** – ocorre quando o sentido literal de uma expressão é independente de qualquer situação comunicativa. (GIBBS, 1994, p. 75)

Sintetizando, diríamos que a Teoria Cognitivista (TC), representada por Gibbs (1994) e Lakoff e Johnson (1980, 2002), defende a existência do sentido metafórico, opondo-se à visão Davidsoniana (1992) que tem caráter mais pragmático e não é a favor da metaforicidade e sim da literalidade na metáfora.

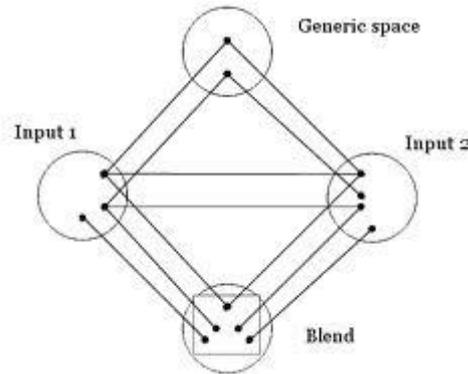
Na concepção da linguística cognitiva, a metáfora diz respeito ao entendimento que se tem do mundo, no entanto, para Quinn (1991, p. 91), este entendimento é adquirido culturalmente, e, a partir de um modelo cultural, é que são selecionadas as metáforas utilizadas para compreender o mundo. A seguir apresentaremos considerações a respeito do Modelo dos quatro espaços (FAUCONNIER; TURNER, 2002).

Nos diagramas, que representam mesclagens, temos:

- os espaços mentais – representados por círculos;
- os elementos dos espaços representados por pontos;
- as conexões representadas por linhas cheias (mapeamentos) ou pontilhadas (projeções);

- a estrutura emergente representada por um quadrado na mescla.

**Figura 4 - Modelo dos quatro espaços**



Fonte: Fauconnier e Turner (2002, p. 46)

O diagrama é um processo complexo e imaginário que envolve conexões e outras ações misturadas. Este diagrama representa nosso cérebro em atividade. Devemos considerar, então, que os elementos da mistura são: a) rede de integração conceitual – espaços mentais de entrada; b) conexões de associação – espaços de entrada conectados: conexões de identidades metafóricas; c) espaço genérico – a entrada é um espaço genérico; d) mistura – os espaços mentais de entrada são projetados para um espaço novo; e) projeção seletiva – nem todos os elementos das entradas são projetados para a mistura; f) estrutura emergente – esta estrutura surge na mistura; g) composição – pode compor elementos dos espaços de entrada, fornecendo relações que não existem nestas; h) preenchimento – conhecimento anterior inconsciente, psicológico; i) elaboração – misturas imagéticas, conceitos de identidade. Toda essa mistura, que a forma como nós pensamos, opera com a riqueza de nosso mundo mental e físico, mediante o cérebro, que é a nossa rede de integração ativa. A teoria da mesclagem de Fauconnier e Turner “baseia-se na metáfora de espaços mentais, que são vistos como estruturas parciais e temporariamente representadas, criadas por locutores falando ou refletindo sobre situações percebidas ou imaginadas no passado, presente ou futuro” (SCHRÖDER, 2010, p. 5).

Outros posicionamentos para compreensão do papel da metáfora são apresentados. De um lado, temos Kövecses (2008) argumentando que o pensamento metafórico fundamenta-se na experiência corpórea e em atividades neurológicas no cérebro. Assim, pressupõe que a metáfora tem como base o funcionamento do corpo humano e do cérebro e que, neste sentido,

os seres humanos são iguais; então, poder-se-á concluir que a maioria das metáforas conceituais que as pessoas usam são metáforas universais. Por outro lado, aparecem Gibbs e Steen (1999, p. 153), que se referem à base cultural da metáfora, destacando que tanto antropólogos como linguistas acreditam que a presença de metáforas em expressões linguísticas reflete não somente a operação de estruturas mentais individuais, mas também o trabalho de diferentes modelos culturais. Esses modelos culturais podem ser definidos como “esquemas culturais subjetivamente compartilhados que funcionam no intuito de interpretar experiências e guiar ações em vários domínios, incluindo eventos, instituições, e objetos mentais e físicos” (*ibidem*). Sob esta perspectiva, os modelos culturais podem ser entendidos como uma representação de visão de mundo de uma sociedade/cultura no que diz respeito a suas crenças, atos, maneira de falar sobre o mundo e suas próprias experiências.

Ainda com relação à metáfora, Lakoff e Johnson (2002) afirmam que a metáfora é tão importante como se “fosse um dos cinco sentidos, como ver, ou tocar, ou ouvir, o que quer dizer que nós só percebemos, experienciamos uma boa parte do mundo por meio de metáforas. A metáfora é parte tão importante da nossa vida como o toque e tão preciosa quanto” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 358). Concordamos, portanto, que a linguagem cotidiana é metafórica, porque pensamos metaforicamente, e as metáforas conceituais podem ser explicadas através da linguagem. Na verdade, as metáforas encontram-se no pensamento inconsciente e são consideradas figuras do pensamento, visto que a origem se dá na mente humana e não na língua. Elas estão infiltradas no pensamento e na ação. De acordo com a proposta de Lakoff e Johnson (2002, p. 46):

os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões de intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. Se estivermos certos, ao sugerir que esse sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora.

Lakoff e Johnson (1980) já tinham feito a descrição de três tipos de metáforas conceituais, a saber: a) *estruturais* – aquelas que estruturam metaforicamente um conceito abstrato a partir de um conceito concreto existente, que se projeta sobre aquele; para isso estabelece relações entre os domínios (ex.: TEMPO É DINHEIRO, AMOR É UMA VIAGEM, UM DEBATE É UMA BATALHA)<sup>12</sup>; b) *orientacionais* – aquelas que estão

---

<sup>12</sup> Adotaremos, para este trabalho, o posicionamento da Linguística Cognitiva que costuma grafar as metáforas conceituais em maiúsculas.

relacionadas à orientação espacial; partem, muitas vezes, da nossa orientação corporal no espaço (cima-baixo, dentro-fora, frente-atrás), como no conceito metafórico FELIZ É PARA CIMA (quando alguém diz: “Estou me sentindo para cima hoje”) e TRISTE É PARA BAIXO (quando alguém diz, por exemplo: “Estou no fundo do poço.”). Neste caso, as metáforas podem estar associadas a domínios tão díspares como as relações de poder ou as emoções; c) *ontológicas* – têm por base a nossa experiência com objetos e substâncias físicas, através dos quais explicamos noções abstratas, como eventos, emoções e ideias, exemplificada na metáfora O CORPO É UM CONTENTOR DE EMOÇÕES, por exemplo, o ser humano é conceitualizado como um CONTENTOR e os seus estados fisiológicos e mentais, como a RAIVA, são percebidos como CONTEÚDOS. No caso da RAIVA, o CONTEÚDO pode extravasar os limites do CONTENTOR, o que pode ser apresentado em expressões como “Estou implodindo de raiva” ou “Estou quase explodindo”. Possivelmente influenciado pelas considerações de Lakoff e Johnson (1980), Kövecses (1990) diz que os efeitos fisiológicos da emoção são o calor, a pressão interna e a interferência apresentadas em outras capacidades cognitivas.

Vale a pena lembrar que Lakoff (1992) ocupou-se em investigar se existe um princípio geral responsável por governar a forma pela qual a expressão linguística do frame VIAGEM é utilizada para caracterizar o frame AMOR. Também investigou a existência, ou não, de um princípio geral que governasse como as referências relacionadas à VIAGEM eram utilizadas para raciocinarmos sobre AMOR. Nessa investigação, Lakoff chegou à conclusão de que existe um princípio geral e único, que não faz parte nem da gramática, nem do léxico, mas do sistema conceitual responsável por fundamentar a linguagem, sendo que este princípio é expresso, de maneira informal, da seguinte forma:

Os amantes são viajantes de uma viagem em companhia, com seus objetivos de vida em comum vistos como destinos a serem alcançados. O relacionamento amoroso é seu veículo, e os permite alcançar juntos seus objetivos em comum. O relacionamento amoroso é visto como a realização desses propósitos, desde que os permita progredir rumo aos seus objetivos comuns. A jornada não é fácil. Há empecilhos, e lugares (encruzilhadas) onde devem decidir qual direção seguir e se devem continuar a viagem juntos (LAKOFF, 1992, p. 4).<sup>13</sup>

Tecnicamente, a metáfora pode ser compreendida como o mapeamento do DOMÍNIO-FONTE (viagem), para o DOMÍNIO-ALVO (amor). Além de ser um mapeamento altamente

---

<sup>13</sup> Tradução do original “*The lovers are travelers on a journey together, with their common life goals seen as destinations to be reached. The relationship is their vehicle, and it allows them to pursue those common goals together. The relationship is seen as fulfilling its purpose as long as it allows them to make progress toward their common goals. The journey isn’t easy. There are impediments, and there are places (crossroads) where a decision has to be made about which direction to go in and whether to keep traveling together*”.

estruturado, envolve a compreensão de um domínio de experiência, o amor, em termos de outro domínio de experiência muito diferente, a viagem (LAKOFF, 1992).

Pesquisas de Quinn (1987) mostram que algumas metáforas mais recorrentes sobre casamento enquadram-se em nossa análise:

- CASAMENTO É UMA VIAGEM – “Casais atravessam fases boas e ruins”, “Vou acabar com esse casamento e recomeçar tudo com uma pessoa nova”, “Somos incapazes de continuar”.
- CASAMENTO É UM PRODUTO MANUFATURADO – “deve durar”, “deve funcionar”, “deve ser bom e forte”.
- CASAMENTO É UMA LIGAÇÃO – “Estamos atados (amarrados, presos) um ao outro”, “Temos uma ligação bem forte”. As tampas de panelas chamam a atenção principalmente para isso.
- CASAMENTO É UM INVESTIMENTO – “Porque jogar fora todos aqueles anos juntos”, “Eu depusitei toda a minha vida nessa relação”.
- CASAMENTO É UM JOGO – “Apostei tudo naquele casamento”, “Aqui quem dá as cartas é ela”.

Para a autora, a interrelação de diferentes metáforas constitui o significado de casamento para cada pessoa. As proposições sobre casamento são: quem compra um produto, espera que ele dure e funcione; quem faz uma viagem, está à procura do desconhecido e pode encontrar dificuldades no caminho e é preciso esforços para superar essas dificuldades; quem faz um investimento, espera benefícios em troca, como por exemplo, respeito, atenção, companheirismo, dedicação e lealdade.

A seguir apresentamos reflexões de Gibbs (2005, 1999, 1994) e de Gibbs e Beitel (1995) para mostrar a relação entre metáfora e estudos relacionados a provérbios.

Gibbs (1994), dentre outros aspectos, a) aborda o equívoco do significado literal como algo facilmente identificável no pensamento e na linguagem, resultante da crença metafórica de que as palavras são “*containers*” de significados exatos e que, em enunciações, somos capazes de “passar” esses significados para os nossos interlocutores; b) aponta a necessidade de se formar um conceito estável de literalidade, para poder distingui-la da figuração e para que se possa conduzir o debate sobre a compreensão da linguagem figurada sem o problema da multiplicidade de conceitos de significado literal implícitos nas discussões das ciências cognitivas; c) esclarece que a visão de metáfora como anomalia gerou o modelo pragmático de compreensão, segundo o qual, na compreensão de qualquer metáfora, o leitor precisa

analisar o literal da expressão, perceber o desvio e, posteriormente, procurar o significado figurado.

Em relação à corporificação e esquema de imagem, opondo-se à tradição cartesiana, a neurociência nega haver uma dicotomia corpo/mente. Por isso, segundo Gibbs (2005, p. 9):

A linguagem humana e o pensamento emergem de modelos recorrentes de atividades corporificadas que influenciam o desenvolvimento do comportamento inteligente. Não devemos assumir a cognição como algo puramente interno, simbólico, computacional e fora do corpo, mas procurar os meios completos e detalhados pelos quais a linguagem e pensamento estão inextricavelmente formatados pela ação corporificada.<sup>14</sup>

De fato, basta pensar em provérbios ou expressões diárias em que usamos sentidos e ações do nosso corpo, como, por exemplo: *pôr as barbas de molho; fazer das tripas coração; meter o nariz onde não é chamado; defender com unhas e dentes; quem não tem irmão, não tem pé nem mão; ter os pés no chão.*

Segundo Gibbs (2005, p. 243-244),

A relação fundamental entre ação corporificada e emoção é captada pela ideia de que ser movido refere-se a sentir-se como estar em uma posição diferente em relação a uma dada situação. A palavra emoção é derivada do latim “e” (fora) e “movere” (mover). A ênfase do movimento em emoção é um tema recorrente na literatura psicológica.<sup>15</sup>

Gibbs (1994) afirma que os provérbios nos transmitem *insights* significativos em relação à poética da mente, devido ao fato de refletirem como nossa conceitualização metafórica da experiência nos conduz a situações sociais particulares, isto é, os provérbios precisam ser considerados casos especiais de um processo mais geral da compreensão metafórica.

Segundo Grady (1997a; 1997b), algumas metáforas primárias têm origem a partir de muitas experiências corpóreas e se fixam na sociedade. Elas são: FELICIDADE É PARA CIMA, TRISTEZA É PARA BAIXO, FUTURO É PARA A FRENTE, IMPORTÂNCIA É TAMANHO, PROXIMIDADE É CALOR, além da metáfora conceptual que direciona muitos dos conceitos relacionados a emoções: O CORPO É UM RECIPIENTE PARA EMOÇÕES.

<sup>14</sup> No original: “Human language and thought emerge from recurring patterns of embodied activity that constrain ongoing intelligent behavior. We must not assume cognition to be purely internal, symbolic, computational, and disembodied, but seek out the gross and detailed waist ha language and thought are inextricably shaped by embodied action.”

<sup>15</sup> No original: “The fundamental relation between embodied action and emotion is captured by the idea that to “bee moved” refers to felling as if one is in a different position in regard to one’s situation. The word “emotion” is derived from the Latin “e” (out) and “movere” (to move). The emphasis on movement in emotion is a recurrent theme in the psychological literature.”

[...] os principais mapeamentos que compõem [a metáfora conceptual] podem estar baseados em experiências universais e percepções metafóricas, a saber, que as emoções estão dentro do recipiente corpóreo; que as emoções estão correlacionadas a fluidos corporais, tais como o sangue; e que o controle está mantendo a substância dentro do recipiente. Em outras palavras, não somente metáforas simples ou primárias podem ocorrer em diferentes línguas e culturas, mas também aquelas metáforas conceptuais complexas que têm mapeamentos baseados em experiências e percepções amplamente compartilhadas (KÖVECSES, 2005, p. 38).

De acordo com Gibbs (1994, p. 336), “ocorre um tipo de mapeamento metonímico que reflete padrões pré-existentes de pensamento metonímico que, em muitos casos, delimitam os tipos de inferências que os ouvintes podem delinear para dar sentido ao que os falantes dizem”. Da mesma forma, Gibbs (1999) rejeita a ideia de que experiências corpóreas aparentemente universais possam ser interpretadas da mesma forma em culturas diferentes:

Não se pode falar ou estudar cognição separadamente das nossas interações específicas corporificadas com o mundo cultural uma vez que o que entendemos como significativo no mundo físico é altamente limitado pelas nossas crenças e valores (GIBBS, 1999, p. 153).

Mente, corpo, mundo e modelos culturais são inseparáveis. Isto implica uma visão de metáfora resultante da interação de todos esses fatores. Portanto, Kövecses (2005) postula que algumas metáforas são potencialmente universais e que outras são variações dentro das diversas culturas e dentro da própria cultura. Assim, afirma Kövecses (2005, p. 293) que “a metáfora é inevitavelmente conceptual, linguística, neuro-corpórea e sociocultural ao mesmo tempo”.

Para Lakoff e Johnson (1999, p. 4),

a Razão não é descorporizada, como a tradição afirma, mas emerge da natureza de nossos cérebros, corpos e da nossa experiência corpórea. [...] precisamos de um corpo para raciocinar [...] [logo,] a própria estrutura da razão provém dos detalhes da nossa corporeidade. [...] Assim, para entender a razão, devemos entender os detalhes de nosso sistema visual, nosso sistema motor e os mecanismos gerais de nossa organização [binding] neural. Em resumo, a razão não é, de forma alguma, uma característica transcendente do universo ou da mente descorporizada. Ao invés disso, [a razão] é moldada crucialmente pelas particularidades de nossos corpos humanos, pelos detalhes notáveis da estrutura neural de nossos cérebros, e pelas especificidades do nosso funcionamento cotidiano no mundo.

Se pensarmos a respeito do que Gibbs e Beitel (1995) indagam: “*O que a compreensão de provérbios revela sobre como as pessoas pensam?*”, encontraremos que a capacidade de compreender os provérbios tem sido de grande interesse para pesquisadores em diversas áreas da psicologia. A maioria dos psicólogos assume que a compreensão dos significados figurativos de provérbios requer vários tipos de habilidades cognitivas, bem

como um índice de funcionamento intelectual superior. Os autores revisam as conclusões sobre a interpretação de provérbio para examinar o que o uso de provérbio e sua compreensão revelam sobre as maneiras normais e disfuncionais de pensar de indivíduos. Além disso, sugerem que a capacidade que um indivíduo tem de explicar corretamente um provérbio não implica necessariamente que este pode pensar abstratamente. Várias evidências empíricas, no entanto, sugerem que a capacidade de entender muitos provérbios revela a presença de esquemas metafóricos que estão em pensamento todos os dias.

Quando fazemos a leitura de um provérbio (história específica), por exemplo, e não encontramos razão para projetá-lo no alvo de outro (história específica), realizamos uma interpretação genérica (TURNER, 1996). Por este motivo, o provérbio é considerado como uma história abstrata que permanece no espaço genérico. Em síntese, diríamos que o genérico só se torna específico quando uma informação genérica, no espaço genérico, como um esquema imagético, por exemplo, é projetada em um alvo específico. Turner (1996) acha que a sequência seria a seguinte: PROVÉRBIO ESPECÍFICO → INFORMAÇÃO GENÉRICA → HISTÓRIA ESPECÍFICA.

A ampla literatura em psicologia a respeito de provérbios e sua compreensão aponta que este processo reflete o pensamento abstrato que está inserido nos processos cognitivos conscientes e inconscientes. Compreender como os provérbios realmente significam depende não somente da habilidade geral de enxergar como um provérbio pode ser usado em uma variedade de contextos, mas também da habilidade de desenhar detalhes, mapas metafóricos nos domínios do conhecimento. A habilidade para pensar metaforicamente é vista como uma parte integral do pensamento abstrato. Compreensão metafórica de provérbios resulta em interpretações que não são abstratas, mas ricas em detalhes e quase que completamente concretas.

Na visão dos psicólogos e linguistas, a compreensão de provérbios é muito útil para acessar o funcionamento cognitivo, mas faz-se necessário, *a priori*, entender a natureza dos provérbios e por que as pessoas criam e usam essas expressões a vida inteira.

Mieder (1985), em sua publicação – “*A Dictionary of American Proverbs*” –, na tentativa de definir provérbios, encontrou muito mais que 55 diferentes definições. Algumas delas afirmam que os provérbios podem ter origem em expressões sentenciais que expressam verdades bem conhecidas, normas sociais ou considerações morais. Todas as entradas neste dicionário são de origem de discursos orais realizados entre 1945 e 1985. Acrescenta que, em sua grande maioria, as sentenças proverbiais possuem formas fixas, similares ao idioma,

clichês, e outras fórmulas de discursos; além de possuírem, em geral, um vocabulário concreto e uma sintaxe definida.

Há também muitos estudos relacionando o uso de provérbios e a compreensão deles em diferentes contextos como um meio de compreender o comportamento humano. O uso frequente de provérbios, em diferentes contextos e culturas, reflete uma variedade de facetas sobre a natureza e o comportamento humano – razão por que os provérbios são especialmente úteis em comunicação oral, retórica política, manchetes de jornais, títulos de livros, slogans de propaganda, *cartoons*. Há centenas de provérbios que se referem ao corpo, amor, trabalho, amizade, morte etc. Há também centenas de provérbios que lidam com os princípios gerais sobre inteligência e comportamentos racionais.

Em suma, muitos provérbios aparecem como reflexões precisas a respeito de diferentes aspectos do comportamento humano, embora a extensão necessária para que algum provérbio seja percebido como uma sentença que expresse veracidade dependa do contexto específico ao qual se refere.

O principal argumento apresentado por Gibbs e Beitel (1995) é o de que provérbios possuem interpretações específicas e complexas por causa dos mapas metafóricos das pessoas sobre informações variadas de fontes familiares dominantes. Estes mapeamentos são metafóricos e unidirecionais por causa do domínio de conhecimento usado de uma estrutura para a outra. Vários pesquisadores na área da linguística cognitiva têm explorado um grande número de domínios representativos da experiência humana para demonstrar a profundidade de vários mapeamentos metafóricos no pensamento diário (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987).

Há um número significativo de meios para ilustrar como os significados figurativos de muitas expressões proverbiais são parcialmente motivados pelas metáforas conceituais. A possibilidade de que pessoas em diferentes culturas podem desenhar ou moldar tipos similares de inferências complexas para essas expressões sugere que metáforas conceituais podem marcar o que muitos provérbios significam.

Teorias tradicionais de compreensão de provérbios não fornecem nenhuma explicação para a regularidade que ocorre em imagens mentais das pessoas, porque essas teorias assumem que pessoas teriam poucas intuições sobre a relação entre provérbio e seu significado figurativo. A consistente habilidade das pessoas para formar imagens mentais de provérbios pode ser explicada pela influência restrita de metáforas conceituais que fornecem o link entre um provérbio e seu significado figurativo. O trabalho sobre o imaginário mental em

provérbios demonstrou que pessoas têm pautado a compreensão destas expressões no imaginário mental a respeito das frases idiomáticas.

Alverson (1994) argumenta que os antropólogos têm notado que as pessoas de diferentes culturas frequentemente fornecem interpretações variadas para o mesmo provérbio. Mesmo dentro de uma cultura específica, as pessoas podem diferir na maneira como elas interpretam um provérbio particular.

Finalmente, a visão tradicional geralmente argumenta que um trabalho inferencial adicional deve ser feito para derivar significados figurativos que são contextualmente apropriados para compreender provérbios.

O argumento mais geral é o de que os psicólogos prestam mais atenção ao trabalho de compreensão nos processos e produtos do entendimento de provérbios em diversas áreas da psicologia. Os psicólogos clínicos usam provérbios para testes em desordens de pensamento quando lidam com trabalhos em processos cognitivos. Os psicolinguistas atuam nas funções cognitivas de ordem superior e para a compreensão de linguagem figurativa. Os psicólogos cognitivos e os psicolinguistas deveriam focar parte de suas aplicações na interação entre diferentes habilidades cognitivas e compreensão de provérbios. Os psicolinguistas deveriam reconhecer as diferenças importantes entre teorias a respeito de como as pessoas interpretam os provérbios e teorias sobre como pessoas processam os provérbios em tempo real.

Finalmente, todos os psicólogos deveriam adquirir uma maior familiaridade com o trabalho extensivo sobre provérbios em linguística, antropologia, literatura e estudos folclóricos. Provérbios são os filhos da experiência e os frutos de sabedoria, daí a demanda da atenção coletiva em procurar a melhor compreensão do “porquê” e do “como” do pensamento e comportamento humano.

Fauconnier e Turner (2002) consideram que as metáforas são um subcaso da mesclagem.<sup>16</sup> Para eles, mapeamentos entre espaços mentais representam o núcleo da habilidade cognitiva humana da produção, da transposição e do processamento de significado. Admitem, então, que nesse processo “os espaços mentais formam estruturas parciais e temporariamente representadas, criadas por indivíduos falando ou refletindo sobre situações percebidas ou imaginadas no passado, presente ou futuro” (SCHRÖDER, 2010, p. 132). Portanto, espaços mentais não equivalem aos domínios de Lakoff e Johnson, mas depende deles, porque representa cenários particulares estruturados por domínios convencionalmente dados (GRADY; OAKLEY; COULSON, 1999).

---

<sup>16</sup> No livro *Mapping in thought and language*, Fauconnier(1999) observa o fenômeno da linguagem como subcaso da mesclagem, dirigindo sua atenção à discordância entre os dois espaços input.

Fauconnier e Turner (2002) mostraram como a mesclagem ocorre em uma grande variedade de fenômenos cognitivos e desenvolveram uma elaborada teoria sobre integração conceptual, para explicar a representação de descrições compostas.

Com os argumentos apresentados acima, temos, então, de concordar que:

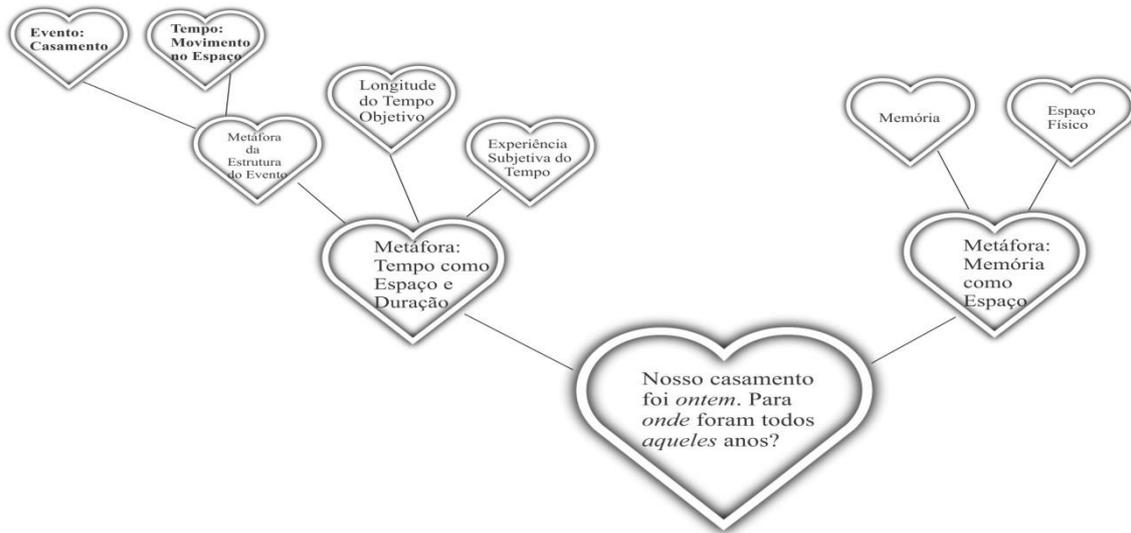
Se a mente humana não percebe possibilidades de estabelecer relações entre os espaços de *input*, não ocorre a mescla e, se não há *mesclagem*, não há compreensão. Isto porque não há como guardar na memória algo que não apresente um domínio passível de associação. Compreender [...] é exatamente ter a capacidade de comprimir e descomprimir. Comprimindo o que é difuso fica mais fácil compreender, pela lógica de que é mais fácil trabalhar com um número menor de informações (ROCHA; FLÔRES, s/d, p. 4).

Em relação às redes de integração conceptual na Teoria da Mesclagem segundo Fauconnier e Turner (2002) temos, de um lado, Bühler, que descreve o processo metafórico como uma fusão de esferas distintas na qual conhecimentos linguísticos e não linguísticos se mesclam; por outro lado, Stählin estabelece a distinção entre objeto e imagem, mas realça que tanto o domínio fonte como o domínio alvo da terminologia de Lakoff e Johnson contribuem para a mesclagem<sup>17</sup>.

Fauconnier e Turner (2008, p. 53) admitem que há uma rede de integração que indica uma estrutura mais rica do que as mesclagens aos pares, para eles “[...] Essas redes de integração são muito mais ricas do que os feixes de ligação”. Acontece que “tais redes de integração são criadas a partir de vários espaços *input* e constituídas por estruturas convencionais e inovações [...] e “a partir de processos de compressão e descompressão, na mesclagem, são criadas contrafactuais nas relações temporais, espaciais ou de identidade”. (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 126-129). Comprova-se que Fauconnier e Turner (2008) ampliam seu modelo de quatro espaços mentais por meio da “*conceptual integration networks*”, ou seja, rede de integração conceptual. A figura 5, será explicada a seguir.

<sup>17</sup> Tanto Stählin como Bühler desenvolvem sua teoria da metáfora por meio da suposição básica de que a metáfora tem que ser entendida concomitantemente como um fenômeno cognitivo e linguístico, e, mais importante ainda, ela não pode ser reduzida a um significante isolado relacionado a um só significado isolado, mas tem que ser entendida como a interligação entre duas ‘esferas’, o que corresponde ao ponto de partida da teoria conceptual da metáfora proposta por Lakoff e Johnson, que falam de ‘domínios’ (fonte e alvo), e da teoria da mesclagem sugerida por Fauconnier e Turner, que aplicam os termos ‘espaços mentais’ ou ‘input’ a essas esferas. Porém, o foco de Stählin e Bühler reside no entendimento dessa ligação como uma interação, ao invés de um mapeamento unidirecional postulado por Lakoff e Johnson. Com isso, eles se encaixam mais na linha interacionista, semelhante à tendência que se vê na teoria da mesclagem de Fauconnier e Turner. Ademais, ambos consideram o processo da mesclagem, no qual analogias entre as esferas são abstraídas, como processo fundamental para o surgimento da metáfora. Sendo assim, as três vertentes – Stählin, Bühler e Fauconnier & Turner – são coincidentes em relação à suposição de que a metáfora não deveria ser investigada como fenômeno estático, mas sim como processo dinâmico, a saber, como interação na qual o significado é constituído por mesclar elementos de campos semânticos distintos, criando algo novo, uma conclusão que também coloca as três abordagens em oposição àquela de Lakoff & Johnson, que dirigem sua atenção mais a estruturas convencionais do que a estruturas inovadoras (SCHRÖDER, 2010, p. 148-149).

**Figura 5 - Mesclagem metafórica como rede de integração**



Fonte: Adaptado de Fauconnier (2008).

Fauconnier e Turner (2008) apresentam mesclagens múltiplas, em que podemos observar uma fusão de vários espaços *input*, algumas vezes baseada em mesclagens já existentes, que servem como um novo espaço *input*. A partir daí se abrem possibilidades para novas mesclagens. Observando a frase “Nosso casamento foi ontem. Para onde foram todos aqueles anos?” (FAUCCONNIER; TURNER, 2008, p. 63), partiremos à análise atentando para o seguinte: num primeiro nível, aparece uma mesclagem entre *input 1* eventos (casamento) e *input 2* tempo (movimento experimentado através do espaço físico), que tem como resultado o espaço mescla metáfora da estrutura do evento, formando o novo *input 1* que, aliando-se com o *input 2*, longitude do tempo objetivamente medida (“todos aqueles anos”), que se choca com o *input 3*, no caso a experiência subjetiva (“ontem”). Conclui-se que, este novo espaço mesclado forma o *input 1* ao qual se acrescenta um *input 2*, formando um espaço mesclado como resultado da fusão entre memória e espaço físico, sendo que o resultado final consiste em vários espaços *input* de níveis diferentes. Na verdade, a teoria das redes de integração cria exemplos novos, “buscando modelar a evolução dinâmica das representações *on-line* de locutores em situações concretas” (SCHRÖDER, 2010, p. 137). Mousinho (2003, p. 19), para mostrar a importância dos Modelos Cognitivos Idealizados (doravante MCI) na organização do nosso pensamento, lembra que: “[...] a palavra casamento nos remete a uma série de imagens do ritual em si [...], das pessoas, comportamento esperado, das motivações para um casamento (amor, formação de família, prototipicamente um homem e uma mulher,...), das relações do casamento (estabilidade, filhos, traição, divórcio,...) e assim por

diante”. Os MCI, de Lakoff (1987), foram postulados a partir de estudos de antropologia e psicologia cognitiva. Eles referem-se aos conhecimentos adquiridos ao longo das experiências sociais e disponíveis culturalmente. Outra importante observação a ser feita diz respeito à noção de categorização, que no modelo proposto organiza a linguagem e passa a ser muito mais flexível, com exemplos mais prototípicos e menos prototípicos.

No próximo capítulo serão apresentados os objetivos da pesquisa, as questões norteadoras, os procedimentos para seleção dos provérbios e a apresentação e discussão dos dados.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa de caráter bibliográfico. Além disso, pretende-se apresentar o método utilizado e os critérios de seleção dos 6 provérbios para análise. Para tanto, este capítulo encontra-se organizado em duas seções principais, a saber: a primeira parte descreve as perguntas de pesquisa, os objetivos do estudo e os procedimentos aplicados para a análise. A segunda parte apresenta e discute os dados obtidos por meio da análise dos seis provérbios.

#### 3.1 QUALIFICAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa tem cunho bibliográfico, por buscar na literatura de duas diferentes linhas teóricas (a psicolinguística e a TEM), a base teórica que sustentará a análise dos provérbios africanos Cabinda.

#### 3.2 QUESTÕES NORTEADORAS

Os provérbios Cabinda, expostos em tampas de panelas, enquanto objetos etnográficos, expressam valores culturais de uma comunidade de tradição oral?

Como se pode explicar a relação entre contexto-leitor-texto nos provérbios africanos Cabinda à luz dos pressupostos psicolinguísticos?

Como aparece a relação entre inferências e produção de sentidos na análise dos provérbios?

De que forma a Teoria dos Espaços Mentais (TEM) pode contribuir para a compreensão e análise de provérbios africanos Cabinda?

De que forma a articulação entre a TEM e pressupostos da Psicolinguística podem se complementar na análise de provérbios Cabinda?

#### 3.3 OBJETIVOS

##### 3.3.1 Objetivo geral

Discutir o modo como se constrói a interpretação dos provérbios africanos, articulando

a análise do material lexical que os sustenta a partir da concepção de leitura na Perspectiva da Psicolinguística (PP) e da Linguística Cognitiva (LC), especificamente a Teoria dos Espaços Mentais (TEM).

### 3.3.2 Objetivos específicos

Tomando-se como ponto de partida o objetivo geral acima apresentado, pode-se delimitá-lo em cinco objetivos específicos, a saber:

- a) Discutir os conceitos de provérbios como objetos etnográficos que expressam valores culturais de uma determinada comunidade.
- b) Explicar à luz da psicolinguística a relação entre contexto-leitor-texto e particularmente a tripla relação na compreensão de provérbios africanos.
- c) Examinar a relação entre inferências e produção de sentidos.
- d) Discutir a partir da concepção da Linguística Cognitiva (LC), mais especificamente, da Teoria dos Espaços Mentais (TEM), a necessidade de se compreenderem questões da cognição relacionados à linguagem como processos que, ao mesmo tempo, constituem e são constituídos pelas e nas práticas sociais e culturais.
- e) Fazer articulação da TEM com os pressupostos da Psicolinguística para uma análise de provérbios Cabinda.

### 3.4 PROCEDIMENTOS PARA SELEÇÃO DOS PROVÉRBIOS E ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção tem por objetivo apresentar os procedimentos utilizados para a realização do estudo. Serão descritos abaixo as características dos provérbios selecionados e a forma de análise dos dados.

O livro *Filosofia Tradicional dos Cabinda*, de autoria de Vaz (1969), de onde extraímos os provérbios analisados nesta tese, é considerado o estudo mais completo a respeito de provérbios dos Cabinda. Optamos por fazer a análise de seis provérbios, escolhidos a partir do tema “Testos oferecidos pela família ao filho”, como pré-anúnciação de que ele irá casar.

A arte impressa nas tampas de painéis parece aproximar-se da escrita ideográfica dos chineses e também da escrita hieroglífica dos egípcios. A decifração só foi possível quando os missionários do Espírito Santo, sendo o principal representante o Padre José Martins Vaz, durante dez anos de investigação (1948 -1958), recorreram aos velhos do povo de Ngoyo e

descobriram que cada figura apresenta uma locução proverbial.

A nossa proposta é analisar os seguintes provérbios: (1) *Cada um é como Deus o fez*, (2) *Quem te avisa, teu amigo é*, (3) *Não se pode fazer a par, comer e assoprar*, (4) *Quem cala consente*, (5) *Guarda o que não presta, terás o que precisa*, (6) *Mais vale pouco que nada*. A transcrição segue o conteúdo original do livro.

### 3.5 CARACTERIZANDO OS PROVÉRBIOS: A APRESENTAÇÃO FÍSICA E A CONSTITUIÇÃO DOS PROVÉRBIOS CABINDENSES

Apresentam-se, a seguir, as dimensões das tampas: o testo 1 – diâmetro: 16,50 cm, o testo 2 (R) – diâmetro: 17,50 cm, o testo 3 (R) – diâmetro: 16 cm, testo 4 – diâmetro: 17 cm, testo 5 – diâmetro: 15,50 cm, testo 6 (R) – diâmetro: 16,50 cm. A letra (R) que aparece junto a alguns textos indica que estes são Representativos, ou seja, verdadeiros e autênticos < *fac – símile* >, não são originais, mas são exatos<sup>18</sup>.

As figuras sugerem uma locução metafórica, relacionada à estrutura familiar dos Cabinda. Nessa estrutura, os membros obedecem à lei do matriarcado, em que o verdadeiro chefe da família é o tio materno, o irmão mais velho da mãe.

### 3.6 ANÁLISE DOS PROVÉRBIOS À LUZ DA PSICOLINGÜÍSTICA E DA TEM

Os dados desta tese serão analisados à luz de dois grupos teóricos: uma perspectiva psicolinguística e uma perspectiva da Teoria dos Espaços Mentais (TEM), da linguística cognitiva. Nesta seção, apresentaremos cada um dos 6 provérbios selecionados, seguidos de sua discussão, inicialmente, com base em pressupostos da psicolinguística da leitura para, em seguida, analisá-los à luz da TEM.

As nossas análises serão dos seguintes provérbios:

(P1) *Cada um é como Deus o fez.*

(P2) *Quem te avisa, teu amigo é.*

(P3) *Não se pode fazer a par, comer e assoprar.*

(P4) *Quem cala consente.*

(P5) *Guarda o que não presta, terás o que precisa.*

(P6) *Mais vale pouco do que nada.*

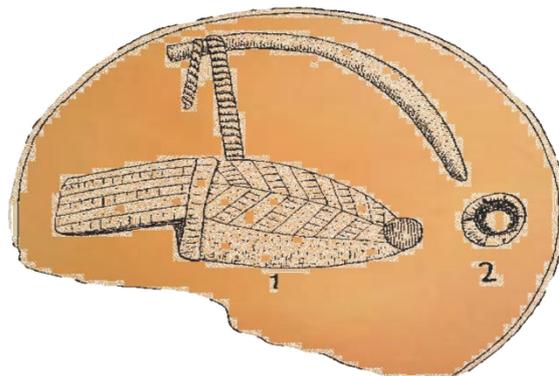
---

<sup>18</sup> As tampas têm dimensões diferenciadas e expressam a necessidade de reconhecimento da autoridade ou da chefia que, por extensão, pode ser o chefe da família (*nkanda*) (SERRANO, 1993, p. 143).

### 3.6.1 Análise dos Provérbios na visão da Psicolinguística da leitura

É importante ressaltar que as análises feitas em cada um dos provérbios na perspectiva da Psicolinguística da leitura pode ser aplicada à análise dos demais provérbios.

**Figura 6 - Representação do Provérbio 1 – Cada um é como Deus o fez**



Fonte: Adaptado de Vaz (1969)

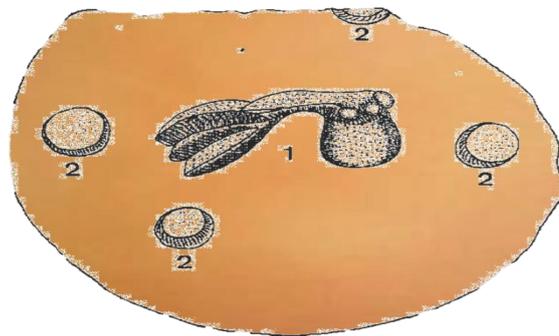
No provérbio (1) “*Cada um é como Deus o fez*”, visualizamos as seguintes figuras: 1) pássaro na ratoeira (aparece sem cabeça), 2) bebedeiro do pato. Em língua africana (banto) <*Tchioko-tchioko.*> é a imitação do ruído que o pato faz ao beber água. Por isso, a maneira de beber do pato, não serve para a galinha. A explicação para o provérbio é:

1) Deves tratar sempre bem a tua mulher e não apenas nos primeiros anos. O facto de teres dado alambamento não justifica uma conduta de contínua escravidão. Se a estimares como deves, deixar-te-á e irá para junto da sua família. 2) Toma, logo de início, uma norma de proceder nem suave, nem dura demais. Mas respeita sempre a sua maneira de ser e de pensar. Assim podereis viver em paz (VAZ, 1969, p. 39).

O sentido é: “todo o homem, por mais infeliz que seja, tem direito à liberdade” (VAZ, 1969, p. 39), correspondendo ao provérbio em português: “Cada um é como Deus o fez.” (VAZ, 1969, p. 39).

Os esquemas acionados pelo leitor orientam as suas inferências. No caso do provérbio “*Cada um é como Deus o fez*”, dentro de um determinado esquema, pode-se produzir a inferência de que Deus (Ser supremo) atribui características particulares, individuais a cada ser humano. Assim sendo, ao iniciarmos a leitura de um provérbio, ativamos na memória esquemas apropriados onde se possam fixar as informações do texto, no caso expresso no provérbio.

**Figura 7 - Representação do Provérbio 2 – Quem te avisa, teu amigo é**



Fonte: Adaptado de Vaz (1969)

O provérbio (2) “*Quem te avisa, teu amigo é*” assemelha-se ao em português brasileiro. Em relação às figuras, temos: 1) bananeira caída, com cachos de bananas, 2) quatro frutos *Ntumpu-Mvemba*. *Ntumpu* é um fruto silvestre, consagrado ao feitiço feito por *Mvemba*, grande divindade de Cabinda.

Após uma reflexão sobre a cultura dos cabindenses, compreende-se que os moradores desta comunidade destroem sem nenhuma piedade o tronco da bananeira para conseguirem o cacho. Para eles, não valerá ficar de pé a bananeira, uma vez que não produz mais cachos. Há a seguinte advertência: se o fruto for arrastado para o mar, as ondas encarregam-se de o atirar à praia, ficando a vista de todos. Há, então, o trocadilho existente no provérbio, a saber: “assim como o referido fruto fica à vista de todos, assim eu manifesto tudo o que me vai no íntimo. Como prova disso, invoca-se o feitiço *Mvemba*” (VAZ, 1969, p. 43).

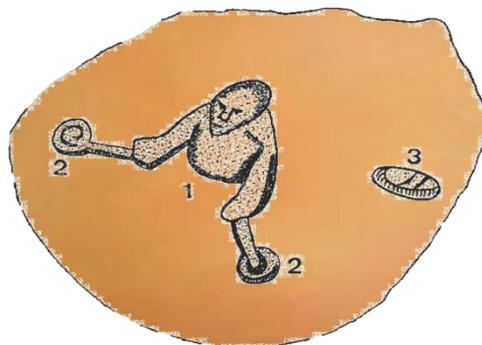
O sentido é: nada escondo do que tinha contra ti. A explicação para o provérbio é se o rapaz namora duas mulheres (raparigas) ao mesmo tempo, sendo que uma é virgem e a outra não é mais virgem, é recomendável que namore e case com a virgem. O conselho dado, no caso, pelos pais, é para que o filho seja feliz.

Diante de algumas leituras realizadas, constata-se que mesmo a legislação portuguesa ultramarina contrariando a poligamia, no distrito de Cabinda, quanto mais mulheres o homem tiver, mais comida terá. Na cultura dos Cabinda, não se permitiam relações maritais durante o período de gravidez e de amamentação, variando entre dois a três anos, daí o homem sair para procurar outra mulher para ter relações sexuais. Segundo Vaz (1969), a família tenta chamar a atenção dos filhos para que fiquem bem atentos às qualidades das noivas porque nem todas são da forma que se apresentam.

Nesta análise, concordamos com Gabriel (2002) quando diz que a leitura, ou a

compreensão em leitura, é uma atividade de processamento e integração da informação que é realizada pela mente humana. Sabendo que nem sempre a “compreensão” acontece em plenitude, podemos falar em níveis de construção de sentido e esses níveis podem ser analisados, a partir de dois critérios: a abrangência e a profundidade. O critério de abrangência relaciona-se com as articulações linguísticas: palavras formam frases, frases formam textos. Já o critério de profundidade está relacionado com os níveis em que se constrói o sentido do texto. Nesse sentido, o leitor, no momento da leitura, constrói o sentido/significado do texto, fazendo integração de seu conhecimento ao trazido pelo texto. O produto da integração é um novo sentido. Reforça-se a defesa de Leffa (1996, p. 22) quando diz: “Leitor e texto podem ser representados como duas engrenagens. Quanto melhor o encaixe entre um e outro, melhor a compreensão do texto”. Assim sendo, em relação ao provérbio acima apresentado, pode-se postular que é necessário um conhecimento de mundo, para além das palavras e símbolos, a fim de estabelecerem-se as relações necessárias para a compreensão do dito e do não dito, no caso, num provérbio.

**Figura 8 - Representação do Provérbio 3 – Não se pode fazer a par, comer e assoprar**



Fonte: Adaptado de Vaz (1969)

Em relação à apresentação e análise do provérbio (3) “*Não se pode fazer a par, comer e assoprar*”, trilharemos o mesmo procedimento usado para “entendimento” dos provérbios anteriores, ou seja, apresentar as figuras e explicar as possíveis relações. As figuras 1 e 2) representam um homem puxando duas cordas, 3) coconote. Relacionando as figuras com a mensagem do provérbio, temos que “Não se pode puxar duas cordas ao mesmo tempo”. Para os cabindenses, o referido provérbio é especialmente para o homem que namora, ou casa, com duas mulheres ao mesmo tempo. Ele deve lembrar que durante o tempo de namoro terá que juntar alambamento para as duas, ao mesmo tempo. Se casar com as duas, terá, possivelmente, dificuldades e dissabores, pois dificilmente se entenderão. O sentido para nosso contexto é: “Não se podem fazer duas coisas ao mesmo tempo” (VAZ, 1969, p. 45).

Vale ressaltar que, na cultura dos Cabinda, os nativos fazem muito uso do dendém para preparar os alimentos, daí colocam detrás da casa o caroço (coconote), chegando a juntar uma grande quantidade na esperança de um dia vender. Acontece, porém, que a maior parte apodrece por exposição diária ao sol e à chuva. Assim sendo, depreende-se desta figura que há gente boa e má, tal como no monte de coconote há bons e podres, e que, portanto, as aparências enganam. Tem-se então um provérbio equivalente bem popular em nossa cultura: “*Nem tudo que reluz é ouro*”.

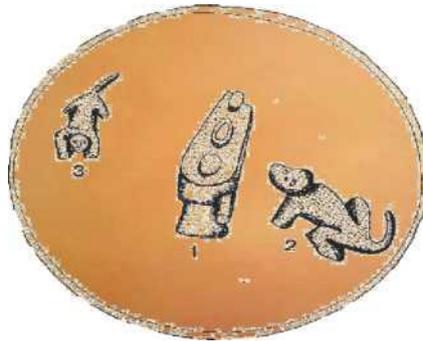
A explicação, associando-se o coconote ao homem puxando duas cordas, é que o homem ou rapaz não deve namorar duas ao mesmo tempo e deve ser prudente na escolha, porque “Olha que vemos caras e não vemos corações”. É bom lembrar que, às vezes, “as mulheres parecem boas e saem depois uns bons trastes [...]” (VAZ, 1969, p. 46).

Leffa (1996a) discute duas definições antagônicas para leitura (1) ler é extrair significado do texto e (2) ler é atribuir significado ao texto. Em relação à primeira definição, percebemos que a direção é do texto para o leitor. Na segunda, é do leitor para o texto. Uma boa explicação talvez esteja no entendimento dos verbos “extrair” e “atribuir”. Segundo Leffa, quando usamos o verbo “extrair” damos mais importância ao texto, mas quando usamos o verbo “atribuir” a ênfase centra-se no leitor. Notamos, por isso, que Leffa apresenta reflexões sobre leitura: leitura é um processo linear que se desenvolve palavra por palavra; o valor da leitura só pode ser medido depois que a leitura terminou; a qualidade do ato da leitura não é medida pela qualidade intrínseca do texto, mas pela qualidade da reação do leitor; a leitura não é interpretada como um procedimento linear, onde o significado é construído palavra por palavra, mas como um procedimento de levantamento de hipóteses; para executar o ato da leitura, o leitor precisa conhecer o jogo de espelhos que se interpõe entre ele e a realidade; para compreender o ato da leitura temos que considerar o papel do leitor, o papel do texto e o processo de interação entre o leitor e o texto; a leitura é um processo feito de múltiplos processos, que ocorrem tanto simultânea como sequencialmente; esses processos incluem desde habilidades de baixo nível, executadas de modo automático na leitura proficiente, até estratégias de alto nível, executadas de modo consciente; na leitura fluente, a pirâmide é de tamanho microscópico, imperceptível ao olho nu e à consciência do leitor; a metacognição na leitura trata do monitoramento da compreensão feito pelo próprio leitor durante o ato da leitura; o maior problema na pesquisa da leitura é a dificuldade de acesso aos processos mentais internos que caracterizam a compreensão do texto. A partir dessas considerações, podemos analisar o provérbio “*Não se pode fazer a par, comer e assoprar*” sob duas perspectivas: interna e externa, que nos permitem associar o provérbio do ponto de

vista do leitor para o texto e do texto para o leitor, além da extrapolação para o contexto social.

Os provérbios (1), (2) e (3) referem-se ao período antes do casamento, quando a família aconselha ao filho que seja condescendente e respeitador para com a futura esposa. No entanto, a família adverte-o, também, de que não deve ser bom demais, pois a bondade em excesso pode ser confundida com falta de firmeza.

### Figura 9 - Representação do Provérbio 4 – Quem cala consente



Fonte: Adaptado de Vaz (1969)

Temos o provérbio (4) “*Quem cala consente*”, que apresenta as figuras: 1-2) cão a comer no cesto, 3) lagarto. Observamos, neste caso, que o cão parece aproximar-se para comer o que está no embrulho e por isso cheira o embrulho. O lagarto olha, mas nada faz para impedir que o cão coma o que está no embrulho. O sentido é: “o culpado não é o cão, mas o dono do embrulho que o não soube guardar.” (VAZ, 1969, p. 49). A imagem é representativa do provérbio e exige que se interprete a ilustração que vai alcançar o sentido de inocentar o cão (o que comeu a comida do cesto) e apontar o dono do embrulho como culpado porque não soube guardá-lo.

A leitura remete-nos a situações que podem utilizar argumentação semelhante para resolver o problema, como em sentenças judiciais em que o defensor pode, através dessa manobra interpretativa, colocar a culpa no dono do embrulho e inocentar o culpado (o cão que comeu a comida). É uma prova da modernidade dos provérbios que podem receber diversas leituras a depender do momento, da situação e dos interesses.

Vamos pensar a explicação associada a duas partes:

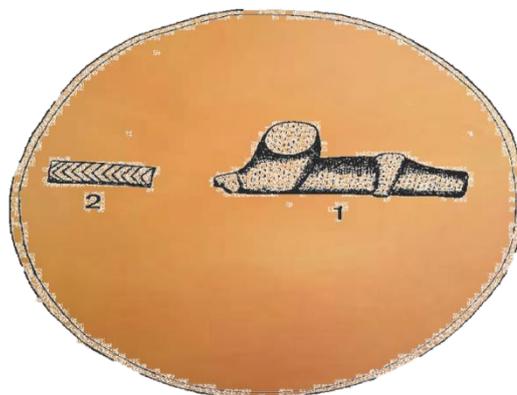
- 1) relacionadas às figuras 1-2 Se o homem estiver desapontado com o procedimento da mulher é bom pensar que o culpado é ele mesmo. A orientação anterior é que não deveria ser dada muita liberdade, que, por exemplo, acompanhasse a mulher às

festas, para que futuramente não tivesse surpresas desagradáveis ou escândalos envolvendo a conduta feminina;

- 2) relacionada à figura 3: se o homem pensa em expulsar a mulher, é bom refletir que o único culpado foi ele mesmo. Recomenda-se que é melhor esquecer e “ser mais previdente e vigilante no futuro” (VAZ, 1969, p. 49).

Para Smith (1993), os leitores compreendem o que leem porque são capazes de levar os estímulos para além da representação gráfica e fazem ligação a um conjunto de conceitos já armazenados na sua memória. Em se tratando do provérbio “*Quem cala consente*”, a mensagem deve estar já viva, de alguma forma, na mente do leitor, de modo que quando identifica as palavras (ou, no caso, as imagens), o faz no contexto que já lhe foi fornecido. A leitura, na perspectiva da teoria psicolinguística, é um processo de reconstrução das mensagens, e, por sua vez, envolve operações complexas de amostragem, a partir da formulação de hipóteses/expectativas iniciais.

**Figura 10 - Representação do Provérbio 5 – Guarda o que não presta, terás o que precisas.**



Fonte: Adaptado de Vaz (1969)

O provérbio (5) “*Guarda o que não presta, terás o que precisas*” (VAZ, 1969, p. 51), apresenta as figuras: 1) cachimbo, 2) folha da planta *Lelele*. A advertência deve-se ao fato de, se arranjar um cachimbo novo, não deve jogar fora o velho porque ainda pode precisar dele. O sentido geral é: “tudo tem a sua utilidade” (VAZ, 1969, p. 51). Se pensarmos esse sentido aplicado ao casamento deveríamos pensar assim: o cachimbo velho é associado à primeira mulher, com quem o homem realizou matrimônio. O cachimbo novo refere-se à segunda mulher, que o homem escolheu depois. Como não tem muita convivência com as duas é melhor não desistir de nenhuma delas, “É que as mulheres de vida fácil não aquecem o lugar, e pode vir a ficar sem nenhuma” (VAZ, 1969, p. 51).

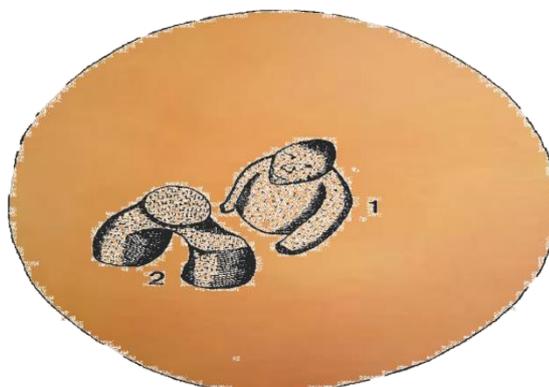
Em relação à planta <Lelele e a planta *Nkamba* têm as folhagens muito parecidas, por isso não sabendo distingui-las possa ser que se arranque a que serve para comer, deixando permanecer na terra a que é erva daninha. Como precaução: “não atender só às aparências.” (VAZ, 1969, p. 51).

A explicação é a seguinte:

1. Já tens em casa uma segunda mulher. Isso é lá contigo. Mas lembra-te que nem por isso deves desprezar a legítima esposa, pois, quando menos contares, podes vir a precisá-la.
2. Pensa no que ela te fez, nos sofrimentos que passou na tua casa e sê cauteloso e prudente, não vás tu despedir a boa mulher, que tão bem te serviu, e meter em casa uma outra que te não sirva para nada (VAZ, 1969, p. 52).

Vemos aí que um leitor competente reconhece a incompletude do discurso, mas leva em consideração pressupostos e subentendidos, o contexto situacional e os mecanismos de produção de sentido. A informação anterior do leitor, armazenada na sua memória e o seu conhecimento a respeito da cultura cabindense são fundamentais para a compreensão da mensagem. Por isso, devemos defender que não existe um método psicolinguístico erigido em dogma como caminho único para compreensão de mensagens escritas. O trabalho de compreensão leitora supõe a exploração dos traços dos diversos níveis linguísticos, por isso em provérbios deve-se atentar para: a estrutura da mensagem e as relações com o mundo, em que os níveis pragmáticos e culturais são indispensáveis. Ou seja, no caso dos provérbios, o conhecimento de mundo relacionado à cultura cabindense em relação às convenções do matrimônio tornam-se de extrema relevância para uma compreensão mais completa dos provérbios.

**Figura 11 - Representação do Provérbio 6 – Mais vale pouco que nada.**



Fonte: Adaptado de Vaz (1969)

O provérbio (6) “*Mais vale pouco que nada*” (VAZ, 1969, p. 56) apresenta as seguintes figuras: 1) homem, 2) ratoeira. As figuras permitem analisar o seguinte: o homem põe a ratoeira (armada), e o que ela apanhar, ainda que seja um rato, vai servir de comida para aquele homem. O sentido é: “para tudo é preciso sorte. Mas devemos contentar-nos com o que nos toca, pois é melhor que nada.” (VAZ, 1969, p. 56).

A explicação é se o homem casou com uma mulher, mesmo não sendo ela a mulher ideal, deve aceitá-la, porque poderia ser pior.

Segundo Vaz (1969, p. 47):

Se o filho se queixar de que a mulher, com quem casou, toma umas certas liberdades com outros homens, a família dir-lhe-á que a culpa é dele por não ter seguido os seus conselhos, pois devia ter vigiado mais de perto o proceder da mulher.

Se no início da vida de casados o marido pensar em mandar a mulher embora, quer dizer, voltar para casa dos pais, a família do homem recomenda que ele tenha paciência, calma, para ver como as coisas vão evoluir.

Há, algumas vezes, notícias de que logo após o casamento o homem começa a conquistar mais de uma mulher, colocando a esposa em segundo plano. Neste caso, a esposa pode se sentir ofendida e até resolver abandonar a casa. A família, sempre com a intenção de orientar o filho, dá conselhos para que o casamento não seja desfeito.

Se considerarmos a Psicolinguística como a ciência que estuda a relação entre a língua e as características cognitivas ou comportamentais daqueles que a usam, concordaremos que o provérbio *Mais vale pouco do que nada*” nos leva a recorrer a procedimentos mentais (por exemplo, a memória de longo prazo ou memória episódica), assim como a táticas e estratégias cognitivas de diversas ordens, de modo a acessar o sentido do que está sendo dito ou do que não está sendo dito literalmente nas palavras que compõem o sintagma, mas que traz, no subentendido da sentença, o sentido pretendido pelo interlocutor.

A hipótese psicolinguística de acesso direto, defendida por Gibbs Jr *et al.* (1997), propõe que as expressões idiomáticas sejam consideradas itens lexicais cujo sentido idiomático é recuperar diretamente do léxico mental, após o sintagma fraseológico ser ouvido pelo falante. Para os linguistas cognitivistas, tanto o grau de fixação como a convencionalidade de uma unidade fraseológica facilitariam sua compreensão e produção na comunicação. Reforça-se aí a ideia de que as palavras constituintes de um provérbio não são completamente desmotivadas do sentido metafórico ou idiomático da expressão.

Os provérbios (4), (5) e (6) referem-se aos “conselhos” para depois do casamento. Mesmo o filho tendo casado, a família acha-se no direito de saber de tudo, porque a noiva foi

escolhida pela família. Na verdade, a família contribuiu financeiramente quando o filho pensou em arranjar o dote para a futura esposa.

Seguiremos uma proposta de análise adotada por Jesus (2005, p. 139), em que “descreve a rede das construções condicionais universais [...], explicando-a a partir do princípio cognitivo da mesclagem”. Mostraremos numa figura ilustrativa, abaixo, a análise feita a partir dos pressupostos da TEM, análise aplicável a qualquer um dos provérbios.

Assim, mostraremos que o provérbio passa por uma entrada (*input*) e ganha a primeira conceituação. A estrutura conceitual aponta o evento causador e o evento causado. Observe-se que, até o momento, as indicações são muito vagas e só vão ganhar mais concretude na etapa seguinte: a da estrutura conceitual. Nesta etapa é onde se manifestam as ações e as relações de causa e efeito, expressos em linguagem. Temos, portanto, a identificação do SN (agente/nome) e do V (ação/verbo), respectivamente, Produção e Expansão (PE).

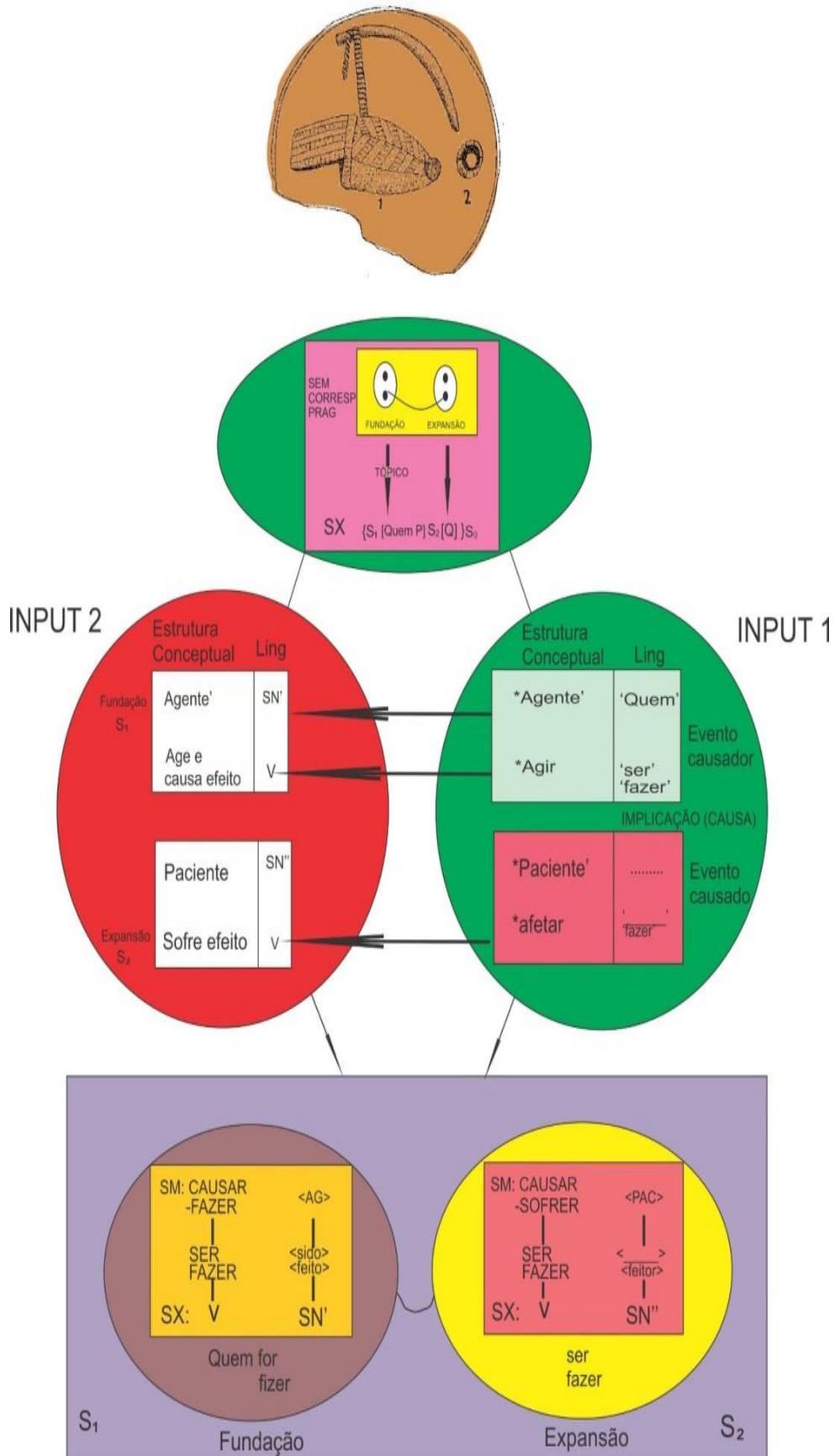
No que diz respeito ao *Input 1*, podemos dizer que corresponde à sequência de eventos no mundo: subevento causador e subevento resultante, quer dizer, uma relação de causa. Portanto, os participantes dos eventos e as atividades ou relações concebidos no mundo são identificados como papéis semânticos, tais como: agente e paciente; ou predicado, como: agir ou afetar. Já as entidades e atividades no mundo são associadas a itens lexicais – representação linguística –, os quais vão simbolizar os participantes (Quem), as atividades e assim por diante. O papel semântico do participante do primeiro evento é de agente, mas a ação é reflexiva, tornando-o um paciente (experenciador). O agente, neste caso particular, é identificado como “Quem”; o paciente (neste caso o mesmo agente) tem identificação zerada.

Na análise do *Input 2*, podemos observar que há uma caracterização abstrata da construção proverbial, onde aparece estrutura sintática e estrutura semântica conceptual associada a esta sintaxe. Na verdade, a configuração sintática expressa a relação de implicação entre os eventos 1 e 2. Observamos, ainda, que as funções semânticas da construção (agente, paciente), apresentados no *Input 1*, são associadas às funções gramaticais na estrutura sintática [SN' V] [SN'' V]; a ação é associada ao espaço do verbo da estrutura sintática (V). As setas descrevem o mapeamento entre as duas estruturas.

### 3.6.2 Análise dos Provérbios à luz da TEM

Antes de passarmos à análise à luz da TEM convém ressaltar que as discussões teóricas aplicadas a um determinado provérbio são aplicáveis aos demais.

Figura 12 - Provérbio 1 – Cada um é como Deus o fez



Fonte: Adaptado de Jesus (2005)

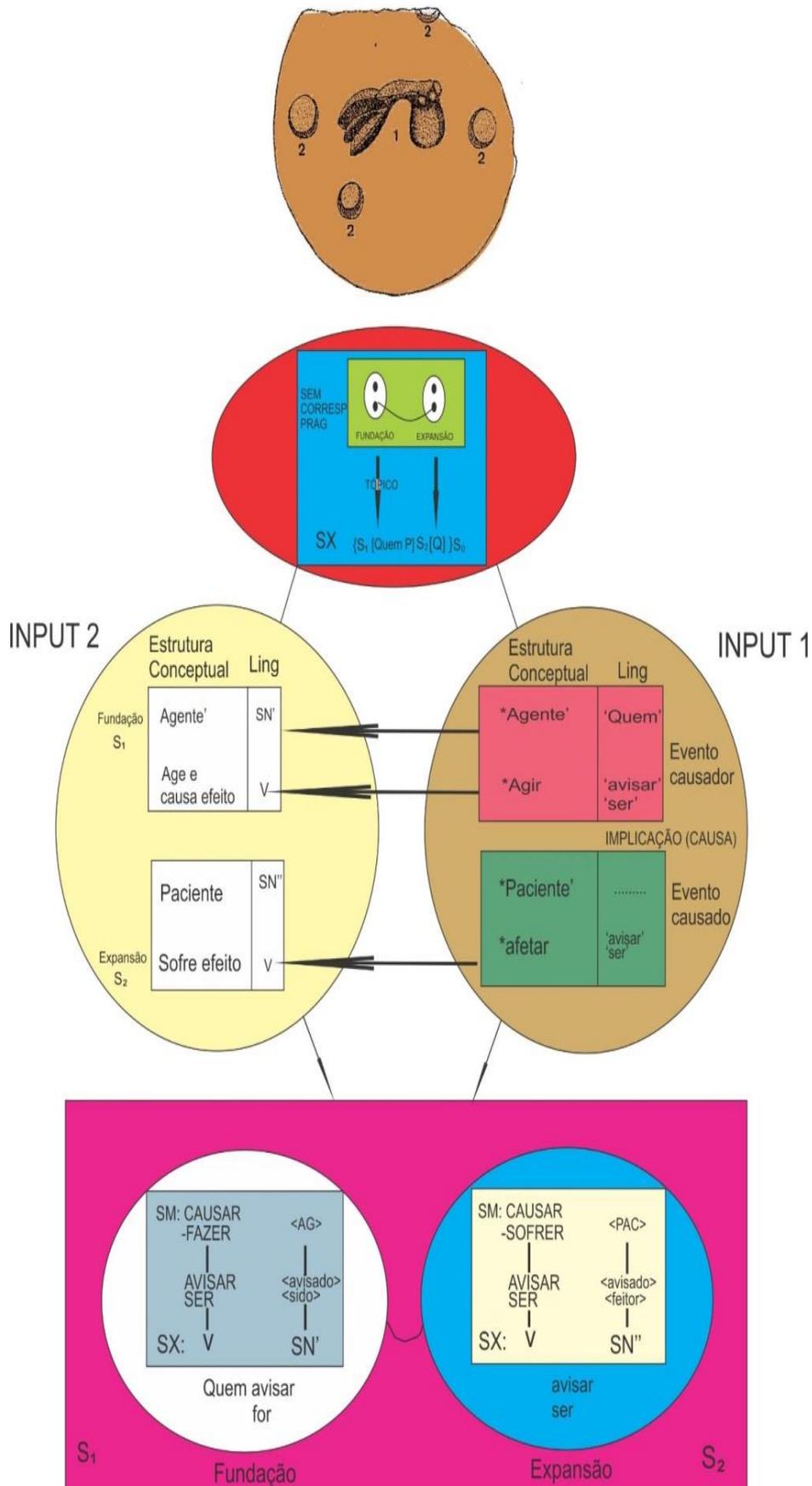
Para explicar os provérbios à luz da TEM convém lembrar que as associações que serão feitas devem-se ao fato de estarmos analisando provérbios africanos Cabinda, tarefa para a qual é preciso entender a cultura desse povo.

No provérbio “*Cada um é como Deus o fez*”, podemos perceber que existe a aceitação de que Deus (Ser Supremo) dá características particulares para cada ser humano. Para este provérbio, a personalidade e as características físicas de cada pessoa são dadas por Deus. Assim sendo, a rede de integração para a conceptualização do provérbio apresenta a seguinte configuração:

- Espaço *input* (1) – composto de elementos referentes ao frame da vida amorosa, onde se sugere que o indivíduo (noivo) seja tolerante e aceite as ações e reações da futura mulher, porque Deus deu, a cada um, um jeito de ser.
- Espaço *input* (2) – composto de elementos relativos ao esquema imagético de contêiner, onde os pais do noivo aconselham que se aceite a futura esposa do jeito que ela é, reconhecendo que, enquanto pessoa humana, ela poderá colocar para fora, quando necessário, raiva, estresse e angústia.
- Espaço genérico – este, por sua vez, é configurado com a compressão de uma pessoa aborrecida, com raiva em termos de um contêiner cheio, prestes a transbordar, fazendo jus à metáfora conceptual pessoa estressada/sobrecarregada é um recipiente sob pressão.
- Espaço mescla – diz respeito ao resultado da projeção das contrapartes dos dois inputs que estão interconectados e nos leva ao provérbio “*Cada um é como Deus o fez*”.

Observamos que, no referido provérbio, há uma compressão por identidade, haja vista que a integração só é realizada na mescla, já que, nos *inputs* 1 e 2, aparecem pretensões diferentes: no *input* 1, há uma sugestão para que o noivo seja tolerante, ao passo que, no *input* 2, há pedido para que se aceite a futura esposa do jeito que ela é. Por esta razão, há uma necessidade de diminuir a pressão do contêiner para evitar uma explosão. Ocorre, também, uma compressão por causa-efeito, ou seja, porquanto a decisão de aceitar a individualidade de cada ser humano deixa o contêiner vazio.

Figura 13 - Provérbio 2 – Quem te avisa, teu amigo é



Fonte: Adaptado de Jesus (2005)

Se compreendemos ser a mesclagem uma explicação para a integração de informações feitas pelos seres humanos, podemos dizer que o provérbio, algumas vezes, comporta uma sentença enigmática, apresentando-se como uma palavra que vale por outra. No exemplo (2) “*Quem te avisa, teu amigo é*”, pode-se dizer que mascara a forma direta de dizer: não faça isso, as consequências não serão agradáveis. Na primeira oração, temos uma frase impessoal, enquanto a segunda é uma frase imperativa, uma imposição. Nesse caso, o provérbio tem a função de eufemismo.

No provérbio “*Quem te avisa, teu amigo é*”, há a intenção de dizer ao filho que a noiva deve ser escolhida não pela aparência, mas pelo fato de ela ser virgem. A advertência é a seguinte: “[...] Namora e casa com a virgem e deixa a outra, pois bem sabes que não tem valor.” (VAZ, 1969, p. 43). A rede de integração para a conceptualização do provérbio apresenta a seguinte configuração:

- Espaço *input* (1) – composto de elementos referentes ao frame da preocupação familiar, onde se sugere que o filho (noivo) escolha uma virgem para ser a futura esposa.
- Espaço *input* (2) – composto de elementos relativos ao esquema imagético de contêiner, onde os pais do noivo dizem: “Este o conselho amigo que te damos, porque queremos que seja feliz” (VAZ, 1969, p. 43).
- Espaço genérico – este, por sua vez, é configurado com a compressão de uma pessoa aborrecida, com raiva em termos de um contêiner cheio, prestes a transbordar, fazendo jus à metáfora conceptual pessoas preocupadas (pais) são um recipiente sob pressão.
- Espaço mescla – diz respeito ao resultado da projeção das contrapartes dos dois inputs que estão interconectados e nos leva ao provérbio “*Quem te avisa, teu amigo é*”.

Observamos que, no referido provérbio, há uma compressão por identidade, haja vista que a integração só é realizada na mescla, já que, nos *inputs* 1 e 2, aparecem pretensões que se complementam: no *input* 1, há uma súplica para que o noivo escolha uma virgem para casar, seguindo a tradição daquele povo, ao passo que, no *input* 2, o aconselhamento justifica-se para que o filho seja feliz, que é o desejo do pai e da mãe para seu filho. Por esta razão, há uma necessidade de diminuir a pressão do contêiner para evitar uma explosão com a aceitação do filho em se casar com uma jovem (virgem), mesmo que não seja de seu agrado ou escolha. Ocorre, também, uma compressão por causa-efeito, ou seja, não deve escolher a futura esposa pela aparência, mas pelo fato de ela ser virgem. Para os pais, o filho casar-se com uma virgem é motivo para ele (filho) ser feliz. Fica evidente, entretanto, que a opção pela escolha da

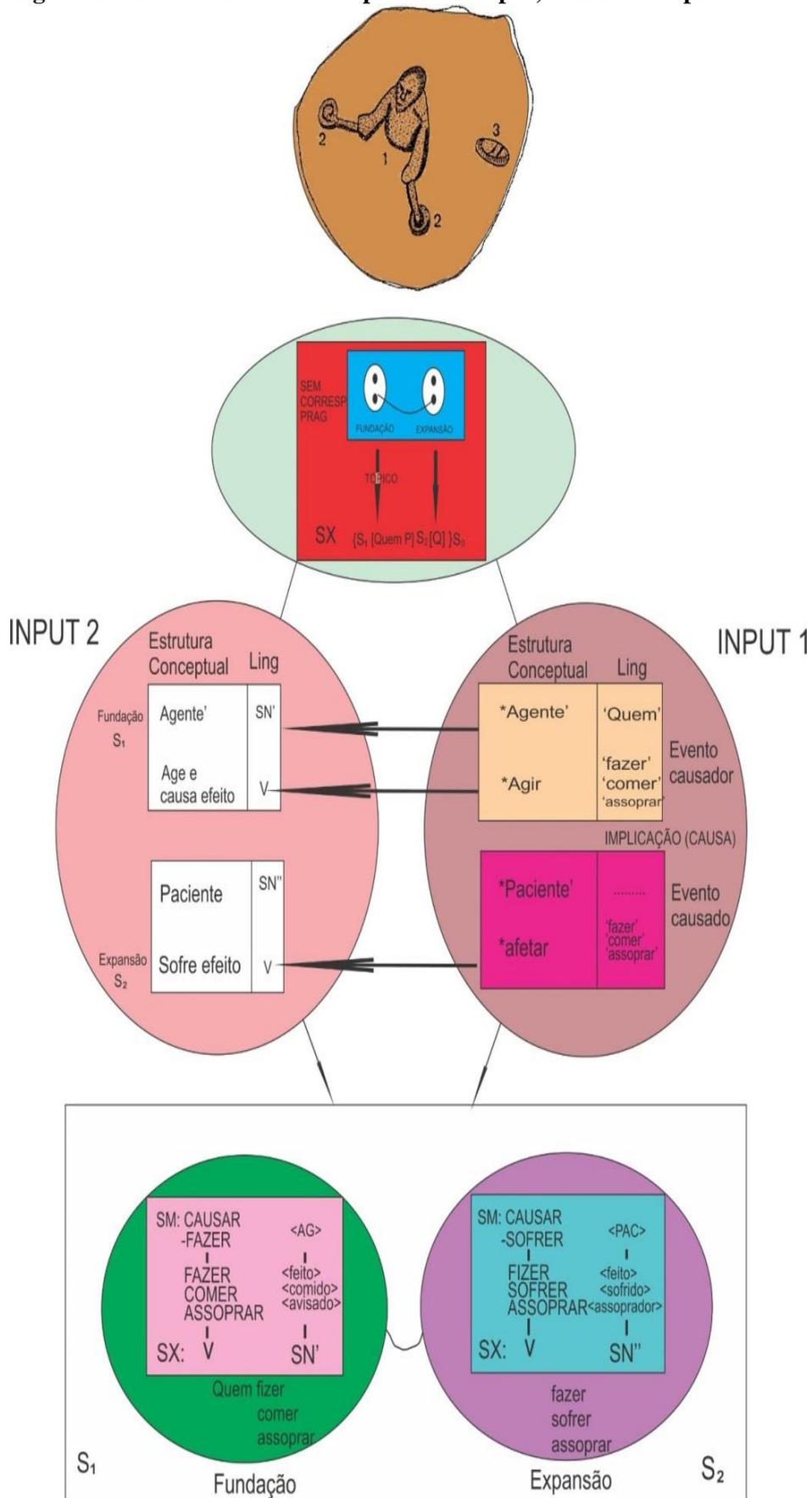
virgem é desejo dos pais e não necessariamente do filho. Há, portanto, necessidade de ajustar os dois desejos: do pai, seguindo a tradição, e do filho, seguindo seu coração.

O provérbio “*Não se pode fazer a par, comer e assoprar*” apresenta como sentido para a cultura cabindense: “não se podem fazer duas coisas ao mesmo tempo.” (VAZ, 1969, p. 45). A advertência é dada principalmente para os homens que namoram ou casam com duas mulheres ao mesmo tempo. Para esta cultura, o noivo precisa juntar o alambamento, ou seja, a família do noivo é quem paga avultada soma à família da noiva, em dinheiro, gênero alimentício ou vestuário, dado ao fato de a mulher ser valiosa mercadoria.

A rede de integração para a conceptualização do provérbio apresenta a seguinte configuração:

- Espaço *input* (1) – composto de elementos referentes ao frame da vida familiar, onde se sugere que o rapaz (noivo) pense bem se vai namorar ou casar com duas moças ao mesmo tempo.
- Espaço *input* (2) – composto de elementos relativos ao esquema imagético de contêiner, onde os pais do noivo sabem que eles terão que pagar à família da noiva em dinheiro, gênero alimentício ou vestuário por ocasião do casamento. Dessa forma, os pais colocam para fora, quando necessário, preocupação, estresse e angústia.
- Espaço genérico – este, por sua vez, é configurado com a compressão de pais de filhos homens (porque a seleção dos provérbios destina-se aos filhos do sexo masculino) aborrecidos, preocupados em termos de um contêiner cheio, prestes a transbordar, fazendo jus à metáfora conceptual pessoas preocupadas/pensativas são um recipiente sob pressão.
- Espaço mescla – refere-se, neste caso, ao resultado da projeção das contrapartes dos dois inputs que estão interconectados e nos leva ao provérbio “*Não se pode fazer a par, comer e assoprar*”.

Figura 14 - Provérbio 3 – Não se pode fazer a par, comer e assoprar



Fonte: Adaptado de Jesus (2005)

Observamos que, no referido provérbio, há uma compressão por identidade, haja vista que a integração só é realizada na mescla, já que, nos *inputs* 1 e 2, aparecem pretensões diferentes: no *input* 1, há uma sugestão para que o noivo pense bem se vai casar ou namorar com duas mulheres ao mesmo tempo, o que é aceito naquela sociedade, ao passo que, no *input* 2, há reconhecimento, por parte dos pais, de que eles é que pagarão o alambamento, por isso justifica-se a advertência feita através do provérbio, que passa a ser um aconselhamento para os jovens noivos. Por esta razão, há uma necessidade de diminuir a pressão do contêiner para evitar uma explosão. Ocorre, também, uma compressão por causa-efeito, porquanto a decisão de aceitar a individualidade de cada ser humano deixa o contêiner vazio. Isto ocorre quando o aconselhado aceita a orientação dada pelos pais.

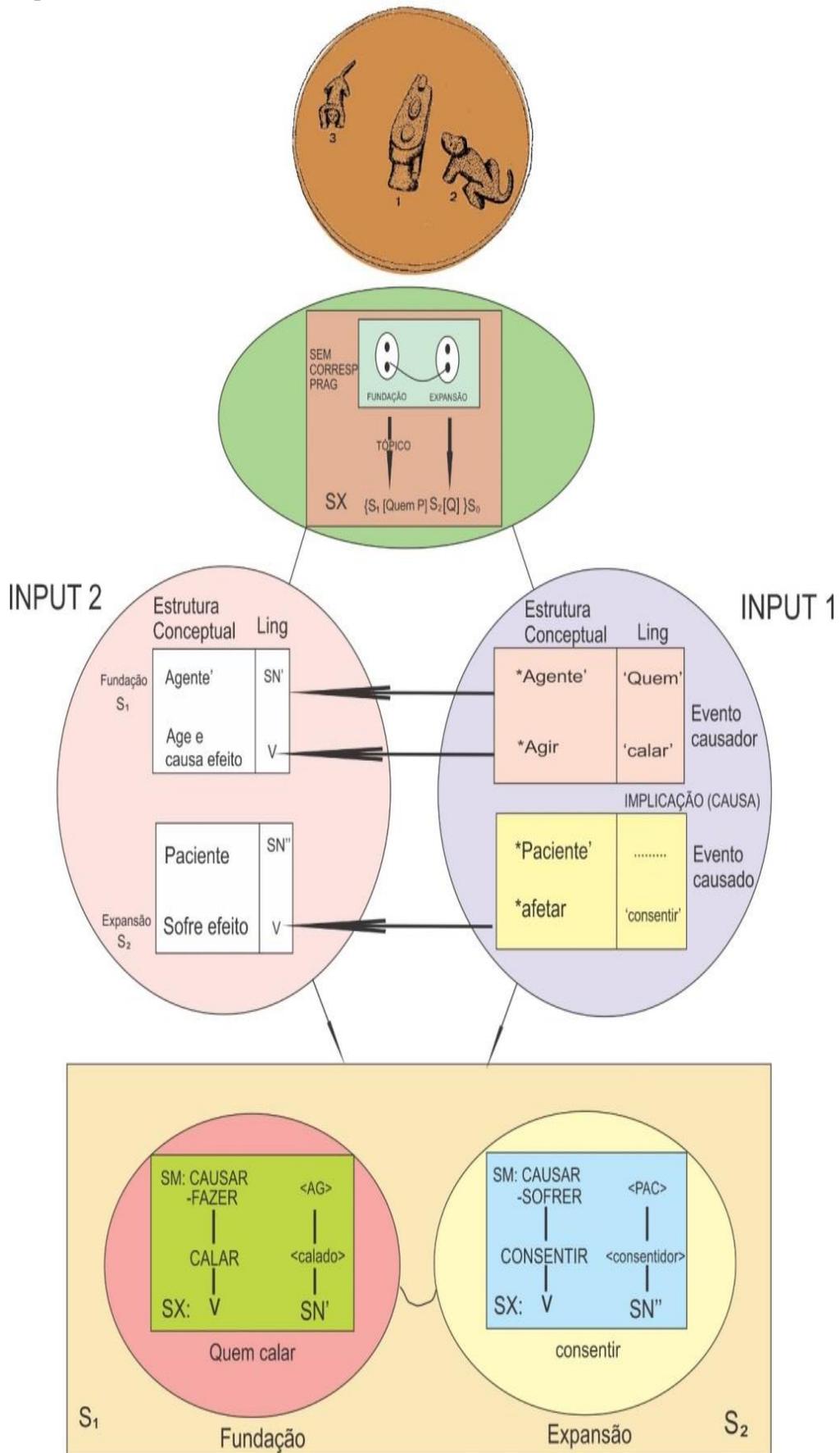
Uma explicação mais genérica para o provérbio: “*Não se pode fazer a par, comer e assoprar*” poderia argumentar que o ser humano não tem o dom das multitarefas, ou seja, a capacidade de fazer várias coisas simultaneamente. O cérebro não foi projetado para atentar para duas ou três coisas simultâneas. Ele é configurado para reagir a uma coisa de cada vez. Não é que seu cérebro seja incapaz de executar várias coisas ao mesmo tempo, mas ele não consegue fazer com eficiência.

No caso específico das relações amorosas, devemos entender que o amor está associado ao desejo de entrar ou manter uma relação com uma pessoa específica (GONZAGA et al., 2001). “É uma configuração complexa e dinâmica de sentimentos conscientes por um outro, com um outro e por um ‘nós’ em criação.” (NARCISO; RIBEIRO, 2009, p. 92).

Pesquisas na área da psicologia concordam que o noivado é a maturidade de um relacionamento, ou seja, quando duas pessoas estão prontas para formar uma nova família. Hoje em dia, principalmente na sociedade brasileira, muitas pessoas casam-se sem passar pelo noivado, ou porque já moram juntos há algum tempo, ou mesmo por uma opção do casal, de ir diretamente do namoro ao casamento. Assim, alguns estudos afirmam que coabitação sem noivado leva a mais riscos de divórcio após o casamento, do que coabitação com noivado.

O provérbio “*Quem cala consente*” é oferecido ao filho depois do casamento. Para esta comunidade, mesmo tendo casado, o filho permanece sob tutela da família, por este motivo adverte: “Não poderá esquecer os seus; mal lhe vai se lhes não manifestar gratidão por simples visitas, ou ofertas generosas” (VAZ, 1969, p. 47), indaga também “[...] estás desapontado com o proceder da tua mulher? [...]” e continua “O culpado és tu e mais ninguém.

Figura 15 - Provérbio 4 – Quem cala consente



Fonte: Adaptado de Jesus (2005)

Com tempo te dissemos que não lhe dessem tanta liberdade, que a acompanhasses para as festas. [...]” e prosseguindo argumenta-se: “Agora queres expulsar a mulher. Achamos que não tens razão” [...] “O que tens a fazer é esquecer... e ser mais previdente e vigilante no futuro” (VAZ, 1969, p. 49). Para este provérbio, o filho não deve distanciar-se dos familiares. Os pais também relembram que em conselho anterior já tinham advertido que o filho sempre acompanhasse a esposa por ocasião de festas, daí o novo aconselhamento é que mesmo tendo acontecido um possível “deslize”, por parte da esposa, o filho deve perdoá-la e tomar mais precaução. Em relação à rede de integração para a conceptualização do provérbio apresenta a seguinte configuração:

- Espaço *input* (1) – composto de elementos referentes ao frame da vida conjugal, onde sugere que o filho (casado) seja tolerante e aceite as ações e reações da esposa, porque se ela o traiu o único culpado foi ele mesmo por não ter tomado as devidas precauções.
- Espaço *input* (2) – composto de elementos relativos ao esquema imagético de contêiner, onde os pais aconselham que o filho não expulse a esposa de casa e seja mais “vigilante no futuro” (p.49).
- Espaço genérico – este, por sua vez, é configurado com a compressão de uma pessoa aborrecida, com raiva em termos de um contêiner cheio, prestes a transbordar, fazendo jus à metáfora conceptual pessoa estressada/desapontada é um recipiente sob pressão.
- Espaço mescla – diz respeito ao resultado da projeção das contrapartes dos dois inputs que estão interconectados e nos leva ao provérbio “*Quem cala consente*”.

Observamos que, no referido provérbio, há uma compressão por identidade, haja vista que a integração só é realizada na mescla, já que, nos *inputs* (1 e 2), aparecem pretensões diferentes: no *input* 1, há uma sugestão para que o filho já casado e supostamente com a ideia que foi traído seja tolerante, ao passo que, no *input* 2, há pedido para que não expulse a esposa de casa e seja mais cauteloso no futuro. Nesta situação, há uma necessidade de diminuir a pressão do contêiner para evitar uma explosão. Ocorre, também, uma compressão por causa-efeito, ou seja, porquanto a decisão de aceitar a individualidade de cada ser humano deixa o contêiner vazio.

Como prova da modernidade dos provérbios que podem receber diversas leituras a depender do momento, da situação e dos interesses, analisaremos o provérbio “*Quem cala consente*”, dando ênfase a Souto Maior (2005, p. 1) que diz “*Quem cala, consente*” deve ser compreendido como “aquele que não se manifesta contra uma atitude, concorda com ela.” Em

suas buscas históricas, afirma que a expressão é de autoria de Bonifácio VIII, papa entre o período de 1294 a 1303, e a expressão foi cunhada em nome de suas decretais, ou seja, cartas dos papas medievais em respostas a consultas populares. Souto Maior (2005, p. 1) enfatiza o seguinte: “O que o líder do clero decidia acabava virando lei [...]; Era uma das formas do direito canônico combater as leis orais, baseadas em tradições e superstições.”

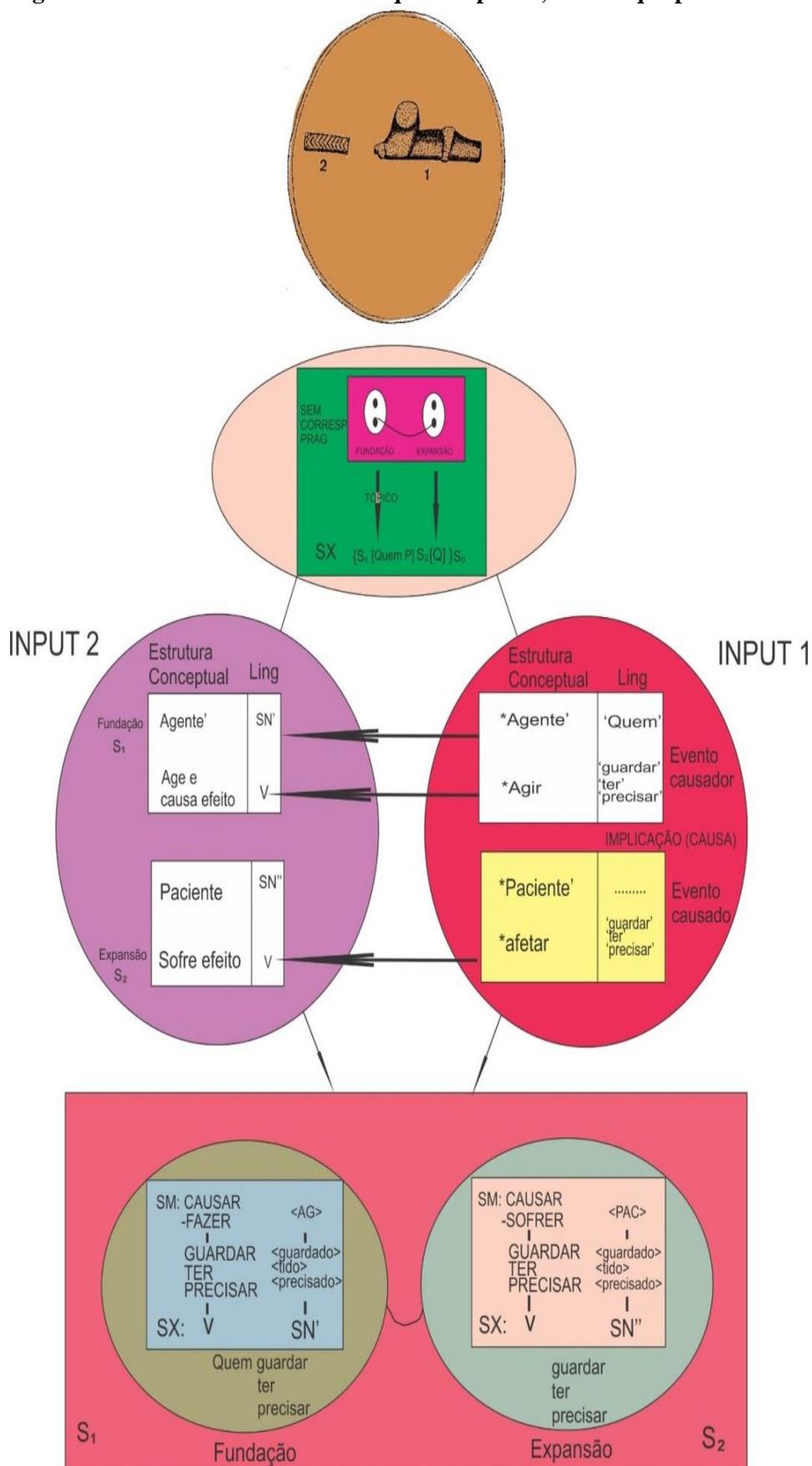
O provérbio “*Quem cala consente*” pode ser pensado em relação à questão da censura. Por isso,

Aquele que é convidado a ocupar a posição do sujeito do enunciado ‘*Quem cala consente*’, devido ao sentido atribuído a ‘calar’, a saber, o de ‘consentir’, recebe aqui um alerta: não fique em silêncio, pois isso pode significar que há concordância com os sentidos colocados em circulação. Em época de censura, o silenciamento é uma imposição: não se pode dizer tudo. Esse provérbio chama a atenção para o fato de que o não-dizer, não se posicionar, pode significar adesão a políticas de silenciamento (BOLOGNINI; LAGAZZI, s/d, p.15).

No que diz respeito ao *Input 1*, podemos dizer que corresponde à sequência de eventos no mundo: alguém calando (subevento causador) e consentindo (subevento resultante), quer dizer, uma relação de causa. Portanto, os participantes dos eventos e as atividades ou relações concebidos no mundo são identificados como papéis semânticos, tais como: agente e paciente; ou predicado, como: agir ou afetar. Já as entidades e atividades no mundo são associadas a itens lexicais – representação linguística – os quais vão simbolizar os participantes (*Quem*), as atividades (calar, consentir) e assim por diante. O papel semântico do participante do primeiro evento é de agente, mas a ação é reflexiva, tornando-o um paciente (experenciador). O agente, neste caso particular, é identificado como “*Quem*”; o paciente (neste caso o mesmo agente) tem identificação zerada.

Na análise do *Input 2*, podemos observar que há uma caracterização abstrata da construção proverbial, onde aparece estrutura sintática e estrutura semântica conceptual associada a esta sintaxe. Na verdade, a configuração sintática expressa a relação de implicação entre os eventos 1 e 2. Observamos, ainda, que as funções semânticas da construção (agente, paciente), apresentados no *Input 1*, são associadas às funções gramaticais na estrutura sintática [SN’ V] SN’’ V]; a ação é associada ao espaço do verbo da estrutura sintática (V). As setas descrevem o mapeamento entre as duas estruturas.

Figura 16 - Provérbio 5 – Guarda o que não presta, terás o que precisas



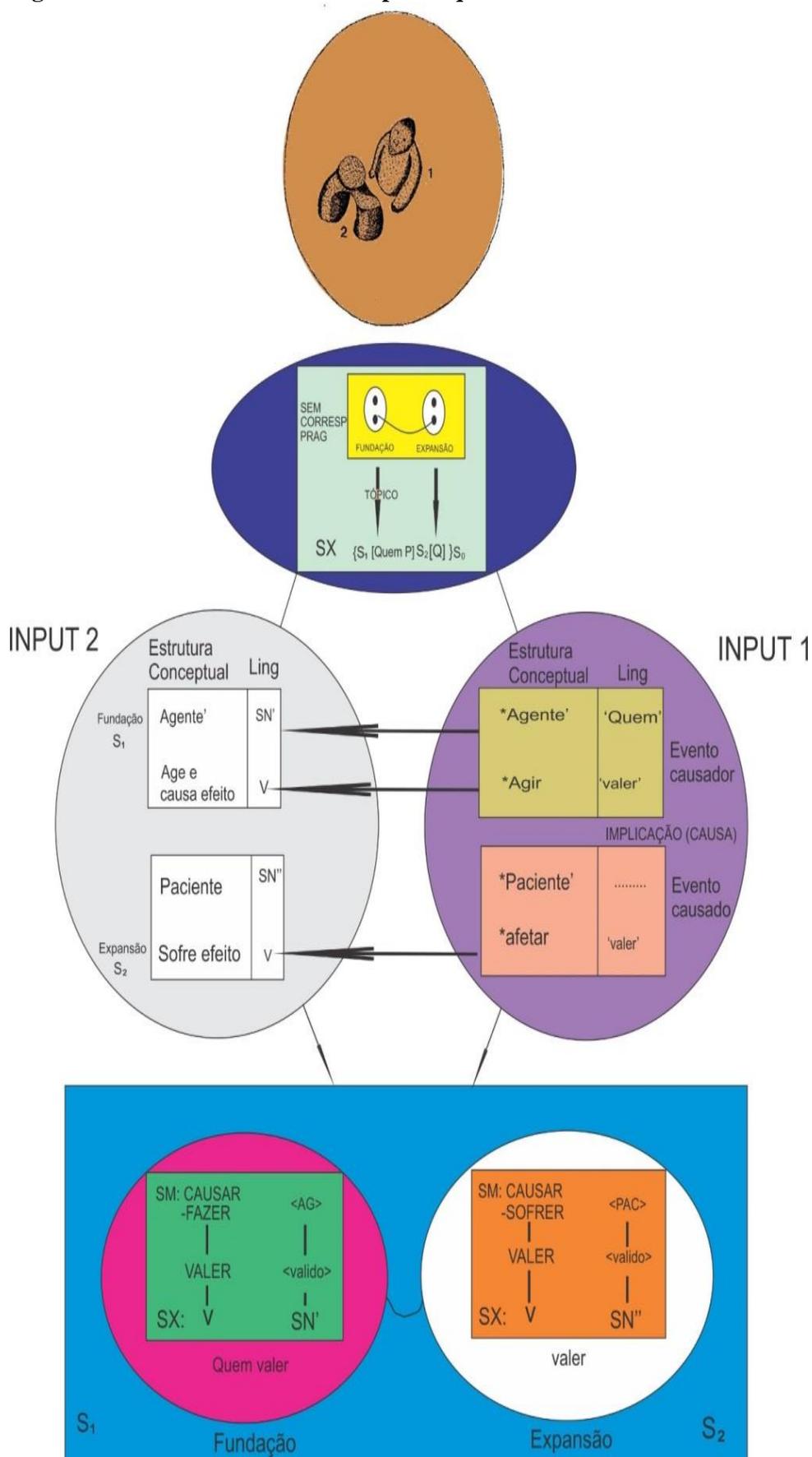
Fonte: Adaptado de Jesus (2005)

Ao compararmos os espaços mentais como “bolhas de sabão”, diríamos que eles são instaurados na pré-organização dos enunciados. Por isso, neles processamos as relações entre as informações importadas dos domínios de conhecimentos ativados. Quando o enunciado produzido estiver pré-estruturado, o espaço se dissolverá, projetando sua organização em enunciados comunicáveis. No provérbio “*Guarda o que não presta, terás o que precisas*”, cujo sentido em português corresponde a “*tudo tem sua utilidade*”, sentimos que os espaços mentais são abertos à medida que o discurso progride, porque estando ligados entre si “andam como o discurso anda”, sendo introduzidos por elementos gramaticais ou situacionais chamados introdutores de espaços mentais (*space builders*, de acordo com FAUCONNIER, 1994).

O provérbio “*Guarda o que não presta, terás o que precisas*” é sustentado pelo sentido geral de provérbio em português equivalente a “tudo tem sua utilidade” (VAZ, 1969, p. 51). Neste provérbio, em relação ao sentido aplicado ao casamento, compara-se a esposa com o cachimbo velho e a segunda mulher, como o cachimbo novo. Reforça o aconselhamento “[...] o melhor é ficar com as duas [...] É que as mulheres de vida fácil não aquecem o lugar, e pode vir a ficar sem nenhuma [...]” (VAZ, 1969, p. 51). A rede de integração para a conceptualização do provérbio apresenta a seguinte configuração:

- Espaço *input* (1) – composto de elementos referentes ao frame da vida conjugal, em que os pais sugerem que o filho casado não abandone a esposa com quem se casara nem tampouco a outra mulher.
- Espaço *input* (2) – composto de elementos relativos ao esquema imagético de contêiner, onde os pais aconselham que o filho fique com o cachimbo velho (esposa com quem se casou) e a segunda mulher (cachimbo novo), reforçando o que se costuma dizer no Brasil “quem tem duas tem uma, quem tem uma pode depois não ter nenhuma”.
- Espaço genérico – este, por sua vez, é configurado com a compressão de uma pessoa aconselhada a manter dois relacionamentos, com ar de felicidade em termos de um contêiner cheio, prestes a transbordar, fazendo jus à ideia de que casamento é prazer, felicidade.
- Espaço mescla – diz respeito ao resultado da projeção das contrapartes dos dois inputs que estão interconectados e nos leva ao provérbio “*Guarda o que não presta, terás o que precisas*”.

Figura 17 - Provérbio 6 – Mais vale pouco que nada.



Fonte: Adaptado de Jesus (2005)

Observamos que, no referido provérbio, há uma compressão por identidade, haja vista que a integração só é realizada na mescla, já que, nos *inputs* 1 e 2, aparecem pretensões que se complementam: no *input* 1, há um aconselhamento para que o filho casado mantenha dois relacionamentos, ao passo que, no *input* 2, há uma comparação entre as duas mulheres com cachimbos (velho e novo). Por esta razão, comparam as mulheres com a folha da planta *lelele*, e se o filho não sabe distinguir a que serve para comer daquela que é daninha, é melhor ficar com as duas.

O provérbio “*Mais vale pouco que nada*” apresenta o sentido “para tudo é preciso sorte. Mas devemos contentar-nos com o que nos toca, pois é melhor que nada” (VAZ, 1969, p. 56). Para este provérbio, mesmo o filho tendo casado com uma mulher que não seja ideal, deve aceitá-la da forma que ela é, por isso dizem os pais “Aceite-a conforme é e conforma-te, pois podia ser muito pior.” (VAZ, 1969, p. 56). Assim sendo, a rede de integração para a conceptualização do provérbio apresenta a seguinte configuração:

- Espaço *input* (1) – composto de elementos referentes ao frame da vida conjugal, em que se sugere que o filho casado aceite as ações e reações da esposa, porque a situação poderia ser pior.
- Espaço *input* (2) – composto de elementos relativos ao esquema imagético de contêiner, onde os pais aconselham o filho que e aceite a esposa do jeito que ela é, reconhecendo que a esposa não é a mulher ideal. A aceitação em relação à mulher com quem o filho casará poderá livrá-lo da raiva, estresse e angústia, pois, só assim, conseguirá continuar a sua trajetória na vida de casado.
- Espaço genérico – este, por sua vez, é configurado com a compressão de uma pessoa (filho casado) sem estresse, sem raiva e sem estar angustiado em termos de um contêiner cheio, prestes a transbordar, fazendo jus à ideia de que relacionamento conjugal é aceitação, conformação, uma questão de sorte.
- Espaço mescla – diz respeito ao resultado da projeção das contrapartes dos dois *inputs* que estão interconectados e nos leva ao provérbio “*Mais vale pouco que nada*”.

Observamos que, no referido provérbio, há uma compressão por identidade, haja vista que a integração só é realizada na mescla, já que, nos *inputs* 1 e 2 aparecem estado de aceitação frente à situação: no *input* 1, há uma sugestão para que filho (já casado) aceite a esposa da forma que ela é, ao passo que, no *input* 2, há reforço em relação à ideia de aceitação da mulher como ela é. Por esta razão, há uma necessidade de diminuir a pressão do contêiner

para evitar uma explosão. Ocorre, também, uma compressão por causa-efeito, porquanto a decisão de aceitar a individualidade de cada ser humano deixa o contêiner vazio.

Com o provérbio “*Mais vale pouco que nada*” tem-se a intenção de focalizar os processos e/ou operações que estão subjacentes à produção de significado pela mente humana. Vale a pena lembrar, entretanto, que as expressões linguísticas, por si só, apesar de não portarem sentido, servem de guia para sua produção. Para Fauconnier e Turner (2002), as formas linguísticas desencadeiam os significados e esses significados, por sua vez, se processam a partir das operações básicas: Identificação, Integração e Imaginação, as quais constituem uma única operação mental chamada Integração Conceptual.

Para que tenhamos uma noção de Integração Conceptual devemos considerar que o processo de argumentar se dá pela construção e integração de espaços mentais/referenciais tomados como instâncias de enunciação. Para a TEM, o processamento discursivo resulta de operações mentais que se indiciam na materialidade do texto. Os espaços mentais são ativados por expressões linguísticas e resultam da interação entre determinadas conexões linguísticas; por esta razão o conceito de espaços mentais constitui um elemento importante para a descrição de operações cognitivas ligadas a pensamento. Jesus (2005, p. 139) enfatiza que “os idiomas frasais proverbiais integram uma rede de construções em que é possível depreender-lhe o caráter de regularidade, analisabilidade e produtividade”.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou oferecer uma contribuição dos estudos linguísticos, particularmente aos estudos da Psicolinguística e da Teoria dos Espaços Mentais (TEM) à análise de provérbios, uma vez que pouco foi investigado a esse respeito até o momento. Com o intuito de suprir uma lacuna existente, qual seja a de analisar provérbios à luz da Psicolinguística e da TEM, é que partimos para a seleção de alguns provérbios, publicados por Vaz (1969), que pudessem servir ao interesse apresentado. Levamos em consideração, nesse momento, que uma condição essencial seria o fato de tais exemplos estarem devidamente contextualizados, referindo-se aos textos oferecidos pela família ao filho antes do casamento e depois do casamento.

Analisamos seis provérbios publicados no livro *Filosofia Tradicional dos Cabinda*, de autoria de Vaz (1969), que expressam em si uma forma de memorizar a experiência humana, com fins moralizantes, no que se pode denominar um saber mnemônico. As figuras dos textos trazem conceitos e relações abstratas e traduzem a particularidade de situações familiares de uma determinada comunidade africana. Com os textos pensamos que: “O valor das formas mais simples repousa na dinâmica complexa e emergente que eles disparam na mente imaginativa. Essas operações básicas são a chave tanto da criação dos significados do dia a dia quanto da excepcional criatividade humana.” (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. xi).

Para atender ao objetivo geral proposto nesta pesquisa, dedicado a investigar o modo como se constrói a interpretação dos provérbios africanos, articulamos a análise do material lexical que os sustenta a partir da concepção de leitura na Perspectiva da Psicolinguística (PP) e da Linguística Cognitiva (LC), especificamente a Teoria dos Espaços Mentais (TEM).

O primeiro objetivo específico destinava-se a discutir os conceitos de provérbios como objetos etnográficos que expressam valores culturais de uma determinada comunidade. Como elencados na revisão teórica, apresentamos os provérbios a partir da caracterização e contexto histórico, assim como os provérbios Cabinda, atentando para a origem e constituição destes. Na perspectiva de Serrano (2000, p. 164) “os provérbios expressam em si mesmos uma forma de reter a experiência humana, com fins moralizantes, sendo possível categorizá-los como um saber baseado na memória”.

Para o segundo objetivo previu-se explicar à luz da psicolinguística a relação entre contexto-leitor-texto e particularmente a tripla relação na compreensão de provérbios africanos. Em relação ao terceiro objetivo, a proposta foi examinar a relação entre inferência e produção de sentidos, daí a compreensão de que as inferências são “operações cognitivas que

o leitor realiza no momento em que constrói proposições novas a partir da leitura” (COSCARELLI, 2002b, p. 14). O quarto objetivo ocupou-se de discutir, a partir da concepção da Linguística Cognitiva (LC), mais especificamente da Teoria dos Espaços Mentais (TEM), a necessidade de se compreenderem questões da cognição relacionados à linguagem como processos que, ao mesmo tempo, constituem e são constituídos pelas e nas práticas sociais e culturais. Nesse momento, vimos que a LC “questiona a afirmação de que o significado pode ser definido de modo independente do contexto, reunindo um conjunto significativo de evidências de que as palavras são interpretadas em relação a estruturas de conhecimento esquemáticas (frames) ou domínio de experiência” (FERRARI, 2011, p. 17). O quinto objetivo propôs-se a fazer a articulação da TEM com os pressupostos da Psicolinguística para uma análise de provérbios Cabinda e Fauconnier (1994, p. xxii) explica que a Teoria dos Espaços Mentais são “propostas de significação para que nós construamos os significados trabalhando com processos que já conhecemos”; corroborando essa concepção, a psicolinguística também imputa ao conhecimento prévio do leitor um papel importante na compreensão de uma mensagem.

A TEM, como já explicado anteriormente, foi idealizada por Fauconnier (1985) e diz respeito ao que acontece em nossas mentes, quer dizer, refere-se aos conjuntos construídos pela de memória à medida que pensamos e falamos. Essa teoria não é simbólica, quer dizer, não consiste na manipulação de símbolos na mente da forma como o sistema lógico o faria. Na verdade, construímos espaços cognitivos elaborados que incluem muita informação visual, informações imaginativas. Alguns símbolos do poder associados a representações gráficas esculpidas em tampas de panela (*Mabaya Manzangu*) e a enunciação de provérbios utilizados entre os Bawoyo de Cabinda (Angola) apresentam-se como processo ritual de solucionar tensões e conflitos familiares. Kövecz (2005, p. 1), em relação à cultura, diz tratar de “um conjunto de compreensões compartilhadas que caracterizam comunidades maiores ou menores”. Esta definição, por sua vez, inclui uma gama de entidades: tempo, processos mentais, emoções, qualidades abstratas e valores morais.

Chamusso (1996, p. 12), sobre a inferência semântica dos provérbios, diz que “Os hábitos linguísticos de uma comunidade são determinados pelos seus hábitos culturais e cada estrutura específica representa uma realidade específica [...]”. Por isso, no reconhecimento de inferências é conveniente considerar as diferenças nos processos inferenciais, decorrentes também do conhecimento prévio, da experiência de cada indivíduo. As inferências são feitas por meio de processos mentais de raciocínio e memória, atentando para a questão dos conhecimentos prévios e pistas fornecidas do *input* gerador da inferência. Para interpretação

dos provérbios, por sua vez, faz-se necessário observar as palavras, uma vez que estas, algumas vezes, sofrem mudança de significação, alterando seu significado literal por um significado figurativo. Para Goodman (1991), uma leitura eficiente necessita da realização de predições corretas e estas predições corretas dependem da seleção de elementos importantes do texto. Por isso, a predição é uma estratégia leitora que propõe um confronto entre o leitor, através de seus conhecimentos prévios e o texto, assim como as pistas linguísticas deixadas pelo escritor em todos os planos do texto. O processamento cognitivo da linguagem ocorre quando utilizamos dois movimentos: ascendente (*bottom up*) e descendente (*top down*) (PEREIRA, 2009b, 2010). Enquanto o primeiro utiliza mais dados da fonte de informação do que dados já existentes no *background* do usuário, o segundo, por sua vez, utiliza dados já adquiridos pelo usuário, dependendo dos conhecimentos prévios.

Quando Lakoff e Johnson (1980) escreveram *Metaphors we live by*, contribuíram diretamente para a virada cognitiva. A concepção de mente corporificada trouxe à tona o debate que trata corpo e mente como dois elementos que se associam e dialogam na construção mundana de sentido, tendo como comprovação empírica a própria linguagem. Esse estudo da dupla de pesquisadores trouxe também a metáfora para o centro dos estudos da linguagem, não mais sendo entendida como um mero ornamento linguístico, pois, como eles mesmos dizem, a principal função da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra.

Se pararmos para tecer críticas a respeito dos últimos trinta anos da Teoria Conceptual da Metáfora (doravante TCM), fundada por Lakoff e Johnson (1980), poderemos sintetizar e discutir os pontos mais fracos da abordagem e dirigir atenção para pesquisas atuais que pretendem superar falhas da teoria, mas sem abandonar seus pressupostos básicos (SCHRÖDER, 2011). É com a publicação de *Metaphors we Live By* (LAKOFF; JOHNSON, 1980), considerada um alicerce para a formulação da Linguística Cognitiva, que os autores dizem que as “metáforas são focalizadas como expressão de estruturas conceptuais subjacentes às habilidades cognitivas do ser humano em geral de modo que a expressão metafórica representa apenas uma manifestação superficial de uma metáfora conceptual mais profunda” (SCHRÖDER, 2011, p. 59), distanciando-se da aceitação que a metáfora diz respeito a ornamentos políticos e retóricos da língua.

Para o processamento da metáfora, de acordo com o modelo pragmático (SEARLE, 1979), enfatiza-se que a compreensão da metáfora implica a análise do literal, a percepção da incoerência e a reanálise e o ajuste na construção do sentido figurado, utilizando-se a aplicação de informações pragmáticas. O entendimento é que a linguagem figurada seria mais

difícil de ser compreendida que a linguagem literal equivalente. Os resultados dos estudos de Gibbs (1994, 2002), Kintsch (1998), Kintsch e Bowles (2002) apontam que não há evidência satisfatória de processamento literal anterior ao metafórico, a exemplo de expressões idiomáticas, ironias convencionais e provérbios, daí conduz-se à perspectiva do acesso direto, ou seja, “existe interação entre a informação contextual e os processos lexicais, nos estágios iniciais de compreensão” (SOUZA, 2003, p. 109). Gibbs (2002), entretanto, enfatiza que um tempo maior de processamento das metáforas não familiares deve-se principalmente à dificuldade de integração do sentido figurado com o contexto, e não ao fato de que antes se analisa e rejeita o sentido literal da expressão para posteriormente proceder à análise metafórica em si.

As vozes críticas em relação à TCM, apenas para exemplificar alguns posicionamentos, podem ser representadas por Linz (2002, p. 100-101) quando diz que há falta de consistência com relação à terminologia desenvolvida. Para ela, Lakoff e Johnson (1980) não esclarecem o *status* dos esquemas imagéticos, quer dizer não apresentam argumentos consistentes para considerá-los inatos ou adquiridos ontogeneticamente, preconceptual ou conceptual; Haser (2005, p. 249) argumenta a favor de que Lakoff e Johnson têm posição filosófica ecleticista e simplista. Para ela, os autores reduziram metáforas e metonímias a estratégias cognitivas, ao invés de fazer uma descrição como fenômeno da língua; Jäkel (2003, p. 41) refere-se a um detalhe da teoria de Lakoff e Johnson – “Teoria da Unidirecionalidade” –, pois, segundo ele, para os autores, os mapeamentos metafóricos sempre percorrem de domínios concretos a domínios abstratos.

Em linhas gerais, os argumentos apresentados neste trabalho reforçam a ideia de que a leitura precisa ser considerada como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas. A leitura movimenta diferentes funções no cérebro; as estratégias cognitivas utilizadas na leitura apresentam relação com os princípios que regem o comportamento inconsciente do leitor; a compreensão em leitura é o resultado da interação escritor, texto e leitor, uma atividade de processamento e integração da informação realizada pela mente humana. As inferências devem ser compreendidas como informações que o leitor adiciona ao texto, realizadas em diferentes momentos da leitura. Ainda, as inferências cognitivo-culturais ocorrem por intermédio da interferência da cultura do indivíduo.

Depreende-se também que os provérbios são símbolos para construir realidade na cultura, por isso, à medida que a sociedade constrói a realidade, os provérbios ajudam a formar a soma total de que “o que todo mundo sabe” sobre um mundo social. Provérbios, então, são um importante sistema de símbolos para ajudar a construir e manter a visão de

realidade da cultura. A linguagem proverbial impressa nas tampas esculpidas nos permite compreender que, apesar de a palavra ser silenciosa, está sempre presente, materializada em objetos, formas e representações gráficas. Silenciosa, mas não menos eficaz ao incorporar em si as ideias-força que se tornam símbolos tão ou mais importantes do que a palavra enunciada.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. *Linguística cognitiva: uma visão geral e aplicada*. Cotia, SP: Ateliê, 2010.
- ALVAREZ, M. L. O. Cada macaco no seu galho: um estudo dos padrões de uso dos provérbios brasileiros e seus equivalentes em espanhol e russo. In: GRANJA, M. A. de la (Org.). *Fixed Expressions in Cross-Linguistic Perspective: a multilingual and multidisciplinary approach*. 1 ed. Hamburg: Verlag Dr. Kovac, 2008, v. 1. p. 117-139.
- ALVERSON, H. “Metaphor and Experience: Looking Over the Notion of Image Schema”. In: FERNANDEZ, J. W. *Beyond metaphor: The theory of tropes in anthropology*. Stanford: Stanford University Press, 1991. p. 94-117.
- ALVERSON, H. *The semantics of experience*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994.
- ARNAUD, P.; MOON, R. Frequence et emploi des proverbes anglais et français. In: CHAPITREIN, J. L.; PLANTIN, C. *Lieux communs, topoi, stereotypes, clichés*. Paris: Kimé, 1993. p. 322-341.
- ARORA, S. L. A woman and a guitar: variations on a Folk Metaphor. *De Proverbio: An Eletronic Journal of International Proverb Studies*. Australia, University of Tasmania, v.1, n. 2, 1995.
- BALIEIRO JR, A. P. Psicolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. v. 2. p.171-201.
- BARCELLOS, M. R. *Metáforas do casamento: uma perspectiva cognitivista sobre o discurso de homens e mulheres*. 2012. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.
- BOADUO, Dr. N. A. Epistemology of proverbs and idioms of the asante ethnic group of Ghana for Introspection. *The Journal of Pan African Studies*, v. 5, n. 3, jun. 2012.
- BOBROW, S. Y.; BELL, S. On catching on to idiomatic expressions. *Memory and Cognition*, n. 1, p. 343-346, 1973.
- BOKE, J. The language of Kuria proverbs: a powerful tool for exercising control over womwm. *International journal of Social science & Interdisciplinary Research*, v.1, Issue, Oct. 2012.
- BOLOGNINI, C. Z. ; LAGAZZI, S. Conexão linguagem. *Guia do professor: provérbios: quem ri seus males espanta*. Projeto condigitais: MEC/MCT/FNDE/UNICAMP, s/d.
- BRAGANÇA JR, A. A. Os provérbios medievais em latim e a apropriação da cultura laica pelo discurso religioso: algumas palavras. *Revista eletrônica de história antiga e medieval*, n. 6, 2006.
- BROWN, A. L. Matacognitive development and reading. In: SPIRO, R. J.; BRUCE, B. C.;

BREWER, W. F. (Orgs.). *Theoretical issues in reading comprehension*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1980. p. 456.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness*. Some universals in language use. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BROWN, P.; LEVINSON, S. Universals in language use: Politeness phenomena. In: GOODY, E. N. (Ed.). *Questions and Politeness: Strategies in Social Interaction*. New York: Cambridge University, 1978. p. 56-289.

BUZA, A. G. *et al.* O tchikumbi em cabinda: o esvaziamento de uma prática e saber tradicional de educação familiar. In: CONLAB, 11., 2011. Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

CHAMUSSO, N. A. *O impacto do contexto cultural para interpretação e tradução de provérbios baseados em metáforas do Xitshwa para o português*. 1996. Projecto (Licenciatura em Linguística) - Maputo, 1996.

COSCARELLI, C. V. Entendendo a leitura. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v.10, n.1, p.7-27, jan./jun. 2002a.

COSCARELLI, C. V. *Inferência: Afinal o que é isso?* Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003. Disponível em: <<http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/publica.htm>>.

COSCARELLI, C. V. O ensino da leitura: uma perspectiva psicolinguística. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*. Maceió: Imprensa Universitária, p. 1-10, dez.1996.

COSCARELLI, C. V. Reflexões sobre as inferências. In: CBLA – CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGUÍSTICA APLICADA, 6., 2002. *Anais...* Faculdade de Letras da UFMG, CD Rom., 2002b.

COSCARELLI, C. V. Um exercício de compreensão e aplicação da teoria dos espaços mentais. In: COSTA, J. C. da; PEREIRA, V. W. (Orgs.). *Linguagem e cognição* [recurso eletrônico]: relações interdisciplinares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 179-203.

COSCARELLI, C. V. Entrevista: uma conversa com Gilles Fauconnier. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 5, n. 2, p. 291-303, 2005.

COSCARELLI, C. V.; NOVAIS, A. E. Leitura: um processo cada vez mais complexo. *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 35-42, jul./set. 2010. v. 45, n. 3. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/fale/article/view/8118>>.

COULSON, S.; OAKLEY, T. Blending Basics. *Cognitive*, n. 11, p. 3-4, 2000.

COUTO, M. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CROFT, W. *Explaining Language Change*. An Evolutionary Approach. London: Longman, 2000.

CUNNINGHAM, J. (1987). Toward pedagogy of inferencial comprehension and creative response. In: GIBSON, J. *A compreensão na leitura*. Porto: Asa, 2000. p. 91-95.

- DAVIDSON, D. "The Second Person". In: FRENCH, A. P.; UEHLINGAND, T. E. Uehlingand; WETTSTEIN, H. (Eds.). *Midwest Studies in Philosophy*, University of Notre Dame Press, Notre Dame, 1992. v. 17.
- DELL'ISOLA, R. L. P. *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- DELL'ISOLA, R. L. P. *O sentido leitor das palavras na interação - texto*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.
- DONALDSON, M. The origins of inference. In: BRUNER, J.; HASTE, H. (Eds.). *Making sense: The child's construction of the word*. London: Routledge, 1987. p. 97-107.
- FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge, Mass., MIT Press, 1994.
- FAUCONNIER, G. *Mental spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language*. Boston: Massachusetts Institute of Technology, 1985.
- FAUCONNIER, G. Sémantique cognitive. In: *Sciences de la cognition*. Paris: Ministère des Sciences et de la Technologie, 1991.
- FAUCONNIER, G.. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. "Rethinking Metaphor". In: Gibbs, Raymond W. Jr. (Ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 53-66.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York, Basic Books, 2002.
- FELTES, H. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- FERRARI, L. *Linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FILLMORE, C. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, n. 2, p. 222-254, 1985.
- FILMORE, C. J. Frame semantics. In: *Linguistics in the Morning Calm*, ed. by The Linguistic Society of Korea, 111-137. Soeul: Hanshin, 1982.
- FINNEGAN, R. *Oral literature in Africa*. Oxford University Press, 1970.
- FISCHER, S. R. *História da leitura*. Tradução Claudia Freire. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.
- FLÔRES, O. C.; PEREIRA, V. W. Ensino da compreensão leitora: faces e interfaces psicolinguísticas. *Lingvarvm Arena*, v. 3, p. 75-87, 2012.
- FONSECA, R. P.; SALLES, J. F. de; PARENTE, M. A. de M. P. Processamento de inferências: estudo comparativo entre adultos jovens, de idade intermediária, idosos e longevos. *Organon*, Porto Alegre, n. 43, p. 69-84, jul./dez. 2007.
- GABRIEL, R.; FRÖMMING, M. Compreensão em leitura: como avaliá-la. *SIGNO*, Santa

Cruz do Sul, v. 27, n. 43, p.7-44, jul./dez. 2002.

GIASSON, J. *A compreensão na leitura*. Porto: Asa, 2000.

GIBBS JR, R. W. *et al.* Metaphor in Idiom Comprehension. *Journal of Memory and Language*, 37, 1997, p. 141–154.

GIBBS JR., R. W. *The poetics of mind: figurative thought, language and understanding*. University of California, Santa Cruz. Cambridge University Press, 1994.

GIBBS JUNIOR, R. W. *Embodiment and cognitive science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

GIBBS, R. W. Jr.; BEITEL, D. *What Proverb Understanding Reveals About How People Think*. *Psychological Bulletin*, v. 118, n. 1, p. 133-154, 1995.

GIBBS Jr., R. W. “Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world”. In: GIBBS Jr., R. W.; STEEN, G. J. *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.

GIBBS Jr., R. W. Literal meaning and psychological theory. In: *Cognitive Science* 8, 1984. p. 575-304.

GIBBS Jr., R. W. A new look at literal meaning in understanding what is said and implicated. *Journal of Pragmatics*, v. 34, p. 457-486, 2002.

GIBBS, R. W.; STEEN, G. (Eds.). *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999.

GOFFMAN, E. *Ritual de la interacción*. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1970.

GONZAGA, G. C.; KELTNER, D.; LONDAHL, E. A.; SMITH, M. D. Love and the Commitment Problem in Romantic Relations and Friendship. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 81, n. 2, p. 247-262, 2001.

GOODMAN, K. S. Unidade na leitura – um modelo psicolinguístico transacional. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 26, n. 4, dez. 1991.

GOODMAN, K. S. Unidade na leitura: um modelo psicolinguístico transacional. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 86, p. 9-43, dez. 1991.

GRADY, J. Theories are buildings revisited. *Cognitive Linguistics*, v. 8, n. 4, 1997b.

GRADY, J. E.; OAKLEY, T.; COULSON, S. “Blending and Metaphor”. In: STEEN, G.; GIBBS, R. W. Jr. (Ed.). *Metaphor in cognitive linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1999. p. 101-124.

GRADY, J. *Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes*. 1997. Ph. D. Dissertation - University of California, Berkeley, 1997a.

HASER, V. *Metaphor, Metonymy, and Experientialist Philosophy: Challenging Cognitive Semantics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

JÄKEL, O. *Wie Metaphern Wissen schaffen: die kognitive Metaphertheorie und ihre Anwendung in Modell-Analysen der Diskursbereiche Geistestätigkeit, Wirtschaft, Wissenschaft und Religion*. Hamburg: Kovač, 2003.

JESUS, I. T. de. Construções condicionais proverbiais: uma visão sociocognitiva. *Alfa* (Revista de Linguística). São Paulo, v. 49, n 1, p. 139-160, 2005.

JESUS, I. T. de; MIRANDA, N. S. Construções condicionais proverbiais: uma abordagem sociocognitiva da composicionalidade. *Veredas, Rev. Est. Ling.*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1-2, p. 263-277, jan./dez. 2003.

JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KATO, M. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KINTSCH, W.; BOWLES, A. R. Metaphor comprehension: what makes a metaphor difficult to understand? *Metaphor and Symbol*, v. 17, p. 249-262, 2002.

KINTSCH, W. *Comprehension: a paradigm for cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

KINTSCH, W. *The representation of meaning in memory*. Hallsdale: Erlbaum, 1974.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 14. ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

KÖVECSES, Z. *Emotion Concepts*, New York: Springer., 1990.

KÖVECSES, Z. Metaphor and emotion. In: GIBBS, R. *The Cambridge Handbook of Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

KÖVECSES, Z. *Metaphor and Emotion: Language, Culture, and Body in Human Feeling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KÖVECSES, Z. *Metaphor in Culture. Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KÖVECSES, Z. *Metaphor in Culture: universality and variation*. Cambridge: CUP, 2005.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

LACERDA, H. R. C.; LACERDA, R. C. A. *Dicionário de provérbios: francês – português – inglês*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2004.

LAKOFF, G. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and thought*. New York: Cambridge University Press, 1992. p. 01-46.

LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM). São Paulo: EDUC; Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; KÖVECSESES, Z. The cognitive model of anger inherent in American English. In: HOLLAND, D.; QUINN, N. (Ed.). *Cultural models in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 195-221.

LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphors*. Chicago: University of Chicago Press., 1989.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive linguistics*. Theoretical Prerequisites. Stanford, Stanford University Press, 1987. v. I.

LANGACKER, R. *Grammar and Conceptualization*. New York: Mouton de Gruyter, 1999. (Cognitive Linguistics Research 14).

LANGACKER, R. W. Culture, cognition, and grammar. In: PÜTZ, M. (Ed.). *Language Contact and Language Conflict*, 25-53. Amsterdam: John Benjamins, 1994.

LANGACKER, R. W. The contextual basis of cognitive semantics. In: NUYTS, J.; PEDERSON, E. (eds.), *Language and Conceptualization*, 229-252. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LEFFA, V. J. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996a.

LEFFA, V. J. Fatores da compreensão na leitura. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, v. 15, n.15, p. 143-159, 1996b.

LEFFA, V. J. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In: LEFFA, V. J.; PEREIRA, A. E. (Orgs.). *O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação*. Pelotas: Educat, 1999. p. 13-37.

LINZ, E. *Indiskrete Semantik*. Kognitive Linguistik und neurowissenschaftliche Theoriebildung. München: Wilhelm Fink Verlag, 2004.

LOPES, A. C. M. *Texto proverbial português: elementos para uma análise semântica e pragmática*. Portugal: Coimbra, 1992.

LUYTEN, J. *Sistemas de Comunicação Popular*. São Paulo: Ática, 1988.

MACÊDO, T. *Literaturas africanas de língua portuguesa I* (Antologia de textos). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, 2008.

MADUMULLA, J. S. *Proverbs: a pack of lies?* UTAFITI (New Series) Special Issue, 1998-2001. v. 4. p. 257-274.

MAMA, A. *Women's studies and studies of Women in Africa During the 1990s*. Dakar:

Codesria, 1996.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Leitura como um processo inferencial num universo cultural cognitivo. *Leitura: teoria e prática. Revista da Associação de Leitura do Brasil*, Campinas, v. 4, p. 3-16, jun. 1985.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 177-192.

MARTINS, J. “O simbolismo entre os pretos do distrito de Cabinda”. In *Separata do Boletim do Instituto de Angola*, n. 15, jan./dez. 1961.

MARTINS, J. *Cabinda: história, crenças, usos e costumes*. 1972. (C.T.C.M. de Cabinda – Angola).

MARTINS, M. H. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MARTINS, V. P. S. Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português brasileiro. 2013. 411f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL), Universidade federal do Ceará, 2013.

MENANDRO, P. R. M.; ROLKE, R. K.; BERTOLLO, M. Concepções sobre relações amorosas/ conjugais e sobre seus protagonistas: um estudo com provérbios. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 81-100, 2005.

MIEDER, W. "Popular views of the proverb". *Proverbium* 2. 1985. p. 109-143.

MINSKY, M. A framework for representing knowledge. In: *The Psychology of Computer Vision*, ed. by Patrick Henry Winston, New York: McGraw-Hill, 1975. p. 211-277.

MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. (Org.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

MOUSINHO, R. *Aspectos linguísticos-cognitivos da síndrome de asperger: projeção, mesclagem e mudança de enquadre*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

MULYUMBA, W. A.; MAMBA, I. “Les proverbs, un langage didactique dans les sociétés africaines traditionnelles”. *Lês Cahiers du Cedaf. Bruxelles*, n. 8, p. 50, 1973.

NACISCIONE, A. A. Cognitive stylistic perspective of proverbs: a discourse – based approach. In: SOARES, R. J. B.; LAUHAKANGAS, O. (Eds.). The 6 th interdisciplinary colloquium on proverbs, *ACTAS ICP 12 Proceedings*. Tavira: AIP-IAP, 16 – 26, 2013.

NARCISO, I.; RIBEIRO, M. T. *Olhares sobre a Conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler, 2009.

- NIETO, J. L. C. *Provérbios e virtudes*. São Paulo: Quadrante, 1999.
- OBELKEVICH, J. Provérbios e história social. In: BURKE, P.; PORTER, R. *História social da linguagem*. São Paulo: UNESP, 1997.
- OLIVEIRA, A. M. V. de. *Ditos populares em músicas do cancionário popular: uma abordagem cognitiva*. In: Anais do XVI CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2012. p. 1756-1767.
- PEREIRA, V. W. Aprendizado da leitura e consciência linguística. In: ENCONTRO DO CELSUL, 9., 2010. *Anais...* Universidade do Sul de Santa Catarina. Palhoça, SC, out. 2010. p.1-11.
- PEREIRA, V. W. Estratégia de predição: plano semântico da língua e ensino da leitura. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 34, n. 57, p.64-75, jul./dez. 2009b.
- PEREIRA, V. W. Predição leitora e inferência. In: CAMPOS, J. (Org.). *Inferências linguísticas nas interfaces* [recurso eletrônico] Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 10- 21, 2009a.
- POERSCH, J. M. Por um nível metaplícito na construção do sentido textual. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 26, n. 4, p. 127-143, dez. 1991.
- POERSCH, J. M.; CHIELE, L. K. A compreensão em leitura como indicadora do nível de inteligência. In: *Psycholinguistics on the threshold of the year*, 2000. p. 203-206.
- POERSCH, J. M. Interdependência dos membros da relação maturidade linguística, complexidade linguística. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 14, n. 44, p. 160-187, jun. 1981.
- QUINN, N. Convergent evidence for a cultural model of American marriage. In: HOLLAND, D.; QUINN, N. (Eds.). *Cultural models in language and thought*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1987.
- QUINN, N. The Cultural Basis of Metaphor. In: FERNANDEZ, J. W. *Beyond metaphor: The theory of tropes in anthropology*. Stanford: Stanford University Press, 1991. p. 56-93.
- RIBAS, O. *Misoso: literatura tradicional angolana*. Luanda: Tipografia angolana, 1979. v. 1.
- ROCHA, S. R.; FLÔRES, O. C. *Leitura e mesclagem conceitual*. Disponível em: <puers.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/10/LEITURA-PUC.pdf>. Acesso em: 12 out. 2013.
- RUMELHART, D. E. *Toward an interactive model of reading*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1977. v. 6. p. 573-603.
- SABINO, F. Ousadia. In: *Para gostar de ler*, 2; crônicas.19. ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 61-62.
- SALOMÃO, M. *O processo cognitivo da mesclagem na análise linguística do discurso*. Projeto Integrado de Pesquisa, 1999.
- SAVILLE – TROIKE, M. *The ethnography of communication*. Oxford, Brasil, Blackwell, 1982. p. 52-70; 169-199.

SCHRÖDER, U. Preferential Metaphorical Conceptualizations in “Everyday Discourse About Love in the Brazilian and German Speech Communities”. *Metaphor and Symbol*, 24/2, p. 105-120, 2009a.

SCHRÖDER, U. “A mesclagem metafórica de Fauconnier & Turner nas teorias de Karl Bühler e Wilhelm Stählin: antecipações e complementos”. In: ABRALIN 40 Anos; CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009. *Anais...* João Pessoa: Ideia, 2009b. v1. p. 2913-2922.

SCHRÖDER, U. A mesclagem metafórica de Fauconnier & Turner e as teorias de Karl Bühler e Wilhelm Stählin: antecipações e complementos. *Revista da ABRALIN*, v. 9, n. 1, p. 129-154, jan./jun. 2010.

SCHRÖDER, U. Trinta anos da Teoria Conceptual da Metáfora: uma retrospectiva crítica. *Caderno Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 53, n. 1, p. 59-71, jan./jun. 2011.

SCLIAR-CABRAL, L. Psicolinguística: uma entrevista com Leonor-Scliar Cabral. *ReVEL*. v. 6, n. 11, agos. 2008.

SCLIAR-CABRAL, L. *Introdução à Psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1991.

SEARLE, J. Metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 92-123,

SERRANO, C. O imaginário e o sentido apotropaico no simbolismo gráfico da arte africana. *Perspectiva sobre Angola*. Coimbra, Departamento de Antropologia. Publicado pelo Centro de Estudos Africanos, n. 18, p. 19-24, 2000.

SERRANO, C. Símbolo do poder nos provérbios e nas representações gráficas mabaya manzangu dos bawoyo de Cabinda-Angola. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, v. 3, p. 137-146, 1993.

SILVA SINHA, V.; SINHA, C.; ZINKEN, J., SAMPAIO, W. “When Time is not Space: The social and linguistic construction of time intervals in an Amazonian culture.” *Journal of Pragmatics*, 2009.

SILVA, A. S. Linguagem, cultura e cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: SILVA, A. S. da; TORRES, A. ; GONÇALVES, Miguel (Orgs.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, v. I, p. 1-18, 2004.

SILVA, E. T. da. *Leitura na escola e na biblioteca*. 3. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1991.

SIMÃO, P.; Luzayisu lwa ntete (Prefácio). In: KUNZIKA, E. *Dicionário de provérbios kikongo: traduzidos e explicados em português, francês e inglês*. Luanda: editorial Nzila Lda, 2008. p. 9-13.

SMITH, F. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SOUTO MAIOR, F. *Quem cala, consente*. 2005. Disponível em: <<http://guiadoestudanteabril.com.br/aventuras-história/quem-cala-consente-434009.shtml>>.

Acesso em: 19 abr. 2014.

SOUZA, A. C. A memória de trabalho do processamento de metáfora: reflexões teóricas. *Working papers em linguística*, UFSC, n. 7, p. 106-120, 2003.

SOUZA, A. C. Protocolos verbais: uma metodologia na investigação de processos de leitura. In: TOMITCH, L. M. B. (Org.). *Aspectos cognitivos e instrucionais da leitura*. Bauru, SP: EDUSC, 2008.

SWINNEY, D.; CUTLER, A. "The access and processing of idiomatic expressions". *Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour*, n. 18, p. 645-659, 1979.

TALMY, L. Figure and Ground in Complex Sentences. In: GREENBERG. *Universals of Human Language*. Syntax. Stanford, Calif: Stanford University Press, 1978. v. 4. p. 625-49.

TALMY, L. Force dynamics in language and cognition. *Cognitive Science*, v. 12, p. 49-100, 1998.

TEIXEIRA, J. Methaphors, we li(n) e by: metáfora, verdade e mentira nas línguas naturais. *Revista Galega de Filoloxia*, p. 201-235, 2013.

TURNER, M. *The literary mind: the origins of thought and language*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

VALENTE, J. F. *Paisagem africana* (Uma tribo angolana no seu fabulário). Luanda: Instituto de investigação científica de Angola, 1973.

VAN DIJK, A.; KINTSCH, W. *Strategies of discourse comprehension*. New York: Academic Press, 1983.

VAZ, J. M. *Filosofia tradicional dos Cabinda*. Lisboa: Agência-geral do Ultramar, 1969. v. 2.

VENCLOVSKÁ, N. *Animais nos provérbios portugueses*. CIDADE: Brno, 2010.

VERGANI, T. Um discurso conjugal em relevo: para uma descodificação posicional das figuras esculpidas nos Maboia Manzangu de Cabinda. *Revista Internacional de Estudos Africanos*, v. 8, p. 93-155, 1988.

WATTS, R. J. *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. Disponível em: <<http://cjsonline.ca/pdf/politeness.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

XATARA, C. M.; SUCCI, T. M.. Revisitando o conceito de provérbio. *Veredas on-line*, v. 1, p. 33-48, 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo3.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2014.